



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - DINTER EM
EDUCAÇÃO- UFBA**

TÁSSIA DE SOUZA CAVALCANTI

**AS RACIALIZAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS
JOGADORAS DE FUTEBOL DA COPA LORETA VALADARES**

SALVADOR

2024

TÁSSIA DE SOUZA CAVALCANTI

**AS RACIALIZAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS
JOGADORAS DE FUTEBOL DA COPA LORETA VALADARES**

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE- UFBA), da Faculdade de Educação (Faced), Salvador, para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura Corporal e Lazer

Orientador: Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Cavalcanti, Tássia de Souza.

As racializações de gênero nas histórias de vida das jogadoras de futebol da Copa Loreta Valadares [recurso eletrônico /Tássia de Souza Cavalcanti. - Dados eletrônicos. -2024.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Educação, Salvador, 2024.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Relações raciais - Gênero. 2. Racialização. 3. História de vida. 4. Futebol feminino. 5. Copa do mundo (Futebol). 6. Valadares, Loreta, 1943-2004. I. Abrahão, Bruno Otávio de Lacerda. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação. III. Título.

CDD 305. 8 - 23. ed.

TÁSSIA DE SOUZA CAVALCANTI

AS RACIALIZAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS JOGADORAS DE FUTEBOL DA COPA LORETA VALADARES

Tese submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE- UFBA), da Faculdade de Educação (Faced), Salvador, para a obtenção do título de Doutora em Educação.

APROVADA EM 19/12/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 INEILDES CALHEIRO DOS SANTOS
Data: 08/01/2025 14:51:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. INEILDES CALHEIRO DOS SANTOS

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
 LUIZA AGUIAR DOS ANJOS
Data: 08/01/2025 15:37:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. LUIZA AGUIAR DOS ANJOS

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
 LUCAS MAROTO MOREIRA
Data: 08/01/2025 19:13:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. LUCAS MAROTO MOREIRA

Examinador externo ao Programa

Documento assinado digitalmente
 CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JÚNIOR
Data: 08/01/2025 16:31:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JÚNIOR

Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 BRUNO OTÁVIO DE LACERDA ABRAHÃO
Data: 08/01/2025 14:25:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. BRUNO OTÁVIO DE LACERDA ABRAHÃO

Presidente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe (em memória) por me incentivar e me inspirar em todos os momentos da minha trajetória pessoal e profissional.

Dedico a todas as interlocutoras e interlocutores que compartilharam suas experiências no futebol e que me ensinaram caminhos de crescimento coletivo e de comprometimento ético.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que direta e indiretamente colaboraram para a realização desta pesquisa. Em especial, às interlocutoras e aos interlocutores que são coautores e coautoras desta tese.

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos, como músicas, com seus pés, como dançarinas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem o censor apagar as suas centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Desenterrem a voz que está soterrada dentro de vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para ter seus nomes impressos (ANZALDÚA, 1981, p.235).

CAVALCANTI, Tássia de Souza. As racializações de gênero nas histórias de vida das jogadoras de futebol da Copa Loreta Valadares 135f. 2024. Tese (DINTER em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

Esta tese, trata-se de um estudo que analisou os itinerários no futebol das participantes de uma competição realizada na cidade de Salvador-BA. Destacamos as lacunas na história de participação das mulheres nos esportes, na qual não eram incluídas as experiências de mulheres de classes populares, negras e lésbicas sendo estas, sistematicamente invisibilizadas e apagados seus protagonismos nas lutas em prol do desenvolvimento do futebol tanto no cenário nacional como regional. A presença dessas jogadoras questiona os lugares e discursos que reafirmam uma feminilidade normativa, constituída pela reprodução de um padrão racialmente branco e cisheteronormativo regulado pela colonialidade de poder e de gênero. Os marcos teóricos que balizaram a tese foram as perspectivas anticoloniais, decoloniais, feministas e os estudos culturais e suas interrelações com o esporte e o lazer. Analisamos as questões de gênero a partir das histórias de vidas das jogadoras participantes da Copa Loreta Valadares. Como forma de evidenciar esses aspectos, recorreremos ao método narrativo, a partir da realização de entrevistas com as jogadoras aliada ao questionário respondido por membros das comissões técnicas das equipes participantes e uma entrevista realizada com uma das integrantes da comissão organizadora do evento. Ademais, utilizamos a observação participante, análise documental, revisão da literatura específica e um questionário sociodemográfico visando apreender como se organizava no contexto baiano, o futebol de mulheres. Nos resultados, evidenciamos os padrões coloniais racistas e cisheteronormativos que modulavam os contextos socioculturais e regulavam as experiências das jogadoras condicionando a prática do futebol à condição de lazer. A vivência do futebol nas equipes e projetos sociais possibilitaram ressignificações e transformações nos processos de racialização de gênero, mobilizados por processos educativos, nos quais as jogadoras se percebiam enquanto sujeito coletivo. A Copa Loreta Valadares representou um momento de ruptura frente a realidade de dificuldades e desinteresses de instituições públicas e privadas no que tange ao desenvolvimento do futebol feminino no cenário baiano ao valorizar essas equipes, estimulando a continuidade destes projetos, bem como, contribuindo para a construção do horizonte de profissionalização nos itinerários das participantes.

Palavras chave: Racialização de gênero, Histórias de vida, Futebol feminino, Copa Loreta Valadares.

CAVALCANTI, Tássia de Souza. As racializações de gênero nas histórias de vida das jogadoras de futebol da Copa Loreta Valadares. 135f. 2024. Tese (DINTER em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

This thesis is a study that analyzed the football itineraries of the participants in a competition held in the city of Salvador-BA. We highlight the gaps in the history of women's participation in sports, which did not include the experiences of working-class, black and lesbian women, who were systematically made invisible and their leading roles in the struggles for the development of football were erased, both nationally and regionally. The presence of these players questions the places and discourses that reaffirm a normative femininity, constituted by the reproduction of a racially white and cisheteronormative standard regulated by the coloniality of power and gender. The theoretical frameworks that guided the thesis were anticolonial, decolonial, feminist perspectives and cultural studies and their interrelations with sport and leisure. We analyzed gender issues based on the life stories of the players participating in the Loreta Valadares Cup. In order to highlight these aspects, we used the narrative method, based on interviews with the players, combined with a questionnaire answered by members of the technical committees of the participating teams and an interview with one of the members of the event's organizing committee. In addition, we used participant observation, document analysis, a review of specific literature and a sociodemographic questionnaire to understand how women's soccer was organized in the context of Bahia. The results showed the racist and cisheteronormative colonial patterns that modulated the sociocultural contexts and regulated the experiences of the players, conditioning the practice of soccer to the condition of leisure. The experience of soccer in teams and social projects enabled resignifications and transformations in the processes of gender racialization, mobilized by educational processes, in which the players perceived themselves as a collective subject. The Loreta Valadares Cup represented a moment of rupture in the face of the reality of difficulties and neglect by public and private institutions regarding the development of women's football in the Bahian scenario by valuing these teams, encouraging the continuity of these projects, as well as contributing to the construction of the horizon of professionalization in the participants' itineraries.

Keywords: Gender racialization, Life stories, Women's football, Loreta Valadares Cup.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Evento lançamento Copa Loreta Valadares
FIGURA 2	Notícia da realização da 2ª edição da Copa Loreta
FIGURA 3	Jogo da etapa classificatória da 1ª edição da Copa
FIGURA 4	Campeãs 2ª edição da Copa
FIGURA 5	Transmissão Final 2022
FIGURA 6	Transmissão Final 2023
FIGURA 7	Notícia etapa classificatória (1ª edição)
FIGURA 8	Notícia etapa classificatória (1ª edição)
FIGURA 9	Divulgação da Copa nas mídias das equipes participantes (2ª edição)
FIGURA 10	Público presente na final da Copa 2022
FIGURA 11	Notícia patrocinadores do time Revelação
FIGURA 12	Publicação lançamento Copa (2ª edição)
FIGURA 13	Vista do pavimento superior do estádio Pituacú
FIGURA 14	Jogadora participante da Copa utilizando o kit individual
FIGURA 15	Início da primeira partida da 2ª edição da Copa
QUADRO 1	Equipes participantes da Copa Loreta Valadares- 2ª edição
FIGURA 16	Locais de treinamentos dos times
FIGURA 17	Divulgação rifa
FIGURA 18	Divulgação de contato para apoio financeiro
FIGURA 19	Postagem sobre transporte de torcedores de Santo Amaro
FIGURA 20	Tempo de prática no futebol
FIGURA 21	Faixa etária
FIGURA 22	Raça/Cor
FIGURA 23	Renda
FIGURA 24	Escolaridade
FIGURA 25	Orientação sexual
FIGURA 26	Participação na 1ª edição da Copa
FIGURA 27	Jogo das veteranas na final da 2ª edição da Copa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FBF	FEDERAÇÃO BAIANA DE FUTEBOL
CBF	CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL
FIFA	FEDERACION INTERNACIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION
SUDESB	SUPERINTENDÊNCIA DE DESPORTOS DA BAHIA
SETRE	SECRETARIA DE TRABALHO E EMPREGO E RENDA
PC DO B	PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
TVE BA	TV EDUCATIVA DA BAHIA
LGBT	LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS E TRANSEXUAIS
UEFA	UNION OF EUROPEAN FOOTBALL ASSOCIATIONS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
FC	FUTEBOL CLUBE
BID	BOLETIM INFORMATIVO DIÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CONTEXTO HISTÓRICO DA COPA	19
1.1 FALA DOS/AS GESTORES/AS	20
1.2 DIVULGAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS E REGULAMENTOS DA COPA LORETA VALADARES	26
1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
2. A COPA LORETA VALADARES	43
2.1 EQUIPES PARTICIPANTES	48
2.1.1 Arvoredo “Ser mulher e jogar futebol é resiliência”	50
2.1.2 Baba das minas “Futebol feminino é estilo de vida”	51
2.1.3 Batgirl	51
2.1.4 Gladiadoras	52
2.1.5 Grêmio	52
2.1.6 Madre	52
2.1.7 Mancha Verde	53
2.1.8 Metropolitanas	53
2.1.9 Minas de Ouro	54
2.1.10 Minas do Futebol Capelão	54
2.1.11 Misturadas “Amor e alegria em jogar futebol”	55
2.1.12 Ponte Preta “Faça a vida um jogo de futebol, chute as tristezas, drible as dificuldades e marque gols de alegria”	55
2.1.13 Real Itapuã “A referência do futebol em Salvador”	56
2.1.14 Remo	56
2.1.15 Revelação	57
2.1.16 Saracity	57
2.2 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS EQUIPES	58
2.3 AVALIAÇÃO DA COPA LORETA PELAS COMISSÕES TÉCNICAS	62
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
3. HISTÓRIAS DE VIDA NO FUTEBOL: ITINERÁRIOS PELAS JOGADORAS	65
3.1 HISTÓRIAS DE VIDA NO FUTEBOL	65

3.2 SOBRE A INSERÇÃO DA PESQUISADORA NA APRESENTAÇÃO E PERCEPÇÃO DAS HISTÓRIAS E QUESTÕES DE GÊNERO ELENCADAS	
3.3 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES DA COPA	70
3.3.1 Trajetória de Nélia	79
3.3.2 Trajetória de Ana	90
3.3.3 Trajetória de Taiane	101
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
4. CONCLUSÃO	114
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICES	
A ROTEIRO DE ENTREVISTA DAS JOGADORAS	125
B QUESTIONÁRIO DAS COMISSÕES TÉCNICAS	127
C ROTEIRO DE ENTREVISTA DA COMISSÃO ORGANIZADORA	129
D QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	130
E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	132

INTRODUÇÃO

A tese intitulada: *As racializações de gênero nas histórias de vida das jogadoras de futebol da Copa Loreta*, trata-se de um estudo que analisou os itinerários no futebol das participantes de uma competição realizada na cidade de Salvador-BA.

O futebol enquanto uma expressão cultural mobiliza discursos e saberes que historicamente colocaram as mulheres em situação de desigualdade, seja de acesso, de incentivos financeiros e de representação social, uma vez que se constituiu como prática corporal de hegemonia masculina (BROCH, 2021). A proibição por termos legais da prática por 40 anos no território nacional, instituídas a partir do ano de 1941, pelo artigo 54 do Decreto-Lei de número 3.199, assinado por Getúlio Vargas, no qual estava disposto que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, e que vigorou até o ano de 1979, simboliza um marco importante na representação social do futebol para as mulheres, bem como, para as praticantes da modalidade.

Goellner (2012) assinala que a história da participação das mulheres nos esportes foi ampliada no Brasil apenas nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, estas se fizeram presentes nos eventos esportivos desde a segunda metade do século XIX, nas arquibancadas como espectadoras, associadas a símbolos de beleza nos eventos pelos atributos estéticos e corporais. Apenas algumas modalidades eram atribuídas como adequadas aos corpos femininos pois eram associadas às características biológicas próprias das mulheres como a beleza, a delicadeza e a fragilidade, sendo então proibidas as práticas corporais que não evidenciassem tais qualidades.

Destacamos que esta versão da história não incluía as experiências de mulheres negras e de classes populares, as quais não são atribuídas socialmente estas características, sendo sistematicamente invisibilizadas e apagados seus protagonismos e lutas em prol do desenvolvimento dos esportes, entre estes o futebol, tanto no cenário nacional como regional.

O futebol vivenciado por essas meninas e mulheres questiona os lugares e discursos que reafirmam uma feminilidade normativa (GOELLNER, 2015), constituída pela reprodução de um padrão racialmente branco e cisheteronormativo regulado pela colonialidade de poder e de gênero.

Nesta tese, corroboramos com outros estudos nos quais os marcadores sociais de raça e classe foram determinantes na constituição do perfil das mulheres praticantes de

futebol (MARTINS, SILVA E VASQUEZ, 2021). Nesse contexto, acrescentamos o marcador de sexualidade, sublinhando que as mulheres pobres, negras e lésbicas são as que mais se inseriram nesta prática, ainda que nos esportes em geral, essa lógica fosse invertida, tendo um engajamento maior por parte das mulheres brancas e de classe média/alta.

Esta investigação esteve pautada em perspectivas teóricas anticoloniais, decoloniais, feministas e nos estudos culturais e suas interrelações com o esporte e o lazer. Desta forma, analisamos a partir das histórias de vidas das participantes da Copa Loreta Valadares, os processos mobilizados nas relações de gênero vivenciadas nessa prática corporal. Nesse sentido, nos indagamos sobre as seguintes questões:

Quais valores culturais promovidos pela realização deste campeonato foram/são determinantes para a adesão e permanência das jogadoras nessa prática corporal de dominação masculina? Como são operadas as racializações de gênero produzidas nos discursos e práticas vivenciados pelas participantes deste/neste evento? Quais os significados construídos pelas jogadoras em torno da sua participação neste evento? Quais identidades/feminilidades foram/são forjadas nesse contexto?

O futebol forjado pelas jogadoras, bem como, pelas equipes e/ou projetos sociais participantes da Copa, traduz-se num lócus de produção e reprodução de feminilidades dissidentes, no qual são mobilizadas tensões e enfrentamentos às opressões de gênero, raça e sexualidade se constituindo enquanto uma prática educativa transgressora e libertária (FREIRE, 2023).

Nesse contexto, discutimos a construção do conceito de modernidade para as populações não-brancas e sua participação na formação social brasileira. Mais especificamente, assinalamos o processo de desenvolvimento desigual e dependente que caracterizou o capitalismo no país, submetendo às mulheres negras a uma condição de tripla discriminação: enquanto raça, classe e gênero (GONZALÉZ, 2020). Assim, discutimos o conceito de racialização de gênero, expresso pela produção de feminilidades subalternizadas operadas no contexto da prática do futebol. Desta forma, são regulados os processos de exploração e desumanização da população negra pelo padrão colonial que historicamente diversos grupos foram submetidos na constituição do país enquanto nação.

Esta pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE/UFBA), a partir de um DINTER com o IFSertão PE (Doutorado Institucional com o Instituto Federal do Sertão Pernambucano), no qual

atuo como psicóloga desde no ano de 2008. Inserida na linha de pesquisa, Educação, Cultura Corporal e Lazer e em consonância com os princípios norteadores de uma “*práxis* educativa como mediação dos processos de constituição do sujeito e formas singulares na sociedade, bem como, a pluralidade, a diversidade e a diferença como pressupostos da educação contemporânea.”¹

Relacionada a uma trajetória acadêmica iniciada no mestrado onde fui iniciada no debate de gênero a partir das práticas esportivas e de lazer. Naquele momento, buscamos refletir sobre as construções de empoderamento agenciadas pelas participantes de um grupo de ciclismo urbano liderado por mulheres. Nesse contexto, corroboramos com as perspectivas feministas e nos estudos culturais que reconhecem o esporte e o lazer enquanto fenômenos socioculturais nos quais as normas de gênero podem ser ressignificadas nos discursos, práticas e sentidos que mobilizam a autonomia e protagonismo das participantes, sobretudo, a partir das relações de solidariedade compartilhadas nos grupos investigados, localizados na região do Vale do São Francisco (CAVALCANTI ET AL, 2019). Esse campo de estudos considera a centralidade da perspectiva de gênero enquanto uma forma primeira de atribuir sentido às relações poder ao estruturar as diferenças biológicas e socioculturais expressas pelos pólos masculino e feminino, mas especialmente, ao constituir diversas esferas do conhecimento (SCOTT, 1999).

Ademais, ressaltamos a relevância social e política dos estudos de gênero no âmbito das práticas corporais, enfatizando a carência de estudos a nível nacional que considerem as experiências de mulheres negras situadas nas regiões norte e nordeste em práticas consideradas de hegemonia masculina como o futebol.

Nos estudos realizados não são evidenciadas as experiências das jogadoras negras, nem tampouco os processos de racialização operados na vivência da modalidade, ainda que sejam assinaladas diversas situações nas quais as normas de gênero incidiam sobre os corpos femininos. Nesse sentido, nos debruçamos neste estudo sobre os processos de racialização de gênero, ou seja, como a partir da colonialidade de poder e de gênero, se organizavam as relações de gênero na produção de subalternidades e identidades femininas estigmatizadas como das jogadoras negras e lésbicas no futebol de mulheres. E, de forma mais aprofundada, analisamos a influência desses padrões culturais coloniais nas diversas formas de acesso e permanência das praticantes ao futebol.

¹ <https://pgedu.faced.ufba.br/pt-br/historico>

A partir da realização das duas edições da Copa Loreta Valadares, um evento que reuniu um contingente expressivo de jogadoras e que mobilizou diversos agentes sociais responsáveis pela promoção e desenvolvimento do futebol no contexto baiano foi possível construir um panorama desta prática corporal vivenciada neste território, bem como, destacar nas suas trajetórias pessoais e/ou profissionais seus protagonismos, lutas e conquistas.

Recorremos ao método narrativo² pela profundidade alcançada, em relação à construção das identidades protagonizadas pelas participantes inseridas nessa prática de domínio masculino, mas também, pela necessidade de identificar as estruturas e os contextos históricos e sociais que ancoram essas histórias de vida, analisando os fatores que mobilizam as mudanças e orientam suas ações na vivência da modalidade.

Realizamos 14 entrevistas narrativas com as participantes das duas edições da Copa Loreta Valadares, das quais optamos por apresentar as trajetórias das três jogadoras que reuniram as temáticas mais recorrentes nas narrativas construídas, incluindo a participação na Copa Loreta Valadares. A partir disso, elaboramos reflexões sobre as questões de gênero seguindo o percurso temporal dos itinerários no futebol construídos pelas jogadoras tendo como plano de fundo recortes das histórias das demais. Assim, elaboramos modelos teóricos sobre as trajetórias das praticantes pertencentes a três gerações distintas, evidenciando as semelhanças e as singularidades nas narrativas construídas, bem como, mapeamos os contextos socioculturais que modularam seus itinerários e os significados do futebol. Aliada às entrevistas narrativas, utilizamos um questionário sociodemográfico respondido pelas participantes no qual delineamos um perfil das jogadoras participantes da Copa na segunda edição.

Na etapa inicial realizamos uma análise documental a partir das reportagens sobre o evento e nas mídias digitais das equipes e órgãos responsáveis pela promoção da Copa. Nesta etapa, incluímos os regulamentos da competição e uma ata da assembleia legislativa do estado que tratava de uma audiência realizada sobre o futebol feminino no contexto baiano.

Na pesquisa de campo, utilizamos a técnica de observação participante, além de um questionário respondido pelos membros das comissões técnicas dos times

² (COSTA E SANTOS, 2020)

participantes e uma entrevista realizada com uma das integrantes da comissão organizadora da Copa, a gestora Dilma Mendes.

A tese foi organizada em 3 capítulos com a seguinte estrutura: No capítulo 1, analisamos o contexto histórico da Copa, buscando a partir de uma análise documental, apreender os valores socioculturais que permearam a realização deste evento. Mapeamos os acontecimentos que culminaram na realização da primeira edição da Copa Loreta Valadares, realizada no ano de 2022 na cidade de Salvador, utilizando como fontes: reportagens sobre o evento publicadas em 2019, bem como, do mesmo ano, uma ata da assembleia legislativa da Bahia, no qual foi realizada uma audiência sobre o futebol feminino no estado, e, informações produzidas pela entrevista realizada com uma das integrantes da comissão organizadora do evento, a gestora Dilma Mendes.

No capítulo 2, discorreremos sobre a Copa Loreta Valadares, apresentamos as equipes, participantes, suas principais dificuldades e desafios para a manutenção da modalidade no estado. Ademais, evidenciamos a repercussão da Copa no cenário vivenciado por esses agentes sociais.

No capítulo 3, delineamos o perfil das participantes da competição a partir de dados obtidos pelo questionário sociodemográfico respondido pelas jogadoras de todas as equipes participantes na 2ª edição do evento e analisamos as trajetórias de três jogadoras de gerações distintas, demonstrando as convergências e divergências entre as narrativas construídas, bem como, evidenciamos as repercussões da Copa nos seus itinerários e os significados do futebol construídos a partir dessas experiências.

Concluimos sublinhando o potencial da Copa para a construção de políticas públicas voltadas ao esporte e lazer, bem como, destacando sua repercussão nas trajetórias das participantes que contribuíram para o fortalecimento dos movimentos de autodefinição das populações marginalizadas socialmente ao mobilizar alianças e coalizões políticas entre diversos agentes sociais envolvidos com a manutenção e o desenvolvimento do futebol no estado.

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética e pesquisa sob CAAE 75569023.6.0000.8052 e possui autorização dos/as interlocutores/as.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DA COPA

A Copa Loreta Valadares, competição de futebol praticado por mulheres, foi realizada em 2022 e 2023 em Salvador a partir de iniciativa estatal através da ação coordenada da SETRE (Secretaria de Trabalho e Emprego e Renda), em conjunto com a SUDESB (Superintendência de Desportos da Bahia) e a FBF (Federação Bahiana de Futebol) com o comprometimento de consolidar na região uma política pública no enfrentamento às desigualdades de gênero no esporte.

O nome dado à Copa não é fortuito. É uma forma de homenagear à Loreta Valadares, integrante do partido PC do B (Partido Comunista do Brasil). Mulher, feminista, branca, professora da UFBA, falecida em 2004, deputada federal baiana, responsável pela emenda parlamentar que possibilitou a realização do evento idealizado para celebrar seu legado de luta no partido. Ainda que não tenha se destacado no âmbito esportivo, a militante Loreta Valadares teve protagonismo no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero impostas pelo patriarcado, sobretudo no contexto da ditadura militar, conforme destacado no texto veiculado pelas nas mídias sociais. Desta forma, vislumbramos as diferentes coalizões que foram mobilizadas para que a Copa fosse realizada. Um evento gestado a partir do protagonismo e da luta de mulheres em diversos âmbitos.

O apagamento das mulheres e do futebol praticado por elas se constitui como uma das características marcantes na história nacional deste esporte (MORAES, 2012; PISANI, 2012; GOELLNER, 2013; VIEIRA, 2022). A imposição à invisibilidade social, traduzidas na ausência de investimentos financeiros e de infraestrutura que promovam o desenvolvimento da modalidade, bem como, na falta de seriedade e intencionalidade que fazem com que essa prática não seja percebida enquanto um horizonte, ou seja, uma possibilidade concreta de futuro, de profissionalização para as praticantes, se revela e se potencializa quando se entrecruzam os marcadores de gênero, classe, raça e sexualidade:

Se, amparada em formulações da eugenia, havia uma intencionalidade de gerenciamento demográfico (redução das populações negras e empobrecidas do país), por qual razão se proibiria uma prática espontânea que culminaria, justamente, na esterilização das mulheres pertencentes aos grupos que se pretendia reduzir? **Talvez o que estivesse em causa fosse menos sua função reprodutiva e mais a projeção midiática e o reconhecimento social conseguidos por mulheres negras e suburbanas que questionavam a “essência feminina”, “naturalmente” frágil (grifo nosso) (VIEIRA, 2022, p.73).**

Considerando a realização desta competição que coloca em destaque o protagonismo da mulher no futebol, produto de uma sociedade que o reconheceu como campo da masculinidade, questiona-se: quais significados assumem idealização da Copa Loreta Valadares? O objetivo deste capítulo é compreender as motivações da produção do evento. Nossas fontes são as entrevistas dos promotores, bem como, os conteúdos e registros visuais produzidos nas mídias sociais e jornalísticas sobre o torneio.

1.1 AS FALAS DOS/AS GESTORES/AS

Segundo a integrante da comissão organizadora e uma das principais atletas do estado da Bahia, a ex-jogadora e atual técnica da seleção feminina de futebol de sete do Brasil, a pioneira Dilma Mendes, esse evento vem sendo gestado desde o ano de 2014, quando ela e um grupo de ex-jogadoras, pioneiras do futebol baiano, as técnicas Laura e Rosana Viegas buscaram apoio da deputada Olívia Santana, que nesse ano estava a frente da Secretaria de Políticas para as Mulheres e logo depois assumiu a Secretaria de Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, a SETRE, órgão responsável pela realização da primeira edição do evento.

Em 2014, surgiu essa vontade, esse sonho. A gente faz parte de um grupo, eu particularmente faço parte de um grupo que é do desenvolvimento do futebol feminino na Bahia. E quando nós tivemos a oportunidade de ir numa reunião com a deputada estadual Olívia Santana, que na época, ela era secretária do Trabalho e Renda do estado. E aí nós tivemos a oportunidade de conversar com ela, solicitando justamente esse apoio ao futebol feminino da Bahia. Porque a gente acredita que tanto projetos como o trabalho que é desenvolvido na Várzea precisavam de oportunidade. E a gente, na verdade, na Bahia, a gente tem só o Campeonato Baiano e de certa forma ele divide, elitiza essa situação da participação.

No ano de 2019, encontramos algumas matérias nas mídias, divulgando o evento, como a publicada pelo jornal A tarde, onde foi destacada a seguinte fala da então eleita, nesse mesmo ano, a deputada estadual Olívia Santana:

Os times de futebol feminino estão presentes em vários municípios da Bahia e nos bairros de Salvador, contudo a falta de visibilidade e de investimento colabora para esse cenário de precariedade. É preciso combater à discriminação de gênero no ambiente esportivo, especialmente no futebol.

Na publicação é destacada a fala da gestora Dilma Mendes onde ressalta o quantitativo de equipes de futebol que existem no território baiano e o desejo de consolidar o evento enquanto uma política pública no estado da Bahia: “Hoje existem 166

equipes femininas da modalidade atuando em vários municípios do estado. Considero este projeto piloto da Copa Loreta Valadares uma importante sementinha para que no futuro tenhamos um programa de estado no apoio ao futebol feminino”.

A segunda matéria destacada foi publicada no mesmo ano pela SUDESB, no site do governo, no qual, trata a reunião com as ex -jogadoras citadas na matéria anterior, com o intuito de planejar os detalhes da competição prevista para ocorrer ainda no segundo semestre deste ano. A iniciativa de construir uma competição regional é reforçada pela fala do então diretor geral do órgão onde a matéria foi publicada, Vicente Neto:

Observamos que existe uma lacuna importante no apoio ao futebol feminino de um modo geral. Um déficit reconhecido pela própria Federação Bahiana de Futebol (FBF). Assim, nossa gestão decidiu implementar uma política de apoio de forma mais sistemática, trazendo para perto a experiência dessas gestoras de futebol aqui presentes.

Vieira (2022, p.93) ressalta essas movimentações protagonizadas pelas atletas, neste caso, de ex-atletas, que ainda de forma isolada, promovem transformações e avanços nas pautas reivindicadas.

No Brasil, os movimentos articulados para uma representação coletiva das mulheres atletas no jogo político do esporte são ainda recentes, escassos e descontínuos, o que, por vezes, dificulta a localização de um projeto compartilhado. Entretanto as movimentações das atletas, mesmo marcadas pela descontinuidade, pela aparente individualidade e pelas alianças eventuais, parecem provocar deslocamentos e reorganizações no campo de disputas que as fazem avançar no desejo de jogar futebol e de, nele, fazerem uma vida outra.

Um outro ponto destacado em relação às alianças entre diversos personagens, em sua maioria mulheres, localizadas nos âmbitos sociais, institucionais e políticos que culminaram na realização do evento, citados na matéria publicada no ano de 2019, se refere ao recurso destinado a execução da primeira edição, concedido pela deputada federal baiana Alice Portugal.

Em todas as publicações de divulgação do evento foram demarcadas a história de luta da integrante do partido PC do B (Partido Comunista do Brasil), Loreta Valadares que nomeia a competição, conforme texto reproduzido:

Loreta Valadares – Loreta Kiefer Valadares nasceu em Porto Alegre (RS), em 1943. Feminista e ativista política que lutou contra a ditadura militar instalada no Brasil em 1964, mudou-se com a família para Salvador quando tinha seis anos. Na ditadura, foi presa política e exilada, retornando ao Brasil em 1980, momento em que se tornou professora de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, cargo ocupado até sua aposentadoria.

A homenagem do partido a feminista, branca, professora da UFBA, falecida em 2004, do qual faz parte a deputada federal baiana, responsável pela emenda parlamentar que possibilitou a realização do evento foi feita com o intuito de celebrar seu legado de luta no partido. Ainda que não tenha se destacado no âmbito esportivo, a militante Loreta Valadares teve protagonismo no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero impostas pelo patriarcado, sobretudo no contexto da ditadura militar, conforme destacado no texto veiculado pelas nas mídias sociais. Desta forma, vislumbramos as diferentes coalizões que foram mobilizadas para que a Copa fosse realizada. Um evento gestado a partir do protagonismo e da luta de mulheres em diversos âmbitos.

Nesse contexto, sublinhamos mais um acontecimento ocorrido no ano de 2019 que evidenciou as tensões e enfrentamentos vivenciados no período anterior à realização desse evento. Para isso, trazemos alguns trechos descritos na ata de reunião da Assembleia legislativa da Bahia, ocorrida em 27 de junho de 2019. Solicitada enquanto uma sessão especial convocada pela Comissão dos Direitos da Mulher, presidida pela então deputada estadual pelo partido PC do B, Olívia Santana, que tinha como objetivo: “debater sobre políticas de valorização do futebol feminino” (p.01).

É importante destacar que nesse mesmo período, de junho a julho de 2019, estava sendo realizada a Copa do Mundo de futebol feminino, sediada na França, fato citado na ata pela deputada e que contribui para o reforço e relevância das mobilizações em torno desta temática no estado baiano.

Estavam presentes e compondo a mesa do plenário diversas autoridades como: o Secretário do Trabalho Emprego Renda e Esporte (SETRE), Davidson Magalhães, o Superintendente da SUDESB, Vicente Neto, as Deputadas Maria del Carmen e Jusmari Oliveira, a técnica e treinadora da Seleção Brasileira Feminina de Futebol 7, Dilma Mendes, a jornalista e apresentadora da TVE, Ayana Simões, a Coordenadora dos Direitos Humanos da Defensoria Pública, Dr.^a Livia Almeida, o Vice-presidente da Federação Baiana de Futebol, Manfredo Lessa e a a jogadora do Esporte Clube Vitória, Tainara Silva, convidada pela presidente da sessão a ocupar um lugar de destaque na mesa uma vez que o objetivo central deste momento seria realizar: “uma sessão dedicada às jogadoras de futebol feminino, aos clubes de futebol feminino e é um momento das autoridades públicas ouvirem, conhecerem e valorizarem as vozes que chegam deste campo”(p.02). Além destes, são citados na ata no decorrer da sessão diversos representantes de equipes de futebol do estado, bem como secretários de esporte

municipais, empresas privadas, profissionais da área esportiva e atletas de futebol feminino.

Destacaremos algumas das falas dos/as participantes deste momento com o intuito de contextualizar as repercussões na organização e realização da Copa Loreta Valadares, bem como, demarcar as disputas e entraves no desenvolvimento do futebol de mulheres na Bahia.

O Secretário da SETRE foi o primeiro a ter a fala, que foi ecoada pelas falas das demais autoridades e representantes da sociedade civil presentes na assembleia. Inicialmente foi lembrado o período de proibição do futebol na história do país e a desigualdade existente entre as modalidades masculina e feminina em praticamente todas as falas. Inclusive, em diversos contextos sociais, conforme consta na ata, a casa legislativa da Bahia contava com apenas 10 mulheres num universo de 63 parlamentares.

A necessidade de investimentos nas equipes tanto pela rede pública como das empresas privadas foi demandada, com foco no “produto futebol feminino”, assim como, nas categorias de base e na profissionalização das atletas que vivenciam a modalidade no estado. Tanto o secretário Davidson Magalhães como a maioria dos/as presentes na sessão que tiveram fala, assumiram e reafirmaram seu compromisso em buscar mais apoio na busca de avanços no futebol feminino.

Buscamos demonstrar com isso que as instâncias de poder que influenciaram diretamente na realização e formulação do evento, ainda são majoritariamente ocupadas por homens, explicitando sobretudo, seus discursos e as repercussões nos rumos das políticas de esporte e lazer, em especial no futebol de mulheres.

Portanto, quero afirmar aqui o compromisso nosso, não só com todas as modalidades, mas, especialmente, no futebol feminino. Vamos lançar um grande programa de iniciação esportiva nessa área do esporte feminino, talvez, o maior programa nacional de iniciação esportiva na área do futebol feminino. E vamos lançar isso junto com a Secretaria da Mulher, precisamos articular a Assembleia Legislativa para que as deputadas, também, na discussão do orçamento, nos brinde com apoios orçamentários no processo de debate aqui sobre um orçamento público para o esporte, para que nós tenhamos políticas cada vez mais afirmativas.

O Superintendente Vicente Neto, diretor da SUDESB, acrescentou alguns aspectos que retratam o cenário do esporte no Brasil e a postura do governo do estado frente à situação de precarização operada a nível nacional em relação ao esporte.

A Bahia é o único estado da federação com um sistema estadual de esporte em funcionamento. Nós termos construído, durante uma década, um sistema nacional de esporte e lazer, e vemos, em dois anos, o sistema desmoronar... desmoronar o Sistema Nacional de Desporto e de Esporte e Lazer, como num passe de mágica, com uma política pública recém-construída, e que foi alvo do ataque dessas forças que não gostam do esporte, não gostam do lazer. E, num efeito cascata, os estados foram desmontando as suas estruturas de secretarias, de conselhos estaduais, de fundos estaduais. E nós temos hoje apenas um estado com o sistema pleno em funcionamento, que é a Bahia.

Por último destacamos a fala do então vice- presidente da Federação Bahiana de Futebol, Manfredo Lessa, que nos revelou, na contramão dos/as demais participantes, como tem sido tratada as demandas sobre o futebol de mulheres por essa instituição.

Então, isso tudo, deputada, no nosso modo de entender, faz parte, como coloquei, da evolução do futebol feminino. O futebol feminino, hoje, é uma realidade. Como foi colocado anteriormente, a CBF já está se adequando a dispositivos da FIFA, no sentido de montar as suas seleções femininas de divisão de base. E, da mesma forma que o futebol masculino, num determinado momento, foi essencialmente amador e hoje é profissional – porque o futebol se tornou um dos mercados, um dos produtos mais valiosos do mundo e a gente vê no nosso dia a dia as transações bilionárias e trilionárias dos jogadores de futebol –, eu tenho certeza de que o futebol feminino vai conquistar seu espaço. Agora, isso é um processo evolutivo, um processo de construção. Isso é um processo em que se precisa ter paciência e perseverança (grifo nosso).

De acordo com o estatuto interno, reformulado em 2017, no seu artigo 5, a FBF é filiada à (Confederação Brasileira de Futebol) - CBF. No inciso 1º destaca suas atribuições frente à CBF, sendo a única entidade autorizada, de forma exclusiva, a dirigir e controlar o futebol no território do Estado da Bahia, tanto de natureza profissional quanto não profissional. Na sua fala o então vice presidente da FBF enfatiza que o futebol feminino segue na esteira do desenvolvimento do futebol masculino e assim que este se desenvolva, o futebol feminino “naturalmente”, num processo de evolutivo, acompanhará esse movimento, ou seja, que o futuro do futebol de mulheres depende dos investimentos e do crescimento do futebol hegemônico não só a nível nacional, mas também, internacionalmente pela atuação de instituições esportivas como a FIFA (Federação Internacional de Futebol)³. Apenas recentemente, a partir do ano de 2016, por força dessas instituições internacionais e através de seus dispositivos legais que pautas como a igualdade de gênero foram incluídas nos parâmetros e debates nas instituições esportivas vinculadas ao futebol profissional (VIEIRA, 2022).

³ Vieira (2022, p.91) apresenta um quadro explicativo sobre como se organizam essas instâncias hierárquicas no âmbito do futebol profissional.

Em mais um dos momentos da sua fala, o vice-presidente assumiu o compromisso de realizar um campeonato intermunicipal de futebol feminino envolvendo mais equipes do que o campeonato estadual, entretanto, nas edições realizadas nos anos de 2019, 2022, 2023 e 2024, apenas a modalidade masculina foi contemplada⁴.

Então, a federação irá realizar, sim, neste ano, o campeonato estadual. E nesta nova gestão, na nova diretoria da federação – da qual tenho muito orgulho de fazer parte e que assumiu em janeiro deste ano –, **nós temos como projeto fazer o campeonato baiano intermunicipal de futebol feminino porque entendemos que o campeonato intermunicipal é um produto mercadológico tão ou mais forte do que o campeonato baiano (grifo nosso)**. Porque, enquanto no campeonato baiano da série A nós temos 10 equipes disputando, no campeonato intermunicipal, temos uma média de 64 ou 65 equipes, cada uma no seu respectivo município.

Nesse sentido, ponderamos que o interesse da FBF em promover o futebol feminino se devia prioritariamente pela imposição de requisitos para participação em campeonatos nacionais e continentais que são exigidos dos clubes de melhor projeção no estado. E, em segundo plano ou mesmo, mais importante, de obter um nicho mercadológico mais rentável para o “produto futebol feminino” em detrimento do caráter de democratização da modalidade, ou ainda, do compromisso no enfrentamento às desigualdades de gênero no futebol a partir da promoção de políticas públicas, presente nos discursos dos gestores da SETRE e SUDESB.

Vieira (2022) assinala que a maior parte dos investimentos do futebol de mulheres tem sido protagonizada por iniciativas estatais a partir do patrocínio nos campeonatos, na elaboração de políticas públicas voltadas a transferência de renda como o programa bolsa atleta, além da participação na manutenção da modalidade após o período de 38 anos (1941-1979) de proibição oficial da prática no país.

Todas essas mobilizações em torno da realização da Copa Loreta Valadares e dos rumos do futebol de mulheres no estado baiano formaram o bojo das transformações sociais que estavam sendo operadas a nível local, mas que reverberavam movimentos nos âmbitos nacional e global. Nesse contexto, que se insere a pandemia de Covid-19 que assolou a população mundial nos anos de 2020 e 2021 fazendo com que esses itinerários sociais fossem colocados à prova, por imposição do isolamento, dos cuidados sanitários e da incerteza sobre o futuro enquanto humanidade frente ao potencial de destruição que

⁴ <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/pelos-estados/federacao-bahiana-de-futebol-abre-inscricoes-para-o-intermunicipal-202>

as epidemias, somadas a posturas políticas neoliberais e negacionistas adotadas pelo governantes, sobretudo no Brasil, levaram à morte milhares de pessoas.

No ano de 2022, foram retomadas gradualmente as atividades de forma presencial, e entre estas, foram incluídas as ações envolvendo o planejamento e realização da 1ª edição da Copa Loreta Valadares, no qual, buscamos analisar no próximo tópico desta tese, os processos de divulgação pelas mídias da região, bem como, os regulamentos elaborados para a competição e demais materiais produzidos nos perfis oficiais do torneio, bem como, das redes sociais das equipes participantes da Copa.

1.2 DIVULGAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS E REGULAMENTOS DA COPA LORETA VALADARES

Nesta seção, realizamos uma análise dos documentos produzidos pela ocasião de realização do evento, elegendo como fontes principais os meios de comunicação que fizeram a cobertura, desde a construção de notícias sobre o lançamento da Copa, às imagens utilizadas, a forma de apresentação das disputas entre as equipes, o acompanhamento de cada etapa da competição a partir da publicação dos resultados dos confrontos e o espaço ocupado dos jogos nessas mídias no decorrer da realização do torneio, promovido em duas edições, nos anos de 2022 e 2023.

Na segunda parte da análise, incluímos os regulamentos da Copa, os perfis dos times, do evento e da SUDESB localizados no *instagram* e os materiais produzidos e entregues as jogadoras como o kit individual (constituído por camiseta do evento, garrafa e bolsa) e um material esportivo disponibilizado para equipe, constituído por 2 bolas e 22 uniformes e pares de meias para os times utilizarem durante a competição. Assim, buscaremos demonstrar a relação entre a busca por visibilidade, audiência e projeção social por meio das mídias sociais com a promoção de investimentos e/ou patrocínios materiais e simbólicos para o futebol de mulheres no âmbito da Copa Loreta Valadares.

Em 2022, na primeira edição da Copa, Ilustrada na figura 1 a partir da matéria do portal Salvador FM, na qual, foi publicado o evento de lançamento, realizado menos de um mês antes da competição, no dia 14 de junho. Conforme consta na notícia, o torneio teve um investimento de 178 mil reais decorrentes do Ministério da Cidadania, e, o órgão responsável pela sua realização foi a SETRE (Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte).

Figura 1- Evento lançamento Copa Loreta Valadares



Fonte: site Portal Salvador FM

Na notícia, são enfatizadas as falas do titular da pasta do poder público, responsável pela realização do evento, apresentando os objetivos da competição: “uma demonstração da nossa determinação de combater a desigualdade de gênero no esporte”. Além da participação do titular da SETRE e do diretor da SUDESB, outras autoridades se fizeram presentes no evento de lançamento e que são citadas no texto, como a Secretária Estadual de políticas para mulheres e deputados/as estaduais e federais da Bahia.

A seguir, foi demarcada a fala de uma das participantes da Copa que estava na ocasião do lançamento: “O futebol virou uma paixão na minha vida. Estamos treinando três vezes por semana, de forma intensa, para participação nesta competição maravilhosa, que vai abrir as portas não só pra mim, mas para várias atletas que podem ser vistas por clubes maiores”, afirmou.

Neste ponto, assinalamos a demanda por visibilidade e projeção social compartilhada pelas jogadoras e demais agentes sociais envolvidos com o desenvolvimento do futebol feminino no estado, no qual, nos debruçamos mais detidamente em outros momentos desta tese.

Destacamos ainda na composição da matéria, a fala de uma das jogadoras pioneiras do futebol no Brasil que atualmente ocupa um cargo de gestão enquanto técnica da seleção de futebol de sete nacional e que fazia parte da comissão organizadora do evento, Dilma Mendes: “Hoje as meninas não precisarão mais passar por isso, vão contar com todas as condições que nós sonhamos e merecemos. Essa competição é pioneira e vai mostrar que a Bahia tem voz e ações no futebol feminino”. Disse a ex-jogadora se

referindo ao período de proibição do futebol feminino que vivenciou no país quando iniciou a prática⁵.

Ao final das matérias foram apresentadas a justificativa para o nome da competição, pois se tratava de uma homenagem à militante Loreta Valadares por sua atuação enquanto docente, feminista e ativista política no período da ditadura militar.

Os órgãos públicos, nos âmbitos municipais, estaduais e federais têm sido historicamente, após o período que vigorou a proibição do futebol de mulheres, os principais agentes de suporte financeiro da modalidade no Brasil (VIEIRA, 2022). Entretanto, a autora destaca que mesmo que algumas dessas medidas tivessem contribuído para a precarização da modalidade, sobretudo a nível de profissionalização, o estado se consolidou enquanto um dos protagonistas nas transformações operadas e nos significados socioculturais do futebol no país.

Nesta direção, demonstraremos no decorrer desta tese, a influência da Copa Loreta Valadares, promovida pelo governo do estado da Bahia, a partir dos sentidos compartilhados pelos agentes e grupos envolvidos com futebol feminino no contexto baiano, mas também, nas trajetórias das participantes das edições deste evento.

Escolhemos essa reportagem como ilustrativa das matérias de outras mídias sociais que utilizando a mesma imagem e com poucas alterações no conteúdo do texto, fizeram a divulgação da Copa neste momento inicial. A foto mostrava as jogadoras reunidas, sendo a maioria jovens e pretas, atentas e/ou com a expressão de alegria/satisfação, participando do lançamento da competição, registrada pela assessoria de comunicação da SUBESB, conforme consta na figura, sinalizando que a notícia também foi construída pela promotora do evento, sendo solicitada a divulgação em outros sites da região.

Encontramos a notícia de lançamento da Copa compartilhada em cinco mídias sociais: o Diário do Sudoeste da Bahia, Ibahia, Jornal Grande bahia, Leia Mais Bahia e Alberto News, no período de 11.06 a 01.07.2022. Da mesma forma, evidenciamos a cobertura do evento realizada a partir do lançamento da Copa no ano de 2023, publicada no site do portal A tarde, no dia 02.08.2023. Encontramos, a notícia sobre o início da competição publicada pelos sites: Informe cidade, Roraima na rede e PCdoB Bahia, no período de 09 a 21.10.2023.

⁵ Vieira (2022) faz uma discussão sobre a relação do futebol de mulheres com o estado brasileiro, nos âmbitos macro e micropolíticos, considerando que fomos o único país no qual a proibição ao futebol feminino foi feita por dispositivo legal a partir do Decreto 3.199 de 1941.

Figura 2 -Notícia da realização da 2ª edição da Copa Loreta



Fonte: Agência a tarde

Na segunda edição, a Copa foi totalmente promovida com recursos do governo do estado da Bahia e o órgão responsável pela sua execução foi a SUDESB (Superintendência de Desportos da Bahia), uma autarquia vinculada à SETRE. Em entrevista concedida ao portal, o Diretor da SUDESB reafirmou seu compromisso com o futebol feminino, registrados na imagem utilizada, na qual os/as servidores/as do órgão estavam reunidos para torcerem pela seleção brasileira na ocasião da realização do mundial feminino de futebol, realizado nos países de Nova Zelândia e Austrália.

Retratando assim, mais uma das ações da pasta em prol desta modalidade, sublinhadas na matéria que seria a realização da segunda edição da Copa Loreta, planejada para o final do ano, bem como, a retomada dos seus marcos simbólicos presentes na primeira edição do torneio.

A grande novidade é o anúncio da segunda edição da Copa Loreta Valadares de futebol feminino que vai acontecer em novembro, com as finais aqui em Pituáçu, além da parceria com a Federação Bahiana de Futebol para o Campeonato Baiano de futebol feminino que está em curso, revelou.

A Copa Loreta Valadares surgiu como uma homenagem das meninas do futebol baiano, através de uma emenda parlamentar da deputada Alice Portugal. A Loreta Valadares foi uma ativista perseguida e torturada pela ditadura militar. Portanto, tem uma simbologia, a homenagem dessa mulher que já se foi, professora da Universidade Federal da Bahia. E o resgate das meninas do futebol baiano, que durante décadas quase que mendigaram para fazer o futebol feminino acontecer na Bahia.

No decorrer de ambas as edições do torneio, evidenciamos que as notícias divulgadas nos sites da região, nas etapas classificatórias e eliminatórias, assim como, na

partida final da competição, seguiram a mesma lógica, sendo repetidas tanto a imagem quanto o texto da matéria, com poucas alterações, publicadas no mesmo período da promotora do evento, a SUDESB, a pedido da Assessoria de Comunicação (Ascom). A integrante da comissão organizadora, Dilma Mendes, confirmou o que foi evidenciado na análise das reportagens nas duas edições: “Isso, era bem assim mesmo. Ele mandava o jornalista, o fotógrafo, para tirar as fotos, fazer uma cobertura de fotos, e aí ele encaminhava isso à assessoria de comunicação da SUDESB, e a SUDESB fazia essas informações pelo site deles”.

Figura 3- Jogo da etapa classificatória da 1ª edição da Copa



Fonte: site @criativa

Figura 4 - Campeãs 2ª edição da Copa



Fonte: Ascom SUDESB

Desta forma, buscamos assinalar a pouca mobilização por parte de setores da imprensa jornalística da região em fazer a cobertura do evento, ou seja, o pouco interesse pelo “produto futebol feminino”, destacado na ocasião da audiência pública realizada no ano de 2019, na assembleia legislativa do estado.

Sobre a divulgação do evento, a integrante da comissão organizadora nos relatou a ausência de recursos disponibilizados para esta ação nas duas edições da Copa. Entretanto, após iniciativa de uma das integrantes da equipe organizadora foi viabilizada a transmissão por um canal do *Youtube* (TV Bahia Esportiva- 16,1 mil inscritos) das partidas finais da primeira edição, em 2022. Da mesma forma, a final em 2023 foi transmitida pela *live* no *instagram* do perfil Futebol feminino da Bahia (11 mil seguidores).

Foi uma das pessoas da nossa comissão que, na verdade, a gente deu uma ajuda de custo a essa pessoa para fazer isso. Porque a gente achou que seria necessário esse investimento. Como isso não estava previsto, e você sabe que tudo tem que estar previsto para que a coisa aconteça, aí não tinha como a Sudesb fazer algo nesse sentido. Porque não tinha feito orçamento para isso. Não tinha orçamento para isso, porque não foi planejado dentro da disponibilidade do recurso. **Trouxe para a gente, a gente disse, não, vamos meter a cara, vamos pedir ajuda a um, ajuda a outro, e a gente dá uma gratificação cara, e o cara também era apaixonado por futebol feminino, e ele vem e faz isso para a gente. Foi mais ou menos isso. Foi na primeira. Na primeira, porque na segunda não houve essa mesma estrutura, que foi muito melhor, a meu ver, na primeira, porque na segunda não teve (grifo nosso).**

Na primeira houve, porque houve uma iniciativa desta comissão de fazer isso, entendeu? E na segunda a gente solicitou, mas não tinha verba pré estabelecida para isso. Só tinha aquilo ali.

Figura 5 - Transmissão Final 2022



FINAIS COPA LORETA VALADARES | MISTURADAS 2x5 BATGIRLS | COMPLETO COM IMAGENS



TV Bahia Esportiva | Tudo sobre o espor...

16.1 mil inscritos

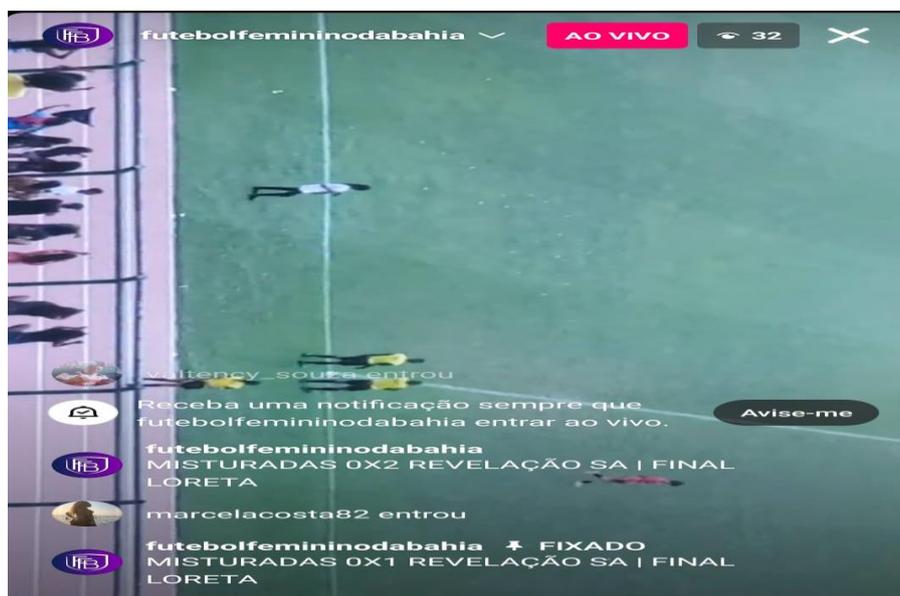
Seja membro



Inscrito

Fonte: Canal youtube TV Bahia Esportiva

Figura 6 - Transmissão Final 2023



Fonte: Instagram @futebolfemininodabahia

Nesse contexto, ressaltamos as movimentações nas mídias sociais da plataforma instagram da SUDESB (@sudesbesporte - 11 mil seguidores), perfil oficial do órgão. E, no decorrer do torneio foram criados dois perfis, um para cada edição da Copa: @copa_loretavaladaresoficial - 285 seguidores e @copaloretavaladaresfeminino - 271 seguidores.

Figura - 7 Notícia etapa classificatória (1ª edição)



Fonte: Ascom SUDESB

Figura 8 - Notícia etapa classificatória (1ª edição)



Fonte: instagram @copaloreta

Neste cenário, acrescentamos as mobilizações das equipes participantes da Copa em torno da divulgação do torneio a partir do compartilhamento das partidas, bem como, dos demais perfis envolvidos no evento, mobilizando suas torcidas, dando destaque às jogadoras, comissões técnicas e as vitórias em cada fase da competição.

FIGURA 09- Divulgação da Copa nas mídias das equipes participantes (2ª edição)



Fontes: *Instagram* @pontepretafeminino_, @manchaverdee2006, @babadasminas, @fcasminasoficial

Entretanto, ainda que tivesse havido essas mobilizações das equipes em prol da divulgação e projeção nas mídias em torno da competição, o que nos chamou atenção foi a pouca presença do público nas torcidas nos dias de jogo no estádio de Pituvaçu. Mesmo nas *lives* em que foram transmitidas as finais da Copa, o número de espectadores era muito reduzido.

Tanto na primeira como na segunda edição da Copa, a maior parte dos jogos da categoria adulta foram realizados no estádio de Pituvaçu, nos finais de semana e feriados, quase sempre aos domingos, nos quais, o transporte público de Salvador (ônibus e metrô)

eram reduzidos os valores das passagens pela metade. Ainda assim, notei nos dias que estive presente nos jogos, que nem mesmo as jogadoras das outras equipes estavam prestigiando o evento uma vez que o quantitativo de torcedoras era mínimo.

Por outro lado, as jogadoras ao se “recusarem” a atuar enquanto “meras espectadoras” forjariam um rompimento com esse lugar historicamente imposto às mulheres de subalternidade e passividade em relação a vivência de práticas esportivas, sobretudo quando nos referimos ao futebol, hegemonicamente vinculado à produção e reprodução de masculinidades. Este processo sendo decorrente da auto reflexão, da tomada de consciência de seu protagonismo na história da modalidade (FREIRE, 2023).

A integrante da comissão organizadora discorreu sobre a presença do público nas edições do torneio:

A falta da divulgação, porque, por exemplo, quando foi a primeira que não teve oficialmente a divulgação, mas extraoficialmente nós conseguimos fazer essa comunicação, nós tivemos um público maior (grifo nosso). Isso foi notório para a segunda, isso inclusive está dentro do relatório de diagnóstico nosso, e era uma cobrança diária praticamente nossa, de que deveria ter essa cobertura, todo esse processo, e a gente espera que nessa terceira tenha. Mas, a gente constatou que a primeira a gente teve um público maior, muito maior do que a segunda, apesar de a organização do evento ter sido uma outra organização, como você viu, mas umas coisas que aconteceram na primeira foram melhores do que as do segunda, e a gente espera que nessa terceira a gente chegue a um ajuste, para justamente a gente contemplar o que mais a gente quer.

Figura 10 - Público presente na final da Copa 2022



Fonte: Ascom Sudesb

Moraes (2012) denuncia o descaso e a invisibilidade que marcaram a história do futebol feminino no Brasil a partir das histórias de jogadoras das décadas de 1970 e 1980 que iniciaram suas trajetórias nos contextos interioranos da Bahia, nas cidades de Jequié e Feira de Santana e que fizeram parte da primeira geração de atletas da seleção nacional. A autora discorre sobre a ausência de investimentos a nível governamental e não-governamental que culminaram no cenário de precarização a nível de infraestrutura e de profissionalização das jogadoras.

Podemos vislumbrar que a partir da década de 2000 esse quadro sofreu alterações, sobretudo pela atuação de órgãos internacionais como a FIFA, ao pressionar os seus membros de outros países, entre estes, o Brasil, a organizar suas equipes, bem como, seus campeonatos nacionais (VIEIRA, 2022). Nesse sentido, a autora destaca que a mobilização de grupos de atletas e de sujeitos envolvidos com o futebol feminino e com pautas feministas em geral foram determinantes para as modificações alcançadas a nível internacional.

Ainda que a proibição da prática do futebol pelas mulheres no país tenha vigorado até o ano de 1979, apenas em 1983 esse veto foi anulado para permitir a participação de jogadoras em competições de alto rendimento.

Diante desses marcos historiográficos, podemos assinalar que o futebol de mulheres seria relegado à condição de amadorismo e/ou prática de lazer não permitindo que as praticantes ascendessem às esferas profissionais e vislumbrassem esse horizonte em suas trajetórias individuais, bem como, nos significados do futebol no contexto nacional. No capítulo 3 desta tese, abordaremos as causas desses impedimentos, aludindo aos resultados desses estudos em diálogo com o perfil sociodemográfico e nas histórias de vidas das participantes da Copa Loreta Valadares.

Nesse contexto, esta competição, em sua concepção, conforme evidenciamos no início desta seção, estaria na contramão desses imperativos e padrões coloniais que buscariam posicionar as mulheres que praticam futebol numa posição de subalternidade e exclusão social a partir da reprodução de opressões patriarcais e raciais que se encontram ancorados nas demais instâncias nacionais e internacionais.

Entretanto, quando analisamos as barreiras para se colocar em prática essas proposições, assim como, os compromissos assumidos com a igualdade de gênero e a justiça social para com grupos marginalizados historicamente, alguns fatores se mostraram preponderantes para que esse processo avance e se consolide enquanto uma

política pública no enfrentamento às desigualdades vivenciadas no campo do esporte como ferramenta de inclusão social.

Elegemos para o debate destas problemáticas, o tratamento que foi dado à divulgação do evento. Conforme destacado, não houve investimentos por parte do poder público, no caso, o estado da Bahia, nessa área em nenhuma das edições da Copa. Somado a isso, destacamos nos regulamentos do torneio, especificamente o artigo que trata do envolvimento de empresas patrocinadoras das equipes participantes. No artigo 16 que consta: “As despesas com alimentação, medicamentos, documentação e traslado das equipes, serão da responsabilidade da Agremiação, ou da Entidade a quem representam, podendo as mesmas prospectar patrocínio. Logo a seguir, é assinalado o parágrafo único: “É proibido qualquer tipo de propaganda no uniforme das equipes, ou portar faixas e banners que não sejam fornecidos pela Organização”.

Ambos os regulamentos, são estruturados de forma semelhante em ambas as edições do torneio, sendo este artigo comum nos documentos com uma pequena alteração em relação ao parágrafo único da primeira edição: “É proibido qualquer tipo de propaganda”. Conforme percebemos, as equipes participantes deveriam se responsabilizar pelos custos de alimentação, medicamentos, documentação e transporte das jogadoras nos dias de jogos. Essa questão da garantia da presença nas partidas foi uma preocupação expressa pela integrante da comissão organizadora na seleção das equipes que seriam convidadas para o torneio:

(...) **a comissão, essa nova comissão, sentou para garantir à Sudesb no caso, tipo assim, ó, essas equipes aqui realmente não vão criar problema, essas equipes não vão dar W.O., essas equipes vão até o final da competição (grifo nosso)**, elas são organizadas, elas podem não ter material, mas elas treinam, é um time ou projetos que sempre está participando de amistosos, de competições extra-oficiais, todo aquele processo que acompanha, por a gente estar dentro do meio...

Em outro momento, a responsável técnica, explica como foram feitas a seleção dessas equipes entre a primeira e a segunda edição, ressaltando o acompanhamento e monitoramento realizado a fim de catalogar e ampliar a participação de mais grupos.

Então, o convite, na verdade, foi feito baseado em algumas, vamos dizer assim, critérios de que elas pudessem ir até o final, entendeu? **Já que a competição não bancava o transporte, que é a maior dificuldade para qualquer equipe (grifo nosso)**. Se eu não me engano, na primeira edição, a gente tinha mais ou menos umas 12 equipes de fora. Mas já na segunda, nós tivemos que avaliar, foi mais difícil, porque a gente... Mas eu acredito que a gente passou mais de 32 equipes. Adulto. Na segunda. Na primeira, a gente teve pelo menos, 10. Foram mais de 10, 11 que ficaram de fora. E aí, essas de fora, a gente continuou observando, porque pediram, a gente não conhecia, não sabia quem era. E aí, a gente foi, a

própria comissão foi procurando, foi se aproximando desses novos projetos que a gente não conhecia, e oportunizou nessa segunda.

Fica evidente nesta fala que era de conhecimento da comissão organizadora, a ausência de recursos e investimentos mínimos para a manutenção dessas equipes, como materiais esportivos para os treinamentos, entre outros, mas, que figurava como o fator central dentre estes obstáculos: a ausência de recursos para o transporte das atletas e equipes a fim de viabilizar sua participação em competições, mesmo aquelas realizadas na cidade de Salvador e em regiões metropolitanas do estado. Podemos inferir que entre os 10 e os 32 times que ficaram de fora da primeira e da segunda edição do evento, a grande maioria não contava com o mínimo para confirmar sua inscrição.

Para ilustrar essa barreira vivenciada pelos times e reproduzida no regulamento da Copa, traremos as reportagens publicadas pelo Portal FM e pelo jornal Grande Bahia nos dias 28 e 29.11.2023, sobre a futura campeã da Copa em 2023, onde são apresentadas as empresas que apoiam a equipe, assim como, algumas das dificuldades vivenciadas para conseguirem fomentar o futebol feminino em Santo Amaro, cidade onde as jogadoras realizavam os treinos: “ (...) a equipe enfrenta obstáculos como a necessidade de melhorias no campo de treino, o deslocamento de atletas que residem em áreas distantes e questões relacionadas à alimentação”. É importante destacar que essas foram as únicas matérias encontradas que não foram construídas e veiculadas pela Assessoria de Comunicação da promotora do evento, a SUDESB.

Figura 11- Patrocinadores do time Revelação



Fontes: Portal MF e Grande Bahia

Desta forma, evidenciamos que a comissão organizadora do evento nas duas edições por meio dos regulamentos da competição, mesmo tendo conhecimento que as equipes não possuíam recursos para custear o transporte para os jogos, e, ao incentivar a busca por patrocínios nos órgãos públicos e privados se contradiz ao vetar a divulgação dessas parcerias pelas equipes, a partir da proibição da propaganda nos uniformes, ou ainda, pelo uso de faixas e banners nos espaços no campo de futebol e demais dependências do torneio, de instituições que porventura, investissem nesses projetos e conseqüentemente, no futebol feminino no contexto baiano. Nesta direção, surgem as seguintes indagações: Quais seriam as empresas que investiriam em equipes e projetos sociais sem que ao menos esta ação pontual ou mesmo continuada não fosse publicizada e repercutida nos eventos por meio destes times? Esta seria então uma forma de garantir que o estado fosse percebido como único e principal agente de transformações no campo do esporte, e, mais especificamente, no futebol de mulheres?

Dando continuidade a esta questão, assinalamos mais um dos aspectos observados no regulamento utilizado nas duas edições da Copa: a ausência de objetivos, ou seja, em nenhum item do documento foram apresentados quais seriam as finalidades desta iniciativa governamental. Nas reportagens, os titulares da SETRE e da SUDESB discorreram sobre as metas a serem alcançadas a partir da realização do evento: o enfrentamento às desigualdades de gênero no esporte e uma homenagem à Loreta Valadares, militante dos direitos humanos, símbolo no combate a violência de gênero, bem como, as ex- atletas que foram pioneiras do futebol na Bahia.

O regulamento de uma competição esportiva tem como objetivo formalizar os direitos e deveres da organização e dos times participantes, bem como, garantir a transparência e o acordo mútuo das regras estipuladas para que sejam evitadas possíveis fraudes e violações durante a realização do evento. Além disso, deve constar os fins educacionais, pedagógicos e/ou socioculturais da competição esportiva. De forma geral, segundo Rodrigues (2000), o que caracterizaria um evento esportivo enquanto Copa seria a intenção de prestar algum tipo de homenagem, ou ainda, de promover algum patrocinador, associando sua marca ou produto ao nome do evento.

Considerando esses aspectos apresentados, poderíamos supor que a Copa Loreta Valadares teria como objetivos centrais: Prestar estas homenagens ao mesmo tempo que buscaria colocar o governo do estado enquanto protagonista desta ação, ressaltando assim, as ações desenvolvidas no âmbito do esporte, sobretudo no futebol feminino, em consonância com sua finalidade e competências. Em segundo plano, ficariam os objetivos

relacionados ao enfrentamento às desigualdades de gênero impostas e reproduzidas nos ambientes esportivos, expressos pelas medidas adotadas e compartilhadas pela organização do evento a partir dos regulamentos construídos para a competição.

A Copa Loreta enquanto iniciativa do poder público, romperia simbolicamente com a opressão imposta socioculturalmente às mulheres quando assumiu o compromisso de realizar este evento com recursos próprios, de forma integral na segunda edição e futuras edições, bem como, ao dar destaque ao protagonismo de mulheres no enfrentamento às desigualdades de gênero nos âmbitos políticos, na figura da militante Loreta Valadares, e esportivos, na homenagem as ex-atletas pioneiras do futebol baiano. Por outro lado, impõe um limite no investimento material viabilizado às equipes participantes do torneio, ao vetar no regulamento a divulgação de patrocinadores e parceiros que investem no futebol feminino, mesmo tendo conhecimento que esses recursos cedidos pelo estado são insuficientes para a garantia da manutenção das necessidades básicas das jogadoras e dos times como transporte e alimentação.

Essa transferência de responsabilidades do poder público aos agentes e sociedade civil no que tange às políticas públicas de esporte foi retratado num dos episódios vivenciados por uma ex-atleta baiana da seleção brasileira, na década de 1990, a jogadora Solange Bastos, acerca das cobranças e exigências de desempenhos competitivos e de resultados nas Olimpíadas de 1996 por parte dos responsáveis pelo futebol a nível governamental mesmo tendo como cenário a ausência de campeonatos, competições nacionais, regionais e municipais com intuito de recrutar talentos e de obter a renovação do elenco.

Era forte e constante a pressão sobre o time feminino e novamente as atletas dessa geração abraçaram e tomaram para si a responsabilidade de, através dessas conquistas, alavancarem o futebol feminino nacional, como se fosse uma responsabilidade apenas desse grupo (MORAES, 2012, p.180).

A cobertura realizada pela imprensa no período anterior à proibição legal da prática no país colocava as praticantes, em sua maioria de classes populares, pardas e pretas, em destaque nos jornais da capital da república, a cidade do Rio de Janeiro. Fato igualmente observado em outros centros urbanos como nos estados de Minas Gerais e São Paulo que vinham gerando intercâmbios entre esses locais para realização de jogos, ampliando assim, o interesse dos jornais pelas feminilidades dissidentes forjadas na vivência do futebol (VIEIRA, 2022).

Da mesma forma, podemos assinalar como se atualizam esse padrões coloniais que reafirmam os ideais eugênicos e cisheteronormativos de gênero pela reprodução da violência simbólica que impede que as jogadoras de futebol, sobretudo neste caso, das participantes da Copa, sejam percebidas socialmente na sua dimensão profissional, ao serem retratadas nos espaços como os estádios, em plena atividade, disputando “em pé de igualdade” o espaço público das mídias esportivas, conquistando uma maior projeção social. A ausência de recursos para este fim, tanto na primeira edição que contou com uma emenda parlamentar, ou seja, com um recurso financeiro maior do que na segunda, demonstra que essa macropolítica ainda vigora nas ações protagonizadas pelo estado em suas distintas esferas de poder.

1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo buscamos apreender os valores e os significados socioculturais que permearam a realização da Copa Loreta Valadares. Subdividimos em dois momentos: No primeiro, mapeamos o contexto histórico que antecedeu a realização desta competição, atentando para alguns eventos que precederam sua realização no contexto baiano.

Demarcamos neste tópico as lutas e protagonismos de mulheres inseridas em vários âmbitos sociais, desde a sociedade civil, representados por ex-atletas, assim como, partidos políticos, instituições públicas e privadas nas quais foram constituídas alianças que representaram avanços e retrocessos no enfrentamento às desigualdades de gênero, sobretudo no futebol feminino, mas que também são reproduzidas nos diversos ambientes do estado.

Desta forma, evidenciamos como se constituíram as mobilizações em torno da realização da Copa Loreta Valadares e os rumos do futebol de mulheres no estado baiano operadas a nível local, mas que eram permeadas por transformações sociais operadas nos âmbitos nacional e global.

No segundo momento, demonstramos a relação entre a busca por visibilidade, audiência e projeção social por meio das mídias sociais com a promoção de investimentos e/ou patrocínios materiais e simbólicos para o futebol de mulheres no âmbito da Copa Loreta Valadares. Evidenciamos que o poder público vem sendo um dos agentes de transformações no que tange a democratização do futebol feminino no país em contraste com os órgãos privados no qual a lógica mercadológica prevalecia fazendo com que houvesse pouca mobilização e investimentos financeiros voltados para a modalidade.

Entretanto, apesar de ter sido o principal responsável pela realização da Copa, pontuamos como o racismo institucional operava quando nos debruçamos sobre a ausência de investimentos direcionados à divulgação do torneio. Além disso, a ausência de objetivos no regulamento oficial da competição, bem como, a proibição da propaganda nos uniformes, de faixas e de banners nos espaços no campo de futebol e demais dependências da Copa revelou que o compromisso do estado no enfrentamento às desigualdades de gênero no futebol de mulheres possuía um limite bem estabelecido.

A ausência de investimentos na divulgação e na projeção social das participantes reatualizava a lógica perversa da colonialidade a partir da reprodução da condição de precarização e desigualdade impostas historicamente à população de mulheres negras do estado, sendo assim, posicionadas em lugares de subalternidade e abjeção uma vez o horizonte de profissionalização e ascensão social lhes foram negados. No contexto brasileiro, segundo Gonzalez e Hasenbalg (1982) as pessoas negras hegemonicamente são subsumidas à estereótipos que as condicionam a ocuparem lugares sociais de pouca qualificação, como trabalhos braçais, sendo admitidas apenas duas vias para sua ascensão: o entretenimento e o esporte, entre estes o futebol. Contudo, essa condição não seria válida para o contingente de mulheres negras que são sistematicamente invisibilizadas e impedidas de obter ganhos materiais e simbólicos na vivência desta prática corporal.

2. A COPA LORETA VALADARES

Neste capítulo, descrevemos como foi delineada a etapa de observação participante da pesquisa de campo, bem como, apresentamos um panorama das equipes/projetos sociais e jogadoras que participaram da Copa. A partir das respostas obtidas ao questionário pelas comissões técnicas dos times/projetos sociais e pelas jogadoras participantes do evento, bem como, de informações obtidas a partir das mídias sociais destes, construímos um cenário do futebol de mulheres vivenciado no estado da Bahia.

A partir da escolha da Copa Loreta Valadares como objeto de estudo da tese, iniciei a busca por todas as informações disponíveis sobre o evento. No ano da primeira edição, meu primeiro contato com o evento se deu de forma remota, busquei acompanhar todas as notícias relacionadas nas mídias sociais das instituições organizadoras e oficiais do evento, mas também, pelos perfis sociais das equipes participantes e de plataformas como o *youtube*, nos canais que transmitiram algumas das partidas na íntegra ou de forma parcial.

No ano de 2022, não pude acompanhar os jogos no estádio de Pituauçu devido a dificuldades de deslocamento de Petrolina para Salvador visto que não pude me afastar do trabalho nessa ocasião. Entretanto, na sua segunda edição, estive presente nos jogos, sobretudo, nos da primeira metade do torneio, no qual, tive contato e conversas com as jogadoras, as equipes técnicas e com a comissão organizadora, esta, em especial, vinha me comunicando desde a primeira edição do evento.

Figura- 12- Publicação lançamento Copa (2ª edição)



Fonte: Perfil do *Instagram* da SUDESB

Nesta ocasião, me organizei para estar em Salvador no início dos jogos que ocorreriam no sábado, dia 14, na modalidade sub 17, e no dia 15 (domingo), na modalidade adulta. Contudo, o evento foi adiado para semana posterior, tendo seu início realizado apenas nos dias 21 e 22.10 (domingo) no período da tarde. Outra mudança realizada se deu em relação ao local dos jogos, concentrando os da modalidade adulta no estádio de Pituacú, transferindo assim, os jogos que estavam previstos para o Centro de Treinamento de Itinga, um dos maiores bairros da cidade de Lauro de Freitas. Os jogos da modalidade sub 17, não tiveram alteração sendo previstos para o estádio Manoel Barradas, mais conhecido como Barradão. Apenas as semifinais e final seriam realizadas em Pituacú.

A decisão de concentrar os objetivos da pesquisa na modalidade adulta se deu por conta de questões de acesso aos jogos e a quantidade maior de equipes (16 times) uma vez que seriam realizados em um único local, bem como, ao recorte de idade que melhor atenderia a necessidade das entrevistas narrativas, propostas pelo método de pesquisa delineado. Por conta dos prazos impostos e da logística de deslocamento entre as cidades de Petrolina, no qual resido, e Salvador, local do evento, somados à impossibilidade de afastamento do trabalho para me dedicar integralmente às atividades demandadas pela pesquisa, não foi possível incluir as jogadoras inseridas na modalidade sub-17 no escopo desta investigação. Desta forma, optamos por acompanhar todas as movimentações que tivessem como foco a modalidade adulta da competição nas duas edições realizadas.

No dia 22.10.2023 cheguei no estádio de Pituacú, aproximadamente com uma hora de antecedência, pois como não conhecia o local, queria observar as movimentações das equipes e da organização antes do início da primeira partida do torneio, disputada entre os times adulto de Batgirl e Real Itapuã, marcado para o horário de 13:30. O local estava vazio e como não avistei ninguém do lado de fora, fui caminhando até localizar uma entrada, na qual, estavam três jogadoras que conversavam entre si e aguardavam as demais integrantes da equipe que chegariam para o segundo jogo do dia, marcado para às 15h, entre as equipes do Grêmio e Ponte Preta. Conversei rapidamente com elas que faziam parte da equipe do Grêmio que não participou da primeira edição do evento, por isso, estavam ansiosas sobre a competição, além de nunca terem jogado futebol de campo, apenas futsal, ainda que se mostrassem animadas com esta experiência.

Assim que entrei no estádio, percebi sua enorme dimensão, ampliada pelo vazio e silêncio daquele momento uma vez que não havia ninguém na parte onde se

acomodavam as torcidas, a lanchonete, os banheiros e demais dependências localizadas no pavimento superior. Bem próximo dali, havia uma escada lateral que dava acesso ao gramado, bem como, aos demais espaços que seriam ocupados pelas equipes, comissão técnica e organização do evento. A figura 13 retrata a visão que tive quando adentrei no estádio:

Figura- 13- Vista do pavimento superior do estádio Pituaçu



Fonte: arquivo pessoal da autora

Apesar de ser conhecido como Pituaçu, por ser localizado neste bairro em Salvador, possui como nome oficial Estádio Metropolitano Governador Roberto Santos, foi construído pelo Governo do Estado da Bahia e inaugurado em 1979, com capacidade para 13 mil torcedores. Em 2009, passou por uma ampla reforma, sendo reinaugurado pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE) e a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB). Com capacidade para 32.157 torcedores, o Pituaçu sedia jogos dos campeonatos baiano e brasileiro, além de competições internacionais, eventos religiosos e shows⁶.

Decorridos uns vinte minutos, desci as escadas e no espaço do campo de futebol, encontrei e me apresentei pessoalmente a uma das integrantes da comissão organizadora, a gestora Dilma Mendes, que estava com outros servidores da SUDESB e comissão de arbitragem, se organizando para darem início a partida. Notei que estavam presentes neste local, uma ambulância com uma equipe médica e algumas jogadoras que participariam

⁶ <https://www.ba.gov.br/esporte/18/estadio-roberto-santos-pituacu>

do primeiro jogo, que se dirigiram aos vestiários, onde receberiam os kits para equipes (contendo duas bolas e os uniformes das 22 jogadoras inscritas) e um kit individual (contendo uma camiseta branca, garrafa e bolsa, todas contendo a logo do evento na cor rosa). A figura 14 retrata uma das jogadoras logo depois de receber seu kit de participação na competição:

Figura- 14- Jogadora participante da Copa utilizando o kit individual



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Neste primeiro dia do torneio houve um atraso no início do jogo, sendo realizado às 14h. Inicialmente, ao som do hino do campeonato da UEFA *Champions league*, as equipes saíram do vestiário em direção ao campo, todas perfiladas ou de mãos dadas. Após se posicionarem de frente para o público presente nas arquibancadas, foram tocados os hinos da Bahia e posteriormente, o hino nacional. Após esse rito, foram tiradas as fotos das equipes com o pôster da Copa entre os times. A figura 15 retrata a visão que tive antes do início da primeira partida da Copa:

Figura- 15- Início da primeira partida da 2ª edição da Copa



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A comissão de arbitragem cedida pela FBF, composta por uma mulher e três homens, se revezaram durante as duas partidas realizadas neste dia. Inicialmente, a única mulher do grupo foi primeira árbitra do jogo, mas que no segundo, ficou como auxiliar, atuando fora de campo, como quarta árbitra. Havia ainda, quatro assistentes ou “gandulas” que variavam a cada partida, se posicionando nas laterais do campo, auxiliando quando a bola era colocada para fora de campo.

Neste dia, não consegui autorização para ficar na parte do campo, ficando mais próxima da torcida que acompanhava a partida entre as times de Salvador: Batgirl, a campeã do torneio da primeira edição e a equipe do Real Itapuã, que fazia sua estreia na competição. O público presente nos jogos se acomodava na região superior das arquibancadas por se localizar num local de sombra, além de ser mais próximo da lanchonete e dos banheiros. Uma parcela menor da torcida, ficava na última fileira mais próxima ao gramado, em pé, tirando fotos, segurando bandeiras, apoiando com gritos de incentivo e comemorando intensamente os lances finalizados em gols.

A maioria das pessoas presentes eram familiares e amigas das jogadoras, ou ainda, as demais participantes de outras equipes que fariam sua estreia na Copa em outra data, acompanhando de perto, torcendo pelas jogadoras das quais havia uma relação de proximidade. Em vários momentos citavam seus nomes, comemoravam os gols e tiravam “onda” das performances ruins e/ou falhas individuais das colegas. A lanchonete servia

bebidas e lanches diversos atendendo todo o horário de realização da competição. Os banheiros para uso do público geral estavam limpos e com acesso a sabonete e papel higiênico.

O jogo era constituído de dois tempos de 35 minutos de duração com pausa de 5 minutos para hidratação, além de um breve aquecimento antes do início de cada partida.

Acompanhei e tive contato com todas as equipes da modalidade adulta da Copa Loreta nos dias que permaneci em Salvador durante a metade da competição. Frequentei os vestiários, me apresentei para as comissões técnicas e reuni todos contatos destes personagens que construíram esse evento nas duas edições.

Mantive uma relação próxima com a comissão organizadora com intuito de acompanhar remotamente a continuidade dos jogos. Em relação às participantes da competição, busquei apresentar os objetivos da pesquisa, explicando e me colocando à disposição para nos encontrarmos em outros momentos necessários para o andamento da investigação que envolviam o relato de suas trajetórias no futebol, sendo incluído nesse processo, sua participação na Copa Loreta Valadares. Estimulando assim, seu envolvimento nas etapas posteriores que consistiam na aplicação do questionário socioeconômico e na realização de entrevistas com algumas destas jogadoras.

2.1 EQUIPES PARTICIPANTES

Neste tópico, buscamos apresentar um breve panorama das equipes que participaram das duas edições do evento com o objetivo de compreender as possíveis modificações percebidas decorrentes de sua participação no torneio, além de apreender, a partir dos seus relatos, os significados da Copa para o desenvolvimento do futebol feminino no contexto do estado.

A partir das respostas de um questionário preenchido pelas comissões técnicas de 10 das 16 equipes participantes da segunda edição do torneio sobre questões vivenciadas no futebol, bem como, informações recolhidas nas suas mídias sociais e nas entrevistas com as jogadoras, elaboramos um cenário acerca da realidade desses times que enfrentam desafios comuns nos seus itinerários esportivos.

Quadro 1- Equipes participantes da Copa Loreta Valadares- 2ª edição

	Técnico/a	Ano de formação	Cidade/Bairro que treina	Modalidades de futebol que praticam
Arvoredo 	Laura	1998	Salvador/ Condomínio Arvoredo	Futebol de campo/várzea Futebol de 7
Baba das minas* 	Lena (Preparadora Física)	2019	Salvador/ Ondina	Futebol de campo/várzea, futsal
Batgirl 	Dani	2008	Salvador/ Mata Escura	Futebol de campo/várzea
Gladiadoras 	Alexsandro ("Sandro")	2015	Camaçari/ Verde Horizonte	Futebol de campo/várzea
Grêmio*	Rose (Capitã)	não informado	Salvador/ Próximo ao Barradão	Futsal
Madre 	Rosana	2009	Salvador/ Boca do Rio	futebol de campo/várzea, futsal, society e beach soccer
Mancha Verde 	Marcela	2006	Salvador/Periperi	futebol de campo/várzea, fut 7 e futsal
Metropolitanas 	Luciano/ Adriano	2018	Lauro de Freitas /Pirajá	Futebol de Campo/várzea
Minas de Ouro*	Paulo/Iolanda	1996	Salvador/ Bairro da Paz	Futebol de Campo/várzea e

				Futebol de 7
Minas do Futebol Capelão* 	Dó	2020	Lauro de Freitas/ Capelão	Futebol de campo/várzea
Misturadas 	Edno	2016	Salvador/Plataforma	Futebol de Campo/várzea Futebol de 7 e Futsal
Ponte Preta 	Jilvan	2010	Dias D'Ávila	Futebol de campo/várzea e futsal
Real Itapuã* 	Rodrigo	2016	Salvador	Futsal, Fut 7, Futebol de campo e o Beach Soccer
Remo 	Rosane	1997	Salvador/ Uruguai	Futebol de campo/várzea
Revelação* 	Júlio/Jucilena	2018	Santo Amaro/ Sítio Camaçari	Futebol de campo/várzea e Fut 7
Saracity 	Antônio Carlos	2018	Salvador/ Saramandaia	Futebol de campo/várzea Futsal e Fut7

Fonte: Elaboração da autora*Essas 6 equipes não participaram da primeira edição da Copa Loreta Valadares no ano de 2022.

Em 2022, além das 10 equipes que constam no quadro, mais 3 equipes participaram: Geração, Select e Cruzeiro.

2.1.1 Arvoredo- “Ser mulher e jogar futebol é resiliência”

Uma das equipes mais antigas que participou das duas edições da Copa Loreta, o time do Arvoredo, liderado pela técnica e integrante da comissão organizadora do evento, Laura Rodrigues, foi fundado no ano de 1998, no condomínio Arvoredo, local onde ocorrem os treinos do time, além de muitos momentos de confraternização das jogadoras tanto as mais jovens como as veteranas. Assim como a maioria das equipes, o Arvoredo possui um perfil no instagram no qual são compartilhados diversos momentos, entre participações em campeonatos, torneios beneficentes e eventos festivos entre as integrantes.

Os treinos ocorrem no período noturno e são realizados tanto em quadra como no campo de terra batida.

2.1.2 Baba das minas- “Futebol feminino é estilo de vida”

Segundo Lena, preparadora física da equipe Baba das minas, sua entrada na equipe se deu por conta de uma parceria do time com a equipe do Lusaca, time profissional do estado, no qual atuava. Na ocasião da estreia do time na Copa Loreta que se deu na segunda edição foi Lena que esteve à frente da equipe, dando orientações e questionando alguns lances da comissão de arbitragem. Lembro de um comentário feito por ela após a partida com a equipe do Mancha Verde, no qual reclamou que quem apitou o jogo foi a técnica da outra equipe, por isso seu time saiu prejudicado na disputa.

Relatou que treinam mais em quadra, uma vez por semana, no bairro de Ondina, em Salvador. Contudo, a maioria das jogadoras do time não tem condições de arcar com as passagens para participar dos treinos. Por isso, a maior parte dos eventos que participam são gratuitos ou aqueles que as integrantes conseguem dividir os custos entre si.

2.1.3 Batgirl

Dani, técnica e fundadora da equipe do Batgirl relatou sua alegria quando recebeu o convite da comissão organizadora da Copa para participar do evento:

Quando a Batgirl foi selecionada para jogar a primeira edição da Copa Loreta, eu fiquei muito feliz pelo convite, até porque a gente já vem jogando, disputando várias competições, amadoras, a competição de Várzea, e o time Batgirl tem um peso, ele é muito falado na várzea.

Assim como as demais equipes participantes da competição nas duas edições, o time do Batgirl é mais conhecido por jogar competições de várzea, de “barrão”, chão batido.

Outro fator que a técnica aponta para o time ser conhecido e premiado em muitos desses torneios se devia ao fato: “A maioria das nossas jogadoras, são jogadoras que são profissionais, algumas já se aposentaram, mas são meninas que sabem jogar bola, então fica aquela coisa, para quem vem jogar contra a gente, tem aquele peso”.

Os treinos ocorrem no bairro da Mata Escura, em Salvador, local onde reside a técnica, mas, de forma descontínua devido a dificuldade de conciliar os horários de trabalho das jogadoras, fazendo com que a equipe participe dos torneios sem treinar, conforme ocorreu nas edições da Copa Loreta. Ainda assim, o Batgirl se sagrou campeão da primeira edição e ainda chegou nas semifinais da segunda edição, em 2023.

2.1.4 Gladiadoras

Fundada em 2015, segundo o técnico Sandro, a equipe das Gladiadoras representou no torneio o município de Camaçari, que situa-se a 50km da capital Salvador.

A cidade de Camaçari é conhecida por seu pólo industrial. Além disso, conta com uma população de 309.208 habitantes, segundo o IBGE, sendo a quarta cidade mais populosa do estado (superada apenas por Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista).

As Gladiadoras participaram das duas edições da Copa e suas integrantes se dedicam apenas ao futebol de campo, treinando três vezes por semana no bairro de Novo Horizonte, num campo de terra batida.

2.1.5 Grêmio

A equipe do Grêmio foi a única participante da Copa que não obteve informações sobre sua fundação, pois não consegui contato com o técnico, nem com a capitã, Rose, que encontrei em alguns dos jogos realizados no estádio de Pituacú.

Entretanto, na ocasião da competição, conversei rapidamente com algumas das integrantes que me informaram que o grupo tinha sido formado a partir de um “catadinho”, ou seja, uma jogadora foi convidando outra, e assim, foi se formando o time.

Em 2023, participaram desta edição da Copa e nunca haviam jogado futebol de campo, apenas futsal. Costumam treinar num campo de terra batida, próximo ao estádio do Barradão, no bairro Campinas de Pirajá, em Salvador.

2.1.6 Madre

Segundo a técnica, fundadora do time e integrante da comissão organizadora da Copa, Rosana Vidas, o Madre foi formado no ano de 2009 enquanto um projeto social inserido no âmbito do esporte com fins educacionais desenvolvido na cidade de Salvador.

Minha história na Madre iniciou logo após eu encerrar a carreira de árbitra de futebol Profissional em 2008 e já em 2009 iniciei este projeto que dá oportunidade para as meninas adolescentes e mulheres moradoras de comunidades praticarem o seu esporte preferido de forma sistemática e acolhedora com profissionais capacitados, de forma gratuita.

A equipe participou das duas edições da Copa e treina duas vezes por semana, durante a tarde ou à noite num campo de barro no bairro Boca do Rio.

2.1.7 Mancha Verde

Outra equipe que se constituiu a partir de um projeto social foi a do Mancha Verde, formada em 2006 pela técnica e fundadora, a professora Marcela, que vem desenvolvendo ações no bairro Periperi, localizado na periferia de Salvador.

Segundo Marcela, o projeto Mancha Verde foi criado por ela e mais duas amigas com muita luta, sendo sua trajetória marcada por desafios, inclusive familiares.

Sou uma mulher sem nenhum tipo de apoio, nunca tive nem do próprio bairro que representamos ... Fiquei até os nove meses apitando e comandando o time, quando minha filha completou 2 meses eu já estava nas atividades de novo, sempre levando ela para todos os jogos, campeonatos e treinos por não ter o apoio de minha família, mas, nunca desisti e continuo na esperança de um dia ter meu trabalho reconhecido.

Daisy, uma das integrantes do time, relatou algumas das ações desenvolvidas pelo projeto que a fizeram se identificar e ingressar na equipe.

Como eu expliquei, no caso das ações que a Mancha Verde faz, que é a campanha do agasalho, que todo mês a gente tira umas peças de roupa e aí vai passando pelas ruas, as pessoas de rua, no caso, a gente vai entregando, nos tempo chuvoso. E todo mês também a gente entrega 1kg de alimento. E aí faz umas cestas básicas e doa pra quem mais precisa. E aí eu fui vendo que o time era acolhedor, participava de vários campeonatos, era um time bastante conhecido. E no caso eu fiquei, né? Já tenho uns 8 a 9 anos que participo na Mancha Verde e no caso, não quero mais sair.

Iniciaram suas atividades treinando duas vezes por semana num campo de barro, mas recentemente, segundo Marcela, migraram para a grama sintética, revezando com a quadra, no qual praticam futebol e futsal.

2.1.8 Metropolitanas

Segundo o professor Luciano, fundador da equipe Metropolitanas, o time foi formado no ano de 2018, pois sentiu a necessidade de diversificar o grupo uma vez que contava apenas com a equipe masculina.

Os treinos ocorrem duas vezes por semana, na cidade de Lauro de Freitas, no campo do Irecê, localizado no bairro de Pirajá. Localizada na região metropolitana de Salvador, a 15 km de distância da capital do estado, no litoral norte, o município conta com uma população, segundo IBGE, de mais de 200 mil habitantes. A equipe participou das duas edições da Copa e praticam apenas a modalidade de futebol de campo.

2.1.9 Minas de Ouro

Segundo a assistente técnica Iolanda, a equipe Minas de Ouro foi mais um dos grupos que se constituíram a partir da atuação de projetos sociais. O time foi fundado no ano de 1996 pelo Esporte Clube 2 de Julho, projeto social que atua no bairro da Paz em Salvador.

A jogadora Ana, que integrou esse projeto como atleta e depois como professora, ressaltou esse período na sua trajetória no futebol.

Aí eu entrei nesse projeto que é o projeto 2 de julho que tem até hoje no bairro da paz. Que eu depois me tornei, quando eu retornei ao futebol, eu voltei para ajudar lá, que é um projeto social que tem no bairro. E eu voltei como professora. Comecei a jogar lá e já me destacava no meio das meninas.

Os treinos ocorrem duas vezes por semana, no campo de barro da Parmac. A equipe participou pela primeira vez no ano de 2023, na segunda edição da Copa e segundo

Iolanda, as jogadoras do projeto não participam de muitas competições, apenas as que são gratuitas.

2.1.10 Minas do Futebol Capelão

Segundo Márcia, jogadora e uma das fundadoras da equipe, as Minas do Futebol Capelão foi criado no ano de 2020 devido a ausência de um espaço para prática do futebol no bairro do Capelão, onde nasceu, e que mora até hoje, na cidade de Lauro de Freitas.

Fizemos um time, fundei um time aqui onde eu moro, só pra poder as meninas jogarem também, porque tem esse preconceito com as mulheres, que lugar de mulher é na cozinha. Não existe isso, lugar de mulher é onde ela quiser, é onde ela escolher estar. Eu sempre falo isso pra minha filha, o seu lugar é onde você escolher estar. Se você quer aqui, você tem que lutar pra aqui, se você quer ali, você tem que lutar pra ali.

Os treinos ocorrem no campo de terra batida, num sítio, no qual o técnico conhecido como Dó, trabalha, ficando disponível todos os dias, nos turnos tarde e noite, bem como, num campo localizado no bairro que a equipe também faz uso regularmente. Márcia relatou como se organizavam as responsabilidades na equipe:

Tem o professor que comanda tudo. Tem a presidenta, que é minha prima. Ela fundou junto comigo, a Dayana, nós duas. E tem eu, que ela é a primeira e eu sou a segunda. Tem algumas meninas também, a comissão que ajuda a gente. Tipo assim, são um time onde todo mundo trabalha. Todo mundo tem uma função, de ajudar uma a outra.

2.1.11 Misturadas - Amor e alegria em jogar futebol

Segundo o técnico Edno, a equipe das Misturadas foi fundada por ele no ano de 2016, muito influenciado pela paixão pelo futebol feminino que remonta a sua infância quando jogava futebol com a irmã.

O time treina no bairro de Plataforma, em Salvador, duas vezes por semana e praticam o futebol de várzea, bem como, o futebol de sete e o futsal.

As Misturadas participaram das duas edições da Copa Loreta, chegando nas etapas finais da competição, ficando em vice, nas duas oportunidades. Esta é uma das equipes que mais movimentam o perfil do *instagram*, com divulgação dos jogos, das atletas e das conquistas.

O professor Edno que é o responsável pela administração do perfil do time no *instagram*. Junto com ele estão sua esposa que faz os atendimentos e orientações como fisioterapeuta e sua filha que também esteve presente em alguns dos jogos da primeira etapa.

Um dos episódios que marcaram a participação do time na primeira etapa da competição em 2023, quando estava em campo, foi na ocasião da equipe ter contratado um fotógrafo para fazer a cobertura de um dos jogos. Neste dia, houve um conflito com a organização da Copa, pois os uniformes eram parecidos, mas, no final, e por conta dessa demanda das fotos, o jogo foi realizado com os uniformes parecidos nas cores, sem prejudicar a partida, na qual, as Misturadas conquistaram a vitória.

2.1.12 Ponte Preta - “Faça a vida um jogo de futebol, chute as tristezas, dribble as dificuldades e marque gols de alegria”

A equipe do Ponte Preta, fundada no ano de 2010, na cidade de Dias d’Ávila, participou das duas edições da Copa com chances de chegar às finais do torneio. O município, situa-se a 56 km de Salvador, e faz divisa com a cidade de Camaçari, fato que atraiu muitos moradores para essa região. Conhecida também por possuir a melhor água do estado da Bahia, destacando-se como a "Cidade das Águas"⁷.

Segundo Nélia, jogadora que participou do time liderado pelo técnico e fundador, o professor Jilvan, se destacou por ser muito unido e referência no futebol feminino da cidade.

são muito unidas, eu gostei porque são as meninas muito unidas, maravilhosas as meninas, Jilvan também, elas já têm esse time, disputam tudo em Dias d’ávila, agora mesmo ganharam dois campeonatos, que elas jogam também no futsal.

Em conversa com Jilvan, na ocasião que estive em campo, ele me relatou do compromisso e da organização interna do time quando participavam de competições, sempre chegando com uma hora de antecedência, trazendo a alimentação, principalmente quando os horários dos jogos eram próximos ou após o almoço. Permaneci por um tempo no vestiário com a equipe que me acolheu, compartilhando lanches, assim como, criando um clima de alegria e descontração, regadas com músicas e coreografias entre as jogadoras e o professor.

⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Dias_d%27%C3%81vila

2.1.13 Real Itapuã- “a referência do futebol em Salvador”

O time do Real Itapuã foi mais uma das equipes participantes da Copa que contava com as modalidades masculina e feminina. Fundado no ano de 2016, na cidade de Salvador, participou da segunda edição da Copa, não conseguindo avançar na competição.

Assim como outras equipes, não consegui contato com o técnico Rodrigo, apesar dele ter se mostrado bem aberto à participação na pesquisa pelas jogadoras.

No *instagram* do Real Itapuã são compartilhadas com bastante frequência, diversas conquistas das equipes, masculina e feminina, nas diversas modalidades e competições que participam com o Futsal, Fut7, Futebol e o Beach Soccer.

2.1.14 Remo

A técnica do Remo e integrante da comissão organizadora da Copa, a professora Rosane, relatou sua motivação para atuar no futebol de mulheres.

Na realidade eu era jogadora do Remo há 27 anos atrás, daí parei de jogar por conta da idade e fui ser a técnica. O futebol feminino sempre fez parte da minha vida, não fui profissional, agora vejo a chance de formar profissionais.

A equipe do Remo, fundada no ano de 1996, se constitui enquanto mais um dos times da competição que foi criado a partir de um projeto social, inserido no bairro do Uruguai, na cidade de Salvador.

2.1.15 Revelação

A equipe que se sagrou campeã de forma invicta, na segunda edição da Copa, o time do Revelação, criado em 2018, representou a cidade de Santo Amaro, mais especificamente, a zona rural da região, onde reside grande parte das integrantes, no Sítio Camaçari.

O município é localizado a 72 km de distância de Salvador e conta uma população estável de aproximadamente 60 mil habitantes.

A integrante da comissão técnica, a professora e ex-atleta Jucilena, mais conhecida como Lena, relatou um pouco da sua trajetória antes de ingressar no time.

Comecei como auxiliar técnica em 2020 e hoje divido a função de técnica com outro colega, e juntos, procuramos fazer um trabalho de inclusão.

Eu já fui atleta da equipe, na qual já conquistamos algumas competições, já fui atleta de outras equipes como o Fluminense de Feira, seleção de Saubara e tive uma breve passagem pelo São Francisco do Conde.

Segundo Lena, a equipe treina duas vezes por semana, num campo de terra batida, no Sítio Camaçari. Além de futebol, também participam de competições na modalidade de futebol de 7.

Mariele, jogadora do Revelação relatou como ocorreu o convite para participarem da Copa Loreta, no ano de 2023.

Aí surgiu esse time, a gente começou a treinar, treinar, e foi surgindo oportunidades de amistosos, de torneio. A gente foi jogando, jogando. As coisas foram ficando boas pro nosso time. A gente sempre participou de torneio, de amistoso, aqui e fora também, nos lugares próximos aqui. Aí foi um torneio que teve, não me lembro, no ano que eu entrei, em Teodoro Sampaio. E a mulher que participa dessa Copa Loreta viu a gente, gostou do nosso time, resolveu convidar a gente pra participar. Aí a gente se pegou e resolveu topar, né? Foi uma coisa linda, a gente topou com o nosso time. E estamos aí até hoje.

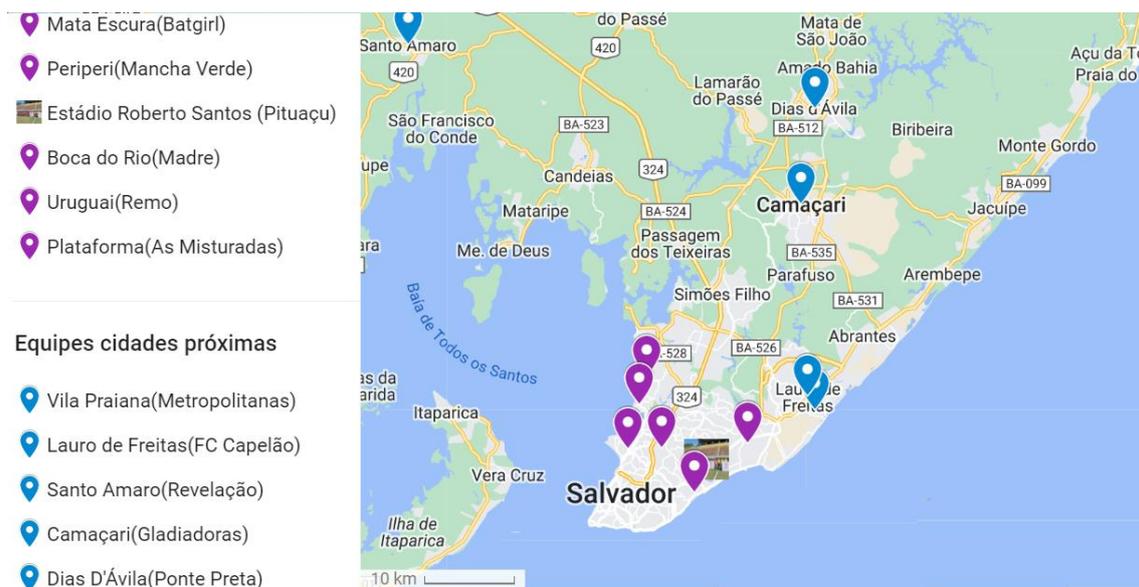
2.1.16 Saracity

Segundo o técnico da equipe, o professor Antônio Carlos, o Saracity foi criado no ano de 2018 a partir da demanda de muitas jogadoras que não tinham espaço no bairro de Saramandaia para se dedicarem ao futebol.

Os treinos ocorrem no campo de terra batida da LDS (Liga Desportiva da Saramandaia), bem como, no campo de grama sintética onde praticam as modalidades de futebol, futsal e fut7. Além de competições amadoras, a equipe participou do campeonato baiano de futebol em 2022 e 2023. Na Copa Loreta, o Saracity, chegou às fases finais da competição, mas não conseguiu o título, perdendo a semifinal para o time Revelação.

2.2 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS EQUIPES

Figura- 16: Locais de treinamentos dos times



Fonte: Elaboração da autora com auxílio do aplicativo *google maps*

A figura 16 ilustra um mapa dos locais onde os times que participaram da segunda edição da Copa realizavam os treinamentos, bem como, revela os trajetos realizados pelas integrantes, de forma individual e/ou coletiva, em direção ao estádio Pituauçú, ocorridos nos finais de semana e feriados que foram vivenciadas as partidas, iniciadas no dia 22 de outubro até a final do torneio, no dia 10 de dezembro de 2023.

Ilustramos com isso, uma das principais dificuldades apontadas pelas comissões técnicas dos times, enfrentadas no cotidiano das equipes que se refere ao deslocamento das participantes tanto nos treinos como nos torneios e campeonatos disputados. A falta de recursos e investimentos financeiros para custear as passagens na cidade de Salvador, o transporte para outras cidades, a taxa de inscrição em campeonatos, a alimentação das jogadoras, bem como, para aquisição de materiais esportivos como bola, chuteiras e uniformes foi destacada pelos técnicos e técnicas como determinantes para o desenvolvimento do seu trabalho e do futebol feminino no contexto baiano.

Não, nunca tivemos apoio financeiro. **Rosana(Madre)**

Apoio financeiro e logístico. Tentei diversas vezes, uma política até iniciou, mas acabou não indo pra frente, ou seja, ajuda zero. **Luciano (Metropolitanas)**

A maior dificuldade, quando falamos de futebol feminino, é a falta de recursos, às vezes queremos fazer mais, mas não temos recursos. **Lena (Baba das Minas)**

Desta forma, recaía sobre os técnicos, a responsabilidade de arcarem com os custos da participação nos eventos, do transporte das jogadoras para os treinos e campeonatos disputados. Além disso, as equipes se mobilizavam fazendo rifas e rateando os gastos entre as integrantes. As figuras 17 e 18 ilustram a publicação da rifas e canais para arrecadação de contribuições em prol das equipes que fizeram a final da Copa no ano de 2023.

Figura 17- Divulgação rifa



Fonte: Instagram @asmisturadas

Figura 18- Divulgação de contato para apoio financeiro



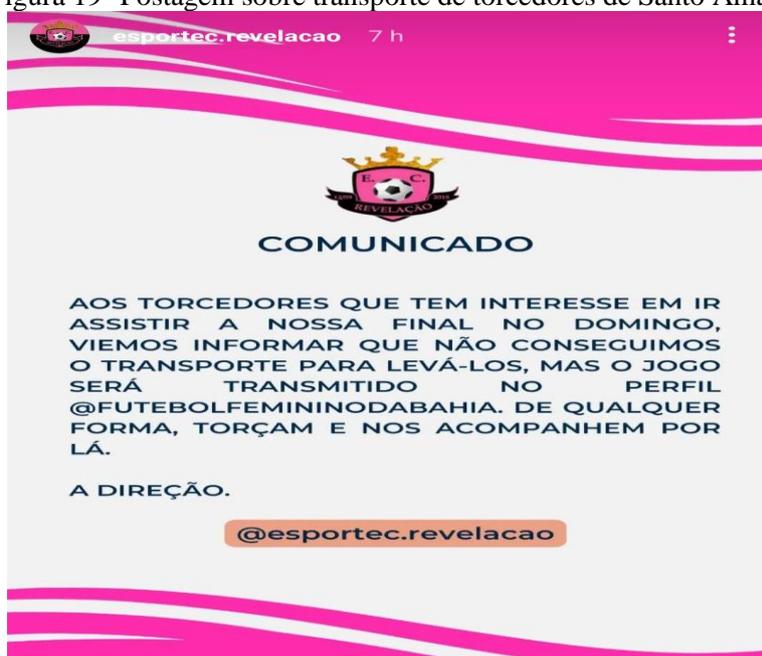
Fonte: Instagram Revelação

Não temos nenhum tipo de patrocínio.. Nós pagamos tudo fazendo rifas e do nosso próprio bolso quando dá .. Inclusive, deixamos de participar de várias competições exatamente por esta questão de não termos patrocínio e nem ajuda pra nada. **Marcela (Mancha Verde).**

Não temos patrocínio, não recebemos nenhuma ajuda de órgão público. Para participar dos eventos, eu e meu diretor, arcamos com os custos das competições **Edno (Misturadas).**

Apenas a técnica da cidade de Santo Amaro, do time Revelação, afirmou ter algum apoio municipal no transporte das jogadoras, ainda que se mostrasse insuficiente para atender às demais necessidades da equipe: “Na maioria das vezes a prefeitura dá o transporte, porém, as demais despesas nós fazemos rifas e pedimos doações”. **Lena (Revelação).**

Figura 19- Postagem sobre transporte de torcedores de Santo Amaro



Fonte: Instagram @esportecrevelação

Ademais, a ausência de políticas públicas e de investimentos de empresas privadas foi assinalado nos discursos dos/as profissionais que vivenciam o futebol de mulheres no estado.

Infelizmente, o futebol feminino é pouco valorizado, não tem recursos de nenhum órgão público, muito menos patrocínio de empresas privadas. Costumamos participar de competições que são gratuitas, como por exemplo a Copa Loreta. E

quando participamos de competições pagas, o custo é dividido entre as atletas que jogam. **Lena (Baba das Minas)**

Os obstáculos existentes, é a falta de apoio e patrocínio, sem falar do descaso dos poderes público e privado. **Antônio Carlos (Saracity)**

Fazemos uma rifa...Como não temos apoio, participamos de pouquíssimas competições...Patrocínio ou órgão público para apoiar o futebol feminino não conseguimos. **Iolanda (Minas de Ouro)**

Questões relativas ao preconceito de gênero também foram demarcadas, especialmente pelas técnicas, quando relataram sobre as dificuldades na vivência do futebol nos times que atuavam.

Passei por cima do preconceito por sermos mulheres, machismo, entre outras coisas... Cheguei até ir na quinta delegacia pra poder reivindicar nossos direitos na luta por um espaço e horário no campo. **Marcela (Mancha Verde).**

São várias coisas, falta de apoio, falta de campo de treino, no caso, só temos um dia na semana e ainda temos que disputar com os homens o nosso horário. **Rosane (Remo)**

Incentivo financeiro para participar de mais competições e para as mães de família que desejam treinar, porém, não tem com quem deixar seus filhos. **Iolanda (Minas de Ouro)**

A principal barreira no trabalho de técnica de futebol feminino é o preconceito dos clubes que preferem os homens pra exercer a função, mesmo a equipe sendo feminina. A falta de compensação financeira também é um grande obstáculo já que os clubes quando contratam mulheres pra dirigir suas equipes femininas não pagam o salário equivalente à função que já pagaram aos treinadores anteriormente. **Rosana (Madre)**

Preconceito. Conquistar a confiança e o respeito das atletas. **Edno (Misturadas)**

As condições de treino, não temos condições ainda de oferecer um bom lugar e materiais adequados, sem falar nas dificuldades enfrentadas para recrutar as meninas. Na maioria das vezes começam tarde, pois os pais não aprovam. **Lena (Revelação).**

Outra dimensão da precarização imposta ao futebol feminino, sublinhadas nos relatos das comissões técnicas, se referia a questões individuais vivenciadas pelas jogadoras, na percepção que possuem sobre si e sobre o horizonte de profissionalização em suas trajetórias esportivas. Este tema será mais explorado no capítulo 3 da tese, mas, aponta para os significados do futebol que são compartilhados pelos diversos atores nesta prática corporal.

Falta ainda muito apoio por parte das grandes empresas e do meio público, falta também dedicação em grande parte das meninas para tentar seguir carreira. **Luciano (Metropolitanas).**

Falta muito mais apoio e visibilidade e também as atletas se valorizarem mais para que possam ter as condições ideais para trabalhar e viver de futebol. **Edno (Misturadas).**

A falta de comprometimento das atletas do futebol feminino é um obstáculo a ser superado. Por mais que ensinamos que isso é o diferencial na vida de uma atleta, muitas jogam pra cima o futuro no esporte por não acreditar na possibilidade de crescer com o futebol. **Lena (Baba das Minas).**

2.3 AVALIAÇÃO DA COPA LORETA PELAS COMISSÕES TÉCNICAS

Nesse contexto, acrescentamos a avaliação das comissões técnicas sobre a participação na Copa Loreta Valadares Copa Loreta que se destacou por romper com a lógica de precarização e ausência de incentivos públicos e privados impostos historicamente ao futebol de mulheres no Brasil e no estado da Bahia ao valorizar a modalidade, as jogadoras, as equipes participantes, bem como, os projetos sociais que estes times representavam.

Foi um desafio muito grande, pois não tínhamos recurso nem para dar um transporte a atleta, Mas, independente das dificuldades, a experiência foi maravilhosa para todos. **Iolanda (Minas de Ouro).**

Foi uma experiência incrível, a Copa Loreta traz uma oportunidade única para o futebol feminino em Salvador. Precisamos de mais projetos para que nossas meninas possam voar mundo afora pelo futebol. **Lena (Baba das Minas).**

Foi incrível, a oportunidade de disputar uma competição em um estádio de futebol. Em 2022, ficamos em quarto lugar, sofremos muito com lesões de atletas, isso prejudicou bastante. Em 2023, ficamos em segundo lugar com uma campanha incrível que nos deixou muito orgulhosos. **Edno (Misturadas).**

Foi a realização de um sonho maravilhoso, ver nossas meninas emocionadas em jogar no estádio em uma competição desse nível. **Rosane (Remo).**

Participar da Copa Loreta Valadares pra nossa equipe é uma experiência fantástica, pois nos sentimos tratadas com dignidade, por termos a oportunidade de disputar uma competição num estádio de futebol onde os profissionais também jogam, ter um vestiário em condições de uso, jogar num gramado extremamente bem cuidado, num estádio que tem arquibancada em condições de uso pra abrigar a torcida, amigos e familiares de atletas, receber uniformes pra jogar, e tudo isso de forma gratuita é extremamente importante pra todas nós. **Rosana (Madre).**

Nossa participação foi uma ótima experiência e aprendizados, sim, participamos por duas vezes da copa Loreta Valadares, em 2022 e 2023. **Antônio Carlos (Saracity).**

Foram as únicas oportunidades que tivemos apoio e estrutura a nível profissional. **Luciano (Metropolitanas).**

Participamos das 2 edições!!! A experiência é incrível, realizadora, marcante e impactante. **Marcela (Mancha Verde)**.

Foi uma experiência incrível, surreal, ficamos muito alegres por ter participado da Copa Loreta Valadares, uma competição de grande nível de uma organização excelente, onde, minha equipe Gladiadoras pôde mostrar o trabalho delas. Agradeço muito. **Sandro (Gladiadoras)**.

Foi uma experiência extraordinária, pois saímos do interior e mesmo com tantas dificuldades conseguimos sempre chegar no horário e cumprir tudo certinho. E foi gratificante poder mostrar ao grupo que elas podem voar e ir mais longe do que elas pensam, basta querer. Só participamos da edição de 2023. Estreamos com pé direito. **Lena (Revelação)**.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos a Copa Loreta Valadares a partir das informações produzidas pela observação participante, bem como, dos resultados obtidos pelo questionário respondido por membros das comissões técnicas e recortes das entrevistas realizadas com as jogadoras sobre suas trajetórias no futebol de mulheres vivenciado no estado baiano.

A partir dos relatos das comissões técnicas sobre as equipes/projetos sociais que compuseram o rol de times que disputaram o torneio, vislumbramos o cenário de precarização e ausência de investimentos que atravessam o futebol feminino no estado. Sublinhamos as mobilizações protagonizadas pela sociedade civil representadas pelas equipes participantes e projetos sociais que fizeram durante todo o evento a divulgação em suas mídias sociais contribuindo para o desenvolvimento e manutenção do futebol feminino no estado.

Nesse contexto, o futebol constituiu-se enquanto uma via de promoção de cidadania e dignidade para as populações que são submetidas à diversas violações e privações de direitos básicos como moradia, saúde e lazer, bem como, de mobilização social em prol da superação de opressões de gênero, raça e sexualidade a partir da constituição de redes de solidariedade, imbuídas de iniciativas de auto organização coletiva, sendo estas, diretamente responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção do futebol feminino na capital Salvador, mas também, em seu entorno.

A Copa Loreta Valadares representou um momento de ruptura frente a realidade de dificuldades e descasos de instituições públicas e privadas no que tange ao desenvolvimento do futebol feminino ao valorizar essas equipes, estimulando a continuidade destes projetos sociais.

3. HISTÓRIAS DE VIDA NO FUTEBOL: ITINERÁRIOS PELAS JOGADORAS

3.1 HISTÓRIAS DE VIDA NO FUTEBOL

A abordagem narrativa mobiliza o protagonismo das participantes nas produções uma vez que adota como premissa a autonomia na construção dos discursos, possibilitando que as jogadoras repensem os eventos enunciados (RIBEIRO E VASCONCELOS, 2020). Desta forma, as participantes puderam discorrer livremente sobre suas experiências no futebol, desde as primeiras aproximações com a prática, mas também, anunciando os eventos mais marcantes nas suas trajetórias elaborando assim: “a construção gradativa de uma história com tendências próprias, em que os conteúdos implícitos e os não ditos, possam emergir com maior naturalidade e comprometimento com a realidade cotidiana” (MUYLAERT ET AL, 2014, p.21).

Na análise das narrativas buscamos “reconstruir modelos processuais dos cursos de vida”, ou seja, pretendeu-se “elaborar modelos teóricos sobre a trajetória de indivíduos pertencentes a grupos e condições sociais específicas” (Schütze, 1981 *appud* Ribeiro e Vasconcelos, 2020), que nesta investigação foram construídos a partir da compreensão dos itinerários esportivos das jogadoras de futebol no contexto baiano.

Buscamos construir reflexões sobre as questões de gênero seguindo o percurso temporal nos itinerários esportivos de jogadoras que reuniram as temáticas mais recorrentes nas narrativas construídas, incluindo a participação na Copa Loreta Valadares. Apresentamos as trajetórias de três jogadoras de gerações distintas, buscando demarcar seus contextos e momentos históricos, bem como, evidenciar as racializações de gênero, compreendidas a partir da produção de feminilidades subalternizadas que constituíram o perfil da maioria das participantes da Copa: as jogadoras negras e lésbicas.

Nesse sentido, destacamos que a compreensão adotada nesse estudo sobre as feminilidades negra e lésbica considera que estas se constituíram a partir de processos sociais e históricos e não se apresentam como “dados”, meramente naturais e biológicos. Conforme assinalamos nos tópicos anteriores, o padrão de poder capitalista, global e eurocêntrico, ou seja, a colonialidade de poder e de gênero atribui lugares e hierarquias para estas populações que foram exploradas e oprimidas desde a formação social do estado brasileiro.

Nesta direção, Haider (2019, p.80) nos alerta para as consequências no campo político-ideológico: “dizer que essas diferentes esferas da vida interagem e se intersectam

é um truísmo banal que não se explica nem como nossa sociedade é estruturada e reproduzida, nem como podemos formular uma estratégia para mudar essa estrutura”.

Ademais, assinala para os riscos de adotar uma política centrada na identidade:

O paradigma da identidade reduz a política a quem você é como indivíduo, e, a ganhar reconhecimento como indivíduo em vez de ser baseada no seu pertencimento a uma coletividade e na luta coletiva contra uma estrutura social opressora. Com isso, a política identitária reforça as normas que propõe criticar. É a ideologia que surgiu para apropriar-se do legado emancipatório dos movimentos contra as opressões para colocá-los a serviço do avanço das elites políticas e econômicas (HAIDER, 2019, p.37).

Para o autor, a interseccionalidade no seu uso mais comum levaria a reduzir a prática política a uma demanda pela reparação de uma lesão, constituída pelas interseções, como linhas que se entrecruzam, podendo assim, reivindicar o status social de mais lesados no nível jurídico, do qual a política seria reduzida, conquistando proteção institucional e lugar de fala. Desta forma, seriam enfraquecidos os movimentos de auto organização coletiva, bem como, as ações de solidariedade capazes de gerar alianças e coalizões políticas transformadoras.

Freire (2023, p.196), ressalta na obra “Pedagogia do Oprimido”, a forma que as elites opressoras imprimem aos povos explorados sua estratégia de dominação: “Dividir para manter o *status quo* se impõe, pois, como fundamental objetivo da ação dominadora, antidialógica”.

3.2 SOBRE A INSERÇÃO DA PESQUISADORA NA APRESENTAÇÃO E PERCEPÇÃO DAS HISTÓRIAS E QUESTÕES DE GÊNERO ELENCADAS

O livro “Os Condenados da Terra” promove uma reflexão sobre a violência da colonização que é sentida tanto nos seus aspecto físico/material quanto na sua dimensão simbólica e ideológica, reproduzida pela linguagem enquanto argumento de autoridade que é forjado como uma “justificativa” para este processo, representado na afirmativa: “Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder se interpõe uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de “desorientadores” (FANON, p.34, 2022).

O mundo colonizado foi dividido em dois, no qual se compartimentalizam duas realidades distintas, a de pertencer a uma espécie e a uma raça: a humana e a branca em oposição aos não humanos e não brancos.

Na descrição da sociedade dos últimos, são atribuídos a ausência e/ou a negação de valores éticos, sendo estes posicionados como mal absoluto, capaz de corromper as

bases morais do bem e do considerado saudável. Desta forma, todas as marcas de adoecimentos, de indigências e de instintos animais são associados à população explorada, sendo vistos como causadores e vetores que precisam ser combatidos com o recurso da violência (FANON, 2022).

Nesse contexto, é importante destacar que nosso esforço neste capítulo foi de demarcar o protagonismo e a capacidade de transformação da realidade operada pelas participantes da Copa em conjunto com as equipes e projetos sociais que estavam inseridas, no momento da realização da pesquisa.

Reconheço que minha trajetória de vida esteve apartada ou mesmo alienada desses processos de violência colonial/institucional. Enquanto uma mulher cis, racializada como branca, oriunda da classe trabalhadora, tive acesso a vantagens estruturais, ou seja, que a herança escravocrata proporcionou para pessoas como eu e que Bento (2022, p.62) definiu como branquitude: “Conjunto de práticas culturais que são não nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais”. Como corolário, se insere o privilégio branco constituído pelas facilidades estruturais, expressas de forma material e simbólica, herdadas pela população branca, estando presente em suas vidas, mesmo sendo estas, pobres e/ou antirracistas.

Tive uma formação pessoal e profissional que me oportunizou a ânsia e o desejo por uma educação crítica que buscasse a superação das desigualdades sociais e dos sistemas de opressão que estruturam essas injustiças. A educação como prática de liberdade, ou seja, a partir da transgressão a essas imposições, no qual exista a valorização de cada pessoa engajada na constituição de uma comunidade.

Este processo educativo, segundo Beatriz Nascimento, deve permear a consciência de que apesar da dominação e da cisão do país operada pelo racismo que remonta à colonização e a formação da identidade nacional, se faz necessário o reconhecimento que tanto a população negra escravizada quanto a que foi forjada pela violência da miscigenação, participaram ativamente do que se considera como sendo a nação brasileira. Para isso, torna-se imperativo que os/as intelectuais se defrontem com a realidade material desse processo.

(...) Nos encarem como nós somos, isto é, aceite-se, tendo se misturado conosco, tendo usufruído de todos os nossos bens, aceite ser parte de nós, ter sido alimentado, amado, defendido por nós, aceite ter negado na prática a sua moral, sua religião, sua cultura dormindo conosco na cama, amamentando por nossas mulheres, defendido e instruído por nossos homens. Aceite-se sem culpa e sem preconceitos. Aceite-se tão miserável, tão faminto quanto eles, “tão inculto”

quanto eles(ou mais), talvez assim alguma coisa em nós possa ser útil para a compreensão de sua sociedade em crise (NASCIMENTO, p.51, 2021).

Desta forma, busquei me inserir na vivência do futebol feminino no contexto baiano, recorrendo assim, aos instrumentos de pesquisa que possibilitaram essa leitura da realidade compartilhada por meninas e mulheres que praticam a modalidade, assim como, os/as demais agentes sociais que se constituíram como interlocutores/as na pesquisa e co-autoras/es desta tese.

Antes de abordar as histórias de vida das participantes da Copa Loreta Valadares apresentarei brevemente os referenciais que subsidiaram as análises sobre o futebol de mulheres, sendo este constituído predominantemente por mulheres negras, mas também por um número expressivo de jogadoras lésbicas, conforme evidenciamos no perfil delineado. Neste contexto, torna-se fundamental a compreensão desta prática corporal como lócus de produção e reprodução de feminilidades dissidentes, abordando a construção do conceito de modernidade para as populações não-brancas na formação social brasileira.

Os debates acerca da constituição histórica do conceito de modernidade e de suas transformações na América latina se inserem no bojo de tensões nos quais foram fomentados a revisão desses processos que culminaram na construção das teorias anticoloniais e decoloniais. Nesse sentido, é fundamental demarcar que essa mudança de perspectiva dos movimentos e estudos anticoloniais e subalternos pretendia evidenciar os processos simbólicos e ideológicos que reposicionaram as relações de poder nos processos históricos-culturais nomeados como modernidade.

Desta forma, essa etapa passa a ser compreendida a partir de distintos marcos, tendo seu início na conquista do continente americano pela Europa, entre o final do século XV e início do século XVI e não no que convencionalmente havia sido atribuído ao Iluminismo e a revolução industrial. Capitaneados pelas potências europeias que buscavam ampliar seus domínios para outras regiões, bem como, pela necessidade de expansão e desenvolvimento do modo de produção capitalista que se encontrava na fase de acumulação monopolista.

A forma adotada para alcançar essa demanda de ampliação global se concretizou a partir da constituição de sistemas coloniais, visando a exploração de territórios na América, Ásia, África e Oceania. De forma hierarquizada, esses processos de dominação foram sendo estendidos da Europa para o resto do mundo, caracterizados pelas desigualdades e contrastes sociais entre estas regiões. Nesse bojo, foram forjadas as

narrativas da modernidade que implicava necessariamente na subalternização das práticas e subjetividades dos povos dominados (QUINTERO, FIGUERA E ELIZALDE, 2010).

As teorias anticoloniais/decoloniais advindas do território latino-americano foram fundamentais por este ter sido constituído enquanto o lócus no desenvolvimento do capitalismo mundial, bem como, a primeira experiência, na sua dimensão simbólica e material, do sistema colonial/moderno, criando lugares e hierarquias para a maioria da população nativa (DIMENSTEIN ET AL, 2020).

Nesta direção, Quijano (2005) aponta para a centralidade dos condicionantes raciais da dominação capitalista eurocêntrica, impostas pela colonialidade de poder, na constituição de sua teoria histórica de classificação social. Desta forma, busca compreender as disputas históricas que sobre o controle do trabalho, sexo, autoridade coletiva e processos intersubjetivos como lutas e mobilizações a longo prazo ao invés de concebê-los como categorias a-históricas, ou seja, anteriores às disputas, nas relações de poder. Nesse sentido, Quijano (2005, p.123) ressalta:

(...) claro que este padrão de poder, nem nenhum outro, pode implicar que a heterogeneidade histórico-estrutural tenha sido erradicada dentro de seus domínios. O que sua globalidade implica é um piso básico de práticas sociais comuns para todo o mundo, e uma esfera intersubjetiva que existe e atua como esfera central de orientação valorativa do conjunto. Por isso as instituições hegemônicas de cada âmbito de existência social, são universais para a população do mundo como modelos intersubjetivos. Assim, o Estado-nação, a família burguesa, a empresa, a racionalidade eurocêntrica.

(...) cada uma dessas instituições existe em relações de interdependência com cada uma das outras. Por isso, o padrão de poder está configurado como um sistema.

As consequências desse padrão colonial de poder são impostas sobretudo para as populações negras e a indígenas, na violência sistemática a que são submetidos esses corpos nos processos de exploração e opressão. Nesse processo, são forjadas e naturalizadas as identidades sociais de negros, mestiços e índios que serão posicionados num lugar de escravidão em oposição aos lugares dos conquistadores e brancos que serão alocados nas funções de prestígio (DIMENSTEIN ET AL, 2020).

Esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza (QUIJANO, 2005, P.129).

No que tange à classificação de gênero, o autor destaca sua associação com a anatomia, tornando-se parte de um modelo cognitivo colonial que demarca uma oposição/dualismo fundamental para a subordinação das mulheres na relação com os homens, bem como, as posiciona de forma desigual numa escala evolutiva (QUIJANO,2005). Lugones (2008) busca compreender as especificidades da categoria gênero, expressas a partir de um sistema moderno e colonial de gênero. Assim, são destacados nesses processos, a centralidade da organização do gênero em termos raciais, pontuados por Quijano (2005) a partir de um padrão hegemônico que atua nas construções sociais constituídas pelo padrão de poder capitalista, global e eurocêntrico. O dimorfismo biológico, a heterossexualidade e o patriarcado são características visíveis desta organização no sistema de gênero. Nesse contexto, Lugones (2008, p.93) destaca:

A redução do gênero ao âmbito privado, o controle sobre o sexo e seus recursos e produtos, é uma questão ideológica apresentada ideologicamente como biológica, parte da produção cognitiva da modernidade que concebeu a raça como generificada e o gênero racializado de maneiras distintas entre os europeus brancos e as populações colonizadas não-brancas. A raça não é mais mítica nem mais fictícia que o gênero. Ambas são ficções poderosas. (Tradução da autora).

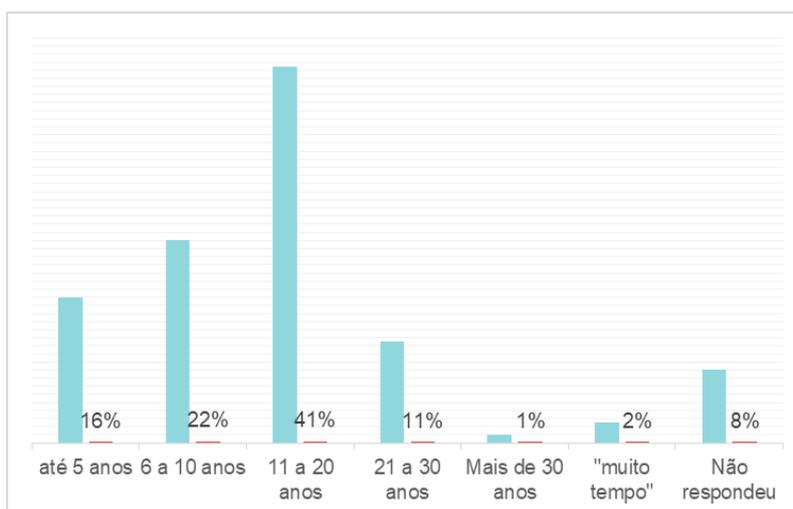
3.3 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DAS PARTICIPANTES DA COPA

Neste tópico, nosso esforço foi de delimitar um perfil das participantes da Copa Loreta Valadares a partir de dados obtidos pelo questionário sociodemográfico que incluía questões sobre marcadores sociais (nome, idade, raça/cor, orientação sexual, religião, renda, local de nascimento/residência e etc.), bem como, acerca do tempo prática no futebol, incluindo a descrição dos times que jogou e comentários sobre a participação nas edições do torneio.

As respostas foram obtidas nos momentos que estive junto às equipes, no decorrer da segunda edição da Copa, assim como, de forma virtual, a partir do link do questionário, enviado pelo whatsapp das jogadoras, comissão técnica e organização do evento dos quais tive contato durante e após a competição.

O questionário foi respondido por 229 jogadoras das 16 equipes participantes da Copa, na segunda edição do torneio, realizado no ano de 2023.

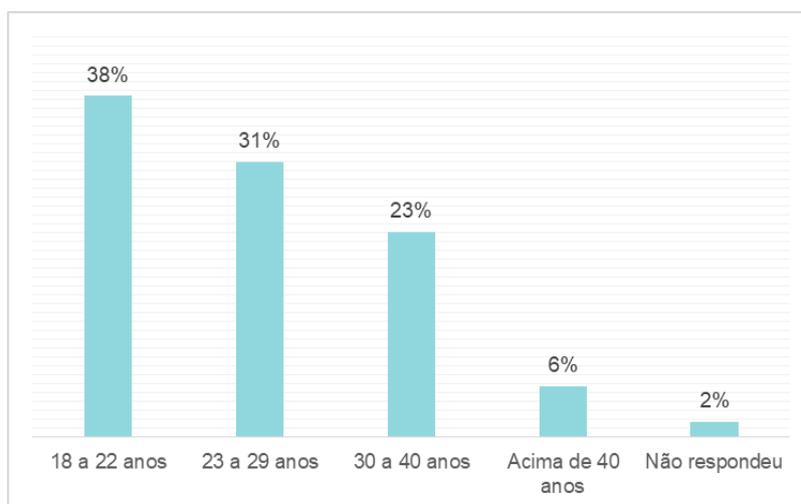
Figura 20- Tempo de prática no futebol



Fonte: Elaboração da autora

A figura 20 ilustra uma das questões abertas do questionário que se refere ao tempo de prática: A maioria das jogadoras respondeu que tinha de 11 a 20 anos no futebol (41%), seguidas das que possuíam de 6 a 10 anos (22%), e, aquelas que tinham até 5 anos (16%). Algumas das jogadoras não souberam precisar o tempo exato e optaram por colocar a expressão “muito tempo” que obteve 2% das respostas. Ademais, com 1% das respostas estavam aquelas que afirmaram ter mais de 30 anos que iniciaram a prática da modalidade.

Figura 21 - Faixa etária



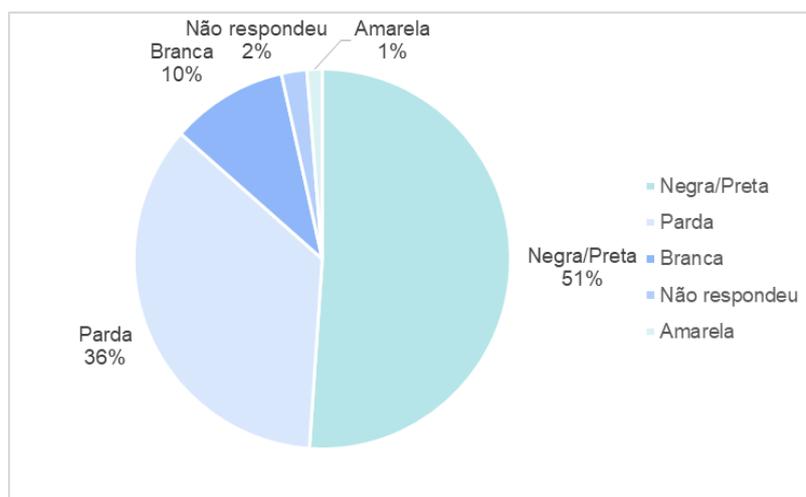
Fonte: Elaboração da autora

A Figura 21 ilustra a faixa etária das participantes, sendo que a maioria destas estavam inseridas na faixa etária de 18 a 22 anos de idade (38%). Seguidas pelas jogadoras inseridas na faixa de 23 a 29 anos (31%) e pelas de 30 a 40 anos (23%). Em

menor número estavam as jogadoras acima de 40 anos (6%). Em relação ao estado civil, a maioria das jogadoras se declarou solteira (89%) e que não tinha filhos (82%).

Calculamos a média de idade de início na prática do futebol a partir das faixas etárias: As jogadoras inseridas na faixa de idade de 18 a 22 anos iniciaram no futebol aos **10 anos**, na faixa de 23 a 29 anos foi aos **12 anos**, na faixa de 30 a 40 anos, aos **16 anos** e na faixa etária acima de 40 anos, iniciaram aos **24 anos**. Isso nos mostra como está sendo antecipada a entrada destas jogadoras na prática do futebol a partir das distintas gerações.

Figura 22- Raça/Cor



Fonte: Elaboração da autora

As participantes que se autodeclararam pretas/negras (51%), seguidas das pardas (36%) e das brancas (10%). Dados do último censo do IBGE em 2022 mostram que 57% da população da Bahia se autodeclarou como parda, seguida das pessoas pretas (22,4%) e brancas (19,6%) que residiam no estado. Além disso, a maioria das jogadoras nasceu no estado da Bahia (95%).

Se somarmos as pretas e pardas, teremos 89% das participantes que se autodeclararam negras, índice maior do que o indicado na população do estado (79%), dado que nos mostra que quando se trata do futebol, a população de mulheres negras concentra um número significativo de praticantes.

Segundo o IBGE (2023), o perfil das pessoas que se encontravam na condição de pobreza e extrema pobreza revelou que o marcador racial se mostrou determinante na distinção, não sendo destacados quando se referiam ao gênero uma vez que não houve diferenças significativas entre homens e mulheres pobres e extremamente pobres.

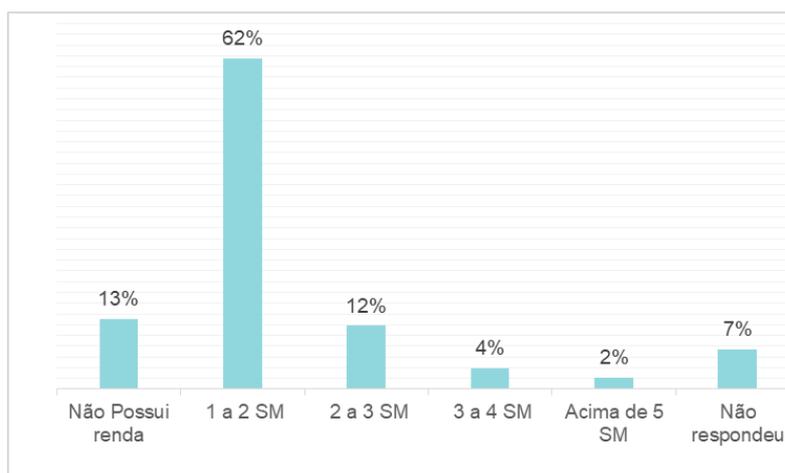
As pessoas pretas ou pardas representavam mais de 70% dos pobres e extremamente pobres. Essas diferenças também se mantiveram nas taxas de pobreza e extrema pobreza: 7,7% das pessoas pretas e pardas eram extremamente pobres em 2022 (contra 3,5% entre brancos) e 40,0% eram pobres (contra 21,0% de brancos).

O documento chama a atenção para os dados envolvendo os níveis de empobrecimento das mulheres pretas ou pardas, no qual os percentuais foram ainda maiores, chegando a 8,0% de extremamente pobres e 41,3% de pobres. Além disso, o relatório definiu o arranjo familiar que mais apresentava uma situação de precariedade em relação às linhas de pobreza, que era constituído pelas mulheres pretas ou pardas responsáveis, sem cônjuge e com presença de filhos menores de 14 anos de idade que concentrou a maior incidência de pobreza: 22,6% dos moradores eram extremamente pobres e 72,2% eram pobres.

No Brasil, o padrão colonial de exploração da população negra se iniciou a partir do tráfico de escravizados vindos da África no ano de 1550, tendo seu ápice no final do século XVI, no qual se constituía enquanto a maioria da população do país. Estes/as escravizados/as foram sendo distribuídos por todo território nacional a partir da demanda por mão de obra nas plantações de cana de açúcar, café, algodão, bem como, na mineração, em diferentes momentos históricos, durante o período de mais de 300 anos que perdurou o regime de escravidão.

González (2020) assinala que durante todo esse período houve movimentos de resistência organizada da população escravizada a partir da formação de quilombos. A historiografia oficial negava essa realidade a partir da reprodução do mito da democracia racial, no qual o racismo inexistia no Brasil uma vez que sua população era constituída pelo processo de miscigenação, tendo como central, a forma pacífica e cordial adotada por parte dos colonizadores, decorrentes de “casamentos inter raciais”. Nesta narrativa ideológica os negros e negras escravizados eram retratados a partir de estereótipos de passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitando, de forma tranquila o processo de dominação e exploração instaurado no período colonial.

Figura 23 - Renda



Legenda: SM(Salário Mínimo).

Fonte: Elaboração da autora

A renda familiar das participantes era em sua maioria localizada na faixa de 1 a 2 salários mínimos (62%). As jogadoras inseridas nesta faixa salarial atuavam em áreas como: telemarketing, garçoneiro, recepcionista, atendente, assistente, ajudante, auxiliar administrativo, autônoma e etc. Incluídas nesta categoria, se encontravam as que declararam ser estudantes, bem como, as que estavam desempregadas, e por fim, as que não declararam suas ocupações no preenchimento do questionário. Na faixa etária de 2 a 3 salários mínimos (12%), estavam as participantes que atuavam em áreas como: professora de educação física, contadora, arquiteta e calculista judicial. Um número reduzido de jogadoras, se inseriram nas faixas entre 3 a 4(4%) e acima de 5 salários mínimos (2%) atuando como médica (1 participante), professora de educação física (1 participante) e atleta profissional (1 participante).

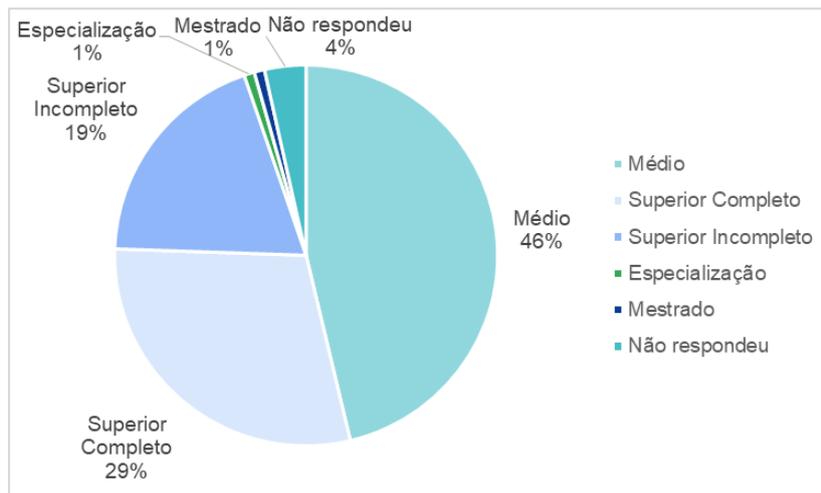
Nesse sentido, vislumbramos os processos coloniais que se reatualizam fazendo com que a maioria das participantes da Copa sejam posicionadas em lugares de abjeção que remontam aos processos de escravização aos quais mulheres negras foram submetidas durante a formação social no país. O lugar das mulheres escravizadas se distribuía entre duas categorias: a de trabalhadora do eito e a de mucama. Quando suas atividades estavam relacionadas à posição de mucama, eram responsáveis pela manutenção do funcionamento geral da casa grande, desde lavar, passar, cozinhar, amamentar os filhos das sinhás, bem como, servirem de objeto sexual para a iniciação de parentes jovens, e, dos senhores de engenho. Na posição de trabalhadora, as mulheres negras eram vítimas de muitas violações físicas e morais, recorrendo muitas vezes ao

suicídio enquanto alternativa para que seus filhos não tivessem o mesmo destino, tendo a sobrevida média de, no máximo, dez anos. (GONZÁLEZ, 2020).

Nesse sentido, destacamos os resultados do IBGE (2023) que retratou a taxa de subutilização da força de trabalho mais elevada para as mulheres negras e pardas. Sendo que 25,9% das mulheres e 24,6% das pessoas pretas ou pardas encontravam-se subutilizadas em 2022, percentuais significativamente maiores do que os de homens (16,8%) e de pessoas brancas (16,2%). Ainda que tenha sido observado uma queda da subutilização em todas as categorias de sexo e cor ou raça em 2022 em relação ao ano de 2021, as diferenças históricas se mantiveram, indicando maior vulnerabilidade para mulheres e pessoas pretas ou pardas. Ademais, os dados apontaram que houve aumento no índice de desemprego no ano de 2023, em 16 estados, sendo a Bahia um dos três estados que apresentaram os maiores índices, ao lado de Pernambuco e Amapá.

Outro fator que destacamos no documento se refere ao rendimento médio mensal que no estado da Bahia se configurou o menor do país ao lado do estado do Maranhão, sendo este independente dos níveis de instrução apresentados (variando do sem instrução ao superior completo).

Figura 24 - Escolaridade



Fonte: Elaboração da autora

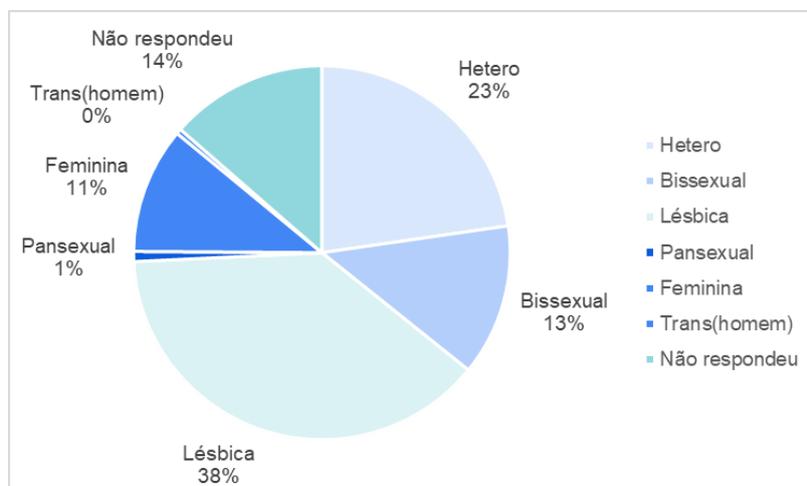
A maior parte das jogadoras afirmou ter concluído o ensino médio (46%), seguido das que haviam completado o curso superior (29%), e aquelas que estavam cursando o ensino superior (19%). O acesso a esse nível de ensino foi ampliado, considerando que mais 48% das participantes se encontravam cursando ou concluído um curso nesta modalidade. Dados do Portal da Transparência da Bahia indicam que apenas 12% da população possuía em 2022 o ensino superior (completo e incompleto), o que nos sinaliza

que este grupo de participantes da Copa estaria muito acima da média do estado. Entretanto, mesmo com esta formação, as participantes não estavam inseridas em postos de trabalho compatíveis com cargos deste nível de capacitação.

Estes resultados revelam os avanços educacionais que marcaram os anos 2000 decorrentes do estabelecimento de marcos legais da educação básica, como a alteração da LDB/1996 e no ensino superior a partir da Lei de cotas (nº 12.711/2012). Nesse bojo também se insere a Lei nº 10.639, em 2003 que estabelece o direito de familiares, estudantes e docentes de aprender e ensinar sobre história e cultura negra brasileira e africana nas escolas⁸.

Por outro lado, a matéria assinala que mesmo com o aumento de ingresso no Ensino Superior, as mulheres negras seguem como perfil sub-representado nas instituições públicas do país. De acordo com o censo escolar do ano de 2018, do total de mulheres negras que entraram em uma universidade, 16% ingressaram em instituições públicas e 84% em instituições privadas. Entre os desafios para a população de mulheres negras que ingressam em instituições privadas, sendo a condição de algumas das jogadoras entrevistadas, que foram beneficiadas com bolsas de estudos parciais ou sem bolsas de estudo, resta ainda, a preocupação com as despesas de matrículas e mensalidades. Esses seriam alguns dos aspectos das descontinuidades impostas aos seus itinerários acadêmicos que incidem diretamente na sua permanência e êxito nos cursos do Ensino Superior.

Figura 25- Orientação sexual



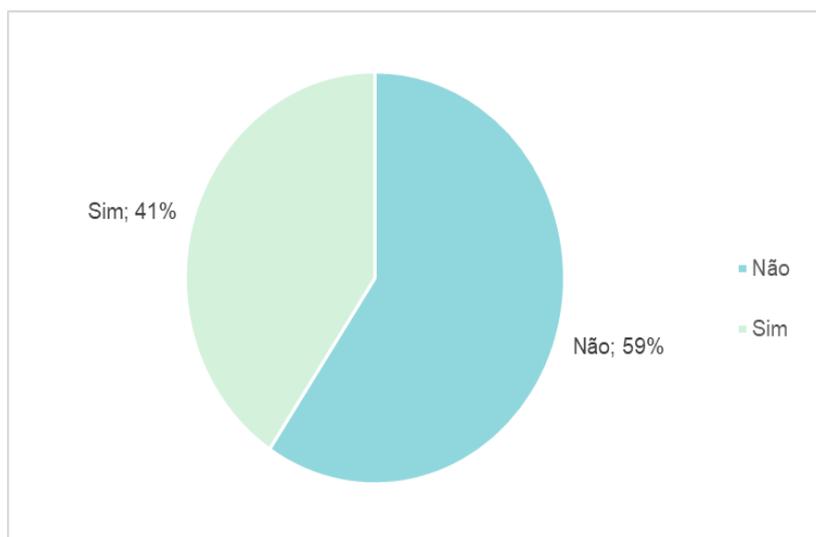
Fonte: Elaboração da autora

⁸ Mais informações, ver reportagem publicada no site GELEDES: <https://www.geledes.org.br/boletim-seta-01-desigualdade-de-genero-e-raca-naeducacao-brasileira>

Em relação ao marcador de sexualidade, a maioria respondeu que se identificava como lésbica (38%), seguido das heterossexuais (23%), bissexuais (13%) e pansexual (1%). Durante a aplicação do questionário, algumas jogadoras quando responderam este item optaram pelo termo feminina ou feminino (11%), confundindo sexualidade com gênero. Um dos participantes se identificou como homens trans. Algumas jogadoras preferiram não responder a essa questão (14%), e algumas destas, sentiram-se mais à vontade de revelar sua orientação sexual apenas no momento das entrevistas.

Considerando o somatório das que se identificaram como lésbicas e bissexuais, poderíamos inferir que no mínimo 51% das participantes mantiveram vínculos homoafetivos.

Figura 26 - Participação na 1ª edição da Copa



Fonte: Elaboração da autora

A participação de 6 equipes novas (Minas FC, Minas de Ouro, Baba das minas, Real Itapuã, Grêmio e Revelação) aumentou o número de jogadoras recém chegadas na competição. Entretanto, mesmo nas 10 equipes que participaram das duas edições, houve a entrada de novas integrantes visto que o resultado deste item mostrou que a maioria das jogadoras que participaram da segunda edição eram estreantes na Copa.

Como a maior parte das equipes são oriundas da cidade de Salvador e região metropolitana, existe um fluxo permanente de renovação dos times com permutas de jogadoras, realizadas a partir da mediação das comissões técnicas e/ou mudanças individuais mobilizadas pela iniciativa das jogadoras. Nélia, que participou da primeira edição da Copa pelo time do Cruzeiro, relatou como se deu sua transição para a equipe da Ponte Preta:

E aí com isso, o Cruzeiro ficou empatado de botar o time para disputar. Aí, pra gente não ficar prejudicadas, o técnico sempre libera a jogadora para outros times. Aí eu fiquei na disputa para jogar para o time da Ponta e Preta ou para o time do Grêmio. Por eu não conhecer quase ninguém do time do Grêmio, eu dei prioridade para o time da Ponta Preta, das meninas lá de Dias D'ávila.

(...). Quando tem campeonatos estaduais, ele libera a gente pra vários times. Os técnicos vão ver a gente jogando e dizem que querem aquela jogadora que gostou do desempenho dela jogando, que querem fulana de tal. Aí o técnico fica distribuindo a gente por diversos times. O Cruzeiro na Copa Loreta foi para o time da Ponte Preta, outro foi para o time do Grêmio, outro foi para o Batgirl, outro foi para o time das Misturadas.

Além disso, conforme o relato da comissão organizadora, existia no ano da última edição da Copa, em 2023, um contingente de praticantes agrupadas em torno de 120 equipes que vivenciavam o futebol na cidade e região metropolitana de Salvador, sinalizando que o universo de jogadoras e equipes convidadas para a Copa representaria apenas $\frac{1}{6}$, considerando as 20 equipes participantes (sub 17 e adulta), nesta edição do torneio. Desta forma, poderíamos compreender o montante de jogadoras novatas presentes nesta edição, bem como, estimarmos a demanda reprimida, e não atendida, por esta possível política pública, no âmbito do futebol de mulheres no estado.

A gente mapeou primeiro, não foram só 20 equipes, pelo mapa que você viu, a gente hoje tem mais de 120, foi a última parada que nós tivemos, no levantamento, mais de 120 equipes, aquelas com CNPJ, outras sem CNPJ. E a gente, por militar dentro do futebol feminino, a gente visitou vários projetos, várias equipes. (...) Não, a gente mapeou pelo projeto da Copa Loreta não oferecer transporte, deslocamento, a gente já tinha esse levantamento feito, a gente só trabalhou em cima de Salvador.

Em síntese, poderíamos delimitar que o perfil predominante das jogadoras participantes da Copa Loreta Valadares seria constituído por mulheres jovens, negras, lésbicas, sem filhos, pertencentes às classes populares que estavam cursando ou teriam concluído o ensino superior, oriundas de diversos municípios do estado da Bahia.

Ancorados nesses marcos teóricos, analisamos da trajetória Nélia, jogadora de 40 anos, que se autodeclarou parda e heterossexual. Neste tópico, incluímos recortes das histórias de jogadoras de sua geração como Suzy, 44 anos, branca e heterossexual; Dantas, 40 anos, negra e lésbica; Dani, 41 anos, negra e lésbica e Márcia, 37 anos, negra e lésbica.

No segundo tópico, analisamos a trajetória de Ana, jogadora de 30 anos que se autodeclarou branca e lésbica. Incluímos neste, recortes das narrativas de Jane, 30 anos,

parda e lésbica; Fabiana, 33 anos, negra e lésbica; Larissa, 28 anos, parda e lésbica; Daisy, 27 anos, negra e lésbica e Hellen, 26 anos, negra e lésbica.

No terceiro e último tópico analisamos a trajetória de Taiane, jogadora de 23 anos, que se autodeclarou negra e lésbica. E, incluímos recortes das narrativas de Emelli, 22 anos, negra e heterossexual; e de Marielle, 18 anos, negra, que não declarou sua orientação sexual.

Todas praticavam com maior frequência o futebol de várzea, o “terrão” como é mais conhecido (com exceção de Fabiana que se dedicou mais ao futsal), mas também vivenciavam outras expressões da modalidade como futsal, futebol de sete e beach soccer. A maioria residia na região metropolitana de Salvador, com exceção de Marielle e Emelli, que residiam em regiões mais distantes, nas zonas rurais dos municípios de Santo Amaro e Camaçari.

3.3.1 Trajetória de Nélia

Nélia foi uma das jogadoras entrevistadas que iniciaram a sua história no futebol há mais tempo. A entrevista foi realizada de forma remota, com duração de aproximadamente uma hora e meia, num final de semana quando estava em casa, sem a presença do seu marido e do filho.

Nascida numa cidade localizada na chapada Diamantina, Cafarnaum, a 430 quilômetros de distância da capital, Salvador, Nélia foi iniciada no futebol por um dos seus nove irmãos que fazia parte de um time da cidade.

Minha entrada no mundo do esporte, no futebol, foi através do meu irmão. Ele é goleiro de um time lá. Aí sempre eu tinha curiosidade, tantas vezes que ele ia para o campo, eu queria ir também, né? Aí às vezes meu pai deixava, às vezes minha mãe não deixava, a gente era entre nove irmãos.

Aí eu ia, ficava do lado do estádio, olhando o que é que ele fazia. E aí ele às vezes brincava comigo, eu não sei o que é que você vem fazer aqui, você fica só olhando para a gente, um monte de homem, né? Aí chegava em casa e dizia pra minha mãe.

Aí minha mãe disse assim: ah, mas deixa ela quietinha lá, não está fazendo nada demais, só não pode se misturar, com aquele tanto de homem, né? Tudo rapazinho já. Eu acho que tinha oito a nove anos.

Num contexto interiorano, na década de 1990, o futebol toma relevos ainda mais definidos, nos lugares fixos atribuídos aos gêneros. Sendo uma prática de hegemonia dos

homens, não cabia às mulheres a presença nem tampouco a participação. A maioria das jogadoras entrevistadas da mesma geração e de gerações distintas de Nélia, começaram a praticar o futebol com meninos do seu bairro ou mesmo com irmãos e primos.

A minha história no futebol é que desde criança, eu jogava junto com os moleques, e aí comecei a jogar bola, acho que desde quando comecei a dar os primeiros passos, eu gostava de bola **(Dani, 40 anos, Salvador)**. Eu comecei a jogar bola com sete anos e comecei tipo na base, eu não tive oportunidade de ir para escolinha, então eu jogava com homens, jogava com homens. Então, a maior parte da minha vida de futebol foi jogando com meninos, na rua, golzinho... **(Dantas, 40 anos, Candeias)**.

Nélia acreditava que o preconceito da sua mãe em relação à prática do futebol advinha do fato desta temer sua reputação, pois fazia parte de uma família de pais separados: “Minha mãe, ela foi o pai e a mãe. Ela dizia comigo, ó, você sabe que o pessoal vai ficar falando que você, que eu crio, você só e você está querendo correr com homens, assistir seu irmão jogar. Devido a essas dificuldades, às vezes fugia, saía escondido de casa “só ficava só de longe visualizando, né? Ele lá treinando e tal, de goleiro”.

Outras jogadoras, como Suzy e Márcia, também relataram que precisaram fugir, sair às escondidas de casa a fim de jogar com os meninos uma vez que não havia muitas meninas praticando futebol. Contudo, para elas, essa transgressão às normas de gênero, expressas desde a escolha dos brinquedos, pois, preferiam bolas às bonecas, gerou punições mais severas como ter que “apanhar” e levar “porrada”.

É, acho que na primeira vez que eu joguei futebol, foi na barriga da mãe. Eu já, eu amo futebol, né, então, acho que minha mãe pensou assim, vai vir uma menina, calma, e aí veio Suzy, como a gente diz, virada na gota serena, que ama futebol, ganhava boneca, mas preferia bola. Eu jogava com meus primos na roça... Então, eu comecei lá, acho que com 12 anos, pra 13, eu vim pra Salvador, morar com meus avós (...) Mas como eu morava com os meus avós, né, é aquela coisa, coisa de menino, menina não pode jogar bola, e meus avós não quiseram, né, o preconceito rápido. Era, indo jogar bola e voltando debaixo de porrada **(Suzy, 44 anos, Irará)**.

Aos seis, aos sete anos, eu sempre gostei de bola. Minha mãe sempre comprava bonecas pra mim, mas eu sempre gostei de bola. Eu me lembro, nesse tempo, eu apanhava, minha mãe furava as bolas, quando era tipo de criança que a gente ia buscar brinquedo, eu sempre escolhia bola, nunca queria boneca, só era bola, bola, bola. E todas as vezes que eu chegava em casa, todas as bolas eram furadas. Porque naquele tempo, mulher tinha que brincar de boneca e homem tinha que brincar de bola. Não existia isso de menina brincar de bola.

E aí, minha mãe matando, matando, matando, mas eu sempre resistia, sempre resistia, mesmo apanhando, mesmo com marcas que eu tenho de tanto apanhar, pelo fato de que eu gostava de bola. (**Márcia, 37 anos, Lauro de Freitas**).

Mesmo que o seu início no futebol tenha sido mediado por figuras masculinas, assim como, para a maioria das jogadoras, Nélia nos contou que começou a prática em si (já que quando o irmão a levava, ficava de longe apenas observando), a partir de “um rapaz que treinava futebol” que a informou sobre o time das “veteranas”, um grupo de mulheres mais velhas que se reuniam aos domingos, após o horário dos homens para jogar futebol.

Aí ele falou assim, aqui tem um time de umas veteranas aqui, umas coroas já de idade, que são casadas, que de vez em quando elas vêm aqui bater um baba de manhã cedo, só que é muito cedo, depois que os meninos treinam. Se você quiser vir aí eu vejo com uma delas e você vem.

E aí o tempo passou, eu fiquei uns dias sem ir, porque eu já tinha nove anos, como minha mãe criava a gente sozinha, eu já comecei a trabalhar muito cedo em casa de família, né? Trabalhava e tinha que ir trabalhar. Mas no domingo eu saía da igreja e ia direto pro campo pra ver já essas veteranas jogarem.

Aí teve um dia que eu fui e uma me convidou, me viu olhando lá, disse, você quer brincar, eu falei, quero. Só que eu não sei, né? Eu era magrinha, franzina, sempre fui magrinha. Não entre no campo, vamos fazer o teste, as meninas não vão te machucar. E aí foi nessa idade que eu comecei a ir todos os domingos.

Nélia relembra que nada tirava sua empolgação para comparecer aos treinos nos dias e horários marcados. Mesmo tendo apenas nove anos, ajudava sua mãe nas tarefas domésticas, assim como, nas despesas de casa, trabalhando como empregada doméstica e ainda frequentava a escola. Uma rotina desgastante que era a realidade de muitas das integrantes do time.

A rotina nesse tempo, eu já trabalhava, fazia algumas diárias anteriores, estudava, que minha mãe sempre dizia, nunca deixava a gente sem estudar.

Mas, o vício era tão grande, que eu me lembro de ter que acordar 3 horas da manhã, 2 horas eu já estava acordada, minha mãe, menina, vai dormir, minha mãe, daqui a pouco, vai dar 3 horas. E aí, como as meninas depois foram se misturando, algumas veteranas começaram a sair, uns 4, 5 meses depois, você não via quase as veteranas, ficaram as mais novas.

O racismo organiza as relações sociais definindo os lugares e hierarquias a partir da supremacia branca. Assim, se expressa a partir das distintas formas de acesso e partilha

de recursos valorizados (KILOMBA, 2019). Mesmo sendo muito nova, com apenas 9 anos, Nélia tinha obrigações de adulta uma vez que socialmente lhe foi negado, assim como, para a maioria das meninas negras, o direito à infância, bem como, o acesso à direitos básicos de saúde, moradia, educação e lazer. Sua mãe era a única responsável pela criação dos oito irmãos e sempre valorizou a educação dos filhos ainda que não pudesse prescindir do seu trabalho como empregada doméstica para o sustento familiar. Mesmo havendo outros irmãos e irmãs que também praticavam futebol, apenas Nélia que tinha esse “vício” pela bola. Sua mãe sempre apoiou sua participação nos jogos e campeonatos que disputava com o time da cidade, do qual fez parte durante 12 anos.

González (2020, p. 58) assinala as dificuldades impostas para a ascensão social da maioria da população negra, e, em particular, para as mulheres negras no Brasil. O processo de desenvolvimento desigual e dependente que caracterizou o capitalismo no país, em termos de formação econômica, demandou a constituição de uma massa marginal crescente forjada pela divisão racial e sexual do trabalho. Desta forma, às mulheres negras foram submetidas a uma tripla discriminação: enquanto raça, classe e gênero.

Excluída do processo de desenvolvimento, ficou relegada a massa marginal crescente: desemprego aberto ou não, ocupação “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, por temporada, etc. Tudo isso implica em baixíssimas condições de vida em termos de saúde, educação, habitação, etc. Quanto à mulher negra, ela se volta para a prestação de serviços domésticos (...). Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto a internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. Tudo isso, acrescido da dupla jornada que tem de enfrentar.

Neste ponto, evidenciamos em seu relato, mais uma dimensão do racismo na ausência de atividades de lazer frente ao contexto de muitas “coisas erradas” que estariam “disponíveis” para Nélia, mobilizando deste modo, o incentivo por parte da mãe que se engajasse no futebol, além dos grupos de jovens da igreja católica do qual participava. Estes eram considerados espaços “seguros” frente aos lugares de marginalização e criminalidade que historicamente a população negra foi relegada, desde o período pós abolição, sendo este reatualizado, constituindo assim, a maioria da população no país (GONZÁLEZ, 2020; MOURA, 2021).

E aí, ela pensou assim, ao invés de eu estar fazendo outra coisa errada, quando eu não estava na igreja, num grupo de jogos da igreja católica, eu estava no campo.

Então, assim, ela nunca me proibiu, nunca trouxe preconceitos, assim, você não vai. Ela descobriu até bom, assim, com medo, que fosse uma terapia para mim, para mim não se envolver com outras coisas. Aí também ela não proibiu nada, só não queria que eu deixasse de ir para a escola, mas nunca me proibiu.

Outras jogadoras de sua geração, como Dantas, também pontuaram que na sua trajetória não houve impedimentos por parte de sua mãe em relação à prática do futebol, desde que não abandonasse a escola, o que nunca deixou de fazer, sendo apoiada inclusive por seus professores. Entretanto, três das cinco jogadoras dessa faixa etária sofreram com a falta de incentivo dos familiares para se engajar e permanecer no futebol.

Na realidade, a minha mãe nunca me proibiu de nada, sabe? Minha mãe sempre foi, ela sempre disse que queria que eu fizesse o que eu achava que eu gostava, ela nunca me proibiu, eu conciliava sempre o futebol, com estudo, eu nunca parei de estudar por causa do futebol, graças a Deus todos os meus professores me apoiaram, então eu acho que fui, minha família, minha mãe principalmente me apoiou muito (**Dantas, 40 anos**).

Na escola de Nélia não havia muitas meninas interessadas na prática do futebol, por isso era muito difícil ter espaço para essa modalidade. Em contraste com a rua, na qual participava de vários “babas” na companhia de meninos, partidas com fins de lazer, quando não estava treinando no campo com as meninas do time da cidade.

Na escola, no tempo, na escola era pouco, era raro você ter time de futebol na escola. Eu, porque minha mãezinha aqui, parecia que eu tinha que nascer homem, se eu, todo lugar que eu passasse, se eu visse alguma babinha no meio da rua, podia ser homem ou mulher, às vezes eu parava para jogar... Mas na escola, nesse tempo, quando eu estudava, raramente tinha alguma atividade voltada para as meninas do futebol, era mais com os meninos mesmo, como sempre hoje. Agora não, que algumas escolas, algumas empresas hoje já tem time feminino, mas antigamente, não tinha. Era mesmo da rua mesmo, da cidade mesmo.

Sobre a atitude dos meninos em relação a sua entrada nos jogos, Nélia acreditava que por conta de ser uma cidade do interior e todos se conhecerem, não havia perigo de participar dos babas na rua e atribui a isso, o motivo de ter sido aceita nesses jogos.

E graças a Deus, eles sempre me respeitaram, por ser uma cidade pequena no tempo, eles me respeitavam, eles aceitavam jogar, alguns diziam assim, fica aí fora, quando o time perder, você entra...

Mas, sempre eu estava treinando com as meninas... mas, se tinha alguma babinha assim na quadra, no meio da rua, eu estava com os meninos lá também.

Dani também relatou que seu interesse pelo futebol causou um certo estranhamento por parte dos meninos quando iniciou a prática, mas que foi se desfazendo com o tempo principalmente pela sua habilidade com a bola.

Eu jogava com os meninos aqui perto da minha casa mesmo, num espaçozinho de barro que tinha, e os meninos ficavam jogando bola, e eu perguntava se podia participar, e eles ficavam meio acanhados, você, mulher, vai querer jogar? Eu falei, vou..., mas a gente bate, não sei o quê, aí eu falei, não, mas eu jogo, não tenho medo não (...).

Eu jogava uma bola retada e os meninos mesmo faziam questão de eu jogar no meio deles. Na aula de educação física, os meninos sempre me escolhiam, vem Dani jogar com a gente, aí eu ia, me destacava no meio deles (**Dani, 40 anos, Salvador**).

As dificuldades mais comuns enfrentadas por meninas nas primeiras experiências no futebol, narradas por algumas das jogadoras entrevistadas, se organizavam em torno de dois eixos temáticos⁹: Ausência de incentivos socioculturais mobilizados pelas figuras familiares e por profissionais de Educação Física Escolar. E, o segundo e mais explorado aspecto destacado nos estudos se referia a falta de habilidade técnica, considerado como fator determinante para exclusão das praticantes pelos meninos, bem como, sendo responsável pelo desinteresse e desmotivação da maioria das meninas em relação ao futebol praticado na escola.

Os estudos apontam para a centralidade da habilidade técnica enquanto estratégia de enfrentamento adotada pelas praticantes visando a permanência e continuidade na prática do futebol, evidenciado nas suas trajetórias individuais¹⁰.

Desta forma, os autores assinalaram os processos de exclusão mobilizados socioculturalmente no âmbito do futebol vivenciado nas primeiras experiências. Nesses estudos, as jogadoras relataram que era necessário “ser a melhor para merecer estar naquele espaço”, assim, tornava-se fundamental se destacarem individualmente entre o grupo a fim de se sentirem incluídas e aceitas, superando algumas das barreiras impostas.

Nesta direção, ressaltamos na narrativa de Nélia, assim como, nas demais participantes, que se descreviam, se utilizando de expressões como: “parecia que eu tinha que nascer homem”, “sempre gostei de bola”, “acho que na primeira vez que eu joguei futebol, foi na barriga da mãe”, “desde quando comecei a dar os primeiros passos, eu gostava de bola” e etc. As jogadoras construíram suas narrativas, no qual se percebiam

⁹ (SOUZA E CAPRARO, 2017; MAFFEI, VERARDI E CARVALHO, 2019; MALVAR E JÚNIOR, 2021; VIEIRA, JUSTO E MANSANO, 2021).

¹⁰ (MAFFEI, VERARDI E CARVALHO, 2019; MARTINEZ-MINA, 2020).

como possuidoras de um “dom”, uma característica inata, a fim de explicar e justificar o fato ocuparem esse espaço de predomínio masculino, suplantando assim, os obstáculos socioculturais enfrentados seja pela proibição de familiares, bem como, nas relações com os meninos.

Essa estratégia de enfrentamento às normas de gênero, centrada na habilidade técnica das praticantes tem consequências distintas para as meninas e mulheres no acesso e permanência no futebol. As que se aproximam de uma feminilidade hegemônica, construída a partir de ideais eurocêtricos brancos e cisheteronormativos seriam desestimuladas a se engajarem no futebol, bem como, em outras modalidades consideradas de predomínio masculino.

Por outro, aquelas que expressam feminilidades dissidentes, dentre estas, destacamos as mulheres negras e lésbicas, que de forma estereotipada performariam a masculinidade, são aquelas que mais se engajam no futebol, reatualizando assim, a regra binária de que apenas homens possuem competência e “autoridade” para acessar e vivenciar esta prática corporal. Martins, Silva e Vasquez (2021) assinalam que as mulheres pobres e negras são as que mais se inserem no futebol, ainda que nos esportes em geral, essa lógica fosse invertida, tendo um engajamento maior por parte das mulheres brancas e de classe média/alta.

Um dos episódios relatados por Nélia quando perguntada sobre algum caso de discriminação que tivesse sofrido ou presenciado durante sua trajetória ilustra essa barreira enfrentada por muitas jogadoras nas primeiras experiências no futebol.

Tinha muitas pessoas da família também que tinham esse preconceito de ficar falando com minha mãe, que era feio, eu, uma adolescente, tal, às vezes quando eu tava no meio de uma briga, jogando bola, e que minha mãe dava muita liberdade pra mim tá saindo pros lugares pra tá jogando e que eu não tinha o que fazer pra tá no meio das meninas, aí uns diziam assim, ah, fica aí a filha de Mafará jogando com esse meio mundo de sapatona...

E assim, a gente vive até hoje jogando, e às vezes eu vejo mães, hoje as mães não permitem que as meninas joguem bola, pelo fato que elas falam que todas as meninas que jogam bola é sapatona. Então, impede que as filhas joguem bola pra não serem também. Eu acho que isso já é outro preconceito que as mulheres estão enfrentando mais ainda, né? (**Márcia**).

As jogadoras desta geração revelaram como eram comumente tratadas as meninas que desafiavam no futebol as normas de gênero e os lugares estabelecidos socialmente para as mulheres.

A gente já passou por várias coisas, de ouvir dizer que futebol não é para mulher, futebol é para homem, que a gente era chamada de moleque, de mulher macho, por conta de prática no esporte **(Dani)**.

Ela (a mãe) achou que eu ia ser moleque macho, como chamava antes, né? Moleque macho. Pelo fato de eu querer jogar bola
Tem meninas, tem, mas cada um escolhe o que quer. Não é porque eu tô no futebol que eu sou sapatona. Não é porque minha filha vai jogar futebol que ela é sapatona. Se ela quiser ser, problema dela. Se eu quiser ser, problema meu. Mas não dizer que, através do futebol, que as meninas estão sendo desse jeito. Isso é um preconceito enorme que nós enfrentamos hoje no futebol, principalmente no nosso time **(Márcia)**.

Kilomba (2019) assinala que no racismo operam três processos de forma simultânea: O primeiro seria a construção da diferença. O segundo que seria atrelado ao primeiro no estabelecimento de uma hierarquia de valores que constitui o preconceito. O terceiro seria determinado pelo poder histórico, político, social e econômico que associado ao preconceito formaria o racismo.

Nesse sentido, o preconceito se expressa no futebol de forma que as opressões de gênero, raça e sexualidade interagem entre si para formar uma forma específica de racismo, ou melhor, para produzir as racializações de gênero, expressas a partir de percepções de gênero racistas. Neste caso, “sapatão e moleque macho” seriam as formas específicas de racismo construídas a partir de práticas corporais consideradas de predominância masculina, sobretudo nas diversas expressões de futebol, nas quais as mulheres negras e lésbicas se engajam em maior número do as mulheres brancas.

Um episódio que causou bastante indignação em Nélia se deu na ocasião que convidou alguns colegas de trabalho para assistirem a um dos seus jogos e ter recebido por parte destes, comentários preconceituosos e ofensivos sobre as jogadoras do seu time e adversárias.

Colegas de trabalho que diziam: rapaz, você tá jogando um time que só tem você de mulher jogando no time, como é que pode? Eu fui assistir você jogar e procurei uma mulher no campo, só vi você que era casada, sabe? Eu fui assistir seu jogo, quando cheguei, no outro time lá, eu não sabia quem era homem, quem era mulher lá.

Da mesma forma, num ato racista sofrido por Dantas evidenciamos como os marcadores sociais se entrecruzam e são significados numa estrutura racista e cisheteronormativa fazendo com que as jogadoras negras e lésbicas sejam reconhecidas como “masculinas”, e, por isso, tenham seu gênero/feminilidade colocado/a sob suspeita.

Quando eu joguei em Santa Catarina, eu também fui pela minha cor. Me chamaram de macaco, essas coisas assim. E até pouco tempo, há um ano atrás, há dois anos atrás, eu fui jogar um campeonato de várzea e chegando lá, me pediram pra eu mostrar minha identidade. Porque tinham certeza que eu era homem. Eu falei, fui lá, mostrei a minha identidade e falei exatamente assim: se você quiser, eu também tiro a roupa pra mostrar que eu sou mulher (**Dantas**).

Nélia discorreu sobre os primeiros campeonatos e torneios realizados tanto na sua cidade como nas localidades próximas, destacando que a maioria dessas competições eram organizadas pela SUDESB, órgão responsável pela gestão esportiva na Bahia.

A Sudesb, que é o órgão que organiza, a Sudesb faz jogos, jogos do interior, ela visita cidades e dá apoio, patrocina, né? Aí os campeonatos que tinham lá eram tudo na região, a gente saiu para a cidade de Irecê, para a cidade do Bonito, Morro do Chapéu, Canaã, não tinha, eu digo que rodei as cidades lá perto da minha cidade, minha cidade era Cafarnaum, só que essas outras cidades eu rodei todas, porque a Sudesb sempre fazia campeonatos, assim, regionais, municipais, e aí sempre, como os campeonatos sempre eram finais de semana, aí a gente treinava na nossa cidade durante a semana e no domingo a gente pegava o nosso ônibus e ia até em cima de carro e ia para a cidade jogar.

A prefeitura da cidade também apoiava o time arcando com os custos de transporte e fardamento, mas, em todas essas ocasiões era necessário a mobilização das integrantes, técnicos e familiares para complementação dos custos de participação.

No torneio, às vezes, a gente tirava por conta própria, mas por ser uma cidade pequena lá e sempre a gente tinha contato com a prefeitura, sempre a questão do transporte a prefeitura sempre bancava, raramente a gente pagava transporte para ir. Quando a prefeitura não dava, a gente dava do nosso jeito, um pai de uma dava, o treinador arrumava, a gente subia em cima do carro e a gente ia, mas sempre quando a gente precisava da prefeitura, a prefeitura sempre dava o micro ônibus para ir.

E dava fardamento também, é tanto jeito que quando a gente ia disputar o campeonato, a prefeitura tinha que fazer o fardamento e botar o nome da prefeitura estampado, não dava o fardamento, mas tinha que ter o nome da prefeitura. Então, a gente tinha esse apoio da prefeitura, algumas vezes que a gente não tinha apoio, a gente juntava um dinheirinho, já sabia que eu precisaria do dinheirinho, aí a gente mesmo botava do bolso da gente.

Quando completou 18 anos, teve que adiar seus sonhos de profissionalização devido a falta de condições financeiras da família visto que não poderia se mudar para Salvador, na capital, onde teria mais oportunidades em equipes maiores. Além disso, um evento inesperado e bastante comum nas vidas de jogadoras que a antecederam lhe ocorreu: a descoberta da gravidez, a qual lhe impôs a maternidade, tendo de abdicar de sua carreira no futebol.

Quando eu era menor, eu tinha um sonho assim, de me profissionalizar só por eu morar no interior e eu sabia que minha mãe já criava assim, nove filhos só, eu tinha uma vontade de sair pra fora, pra tentar me profissionalizar, só que aí eu vi as condições também, porque as condições não ajudavam...

E, quando eu tive uma oportunidade, eu ia ter uma oportunidade de tipo assim ficar profissional que ia ter um jogo em Feira de Santana e aí o cara queria me levar pra Feira de Santana pra fazer um teste num time do Fluminense de Feira pra jogar... aí foi quando eu descobri que eu estava grávida...eu falei: a partir de hoje eu vou ser mãe, eu não vou mais ter expectativa de poder sair, minha mãe também não vai me dar mais a liberdade de sair, eu era nova, meu marido também, aí pra mim, eu desisti, não quis mais essa questão de querer ser profissional.

Esse foi o desfecho da trajetória de Nélia de quando era jovem. Ficou muito triste e decepcionada com o “destino”, pois este era o final de carreira de muitas das jogadoras de sua cidade que por se casarem, eram obrigadas a assumir os cuidados domésticos e da criação dos filhos, abdicando dos sonhos de ascensão social pelo futebol. Desta forma, lhe coube assumir a função materna, somada a jornada como empregada doméstica que desempenhava, não lhe restando outras alternativas. Lentamente, foi ressignificando esta realidade ao retornar à prática do futebol com fins de lazer, mas sem o horizonte de atuação profissional.

Casei, tive filho trabalhando, morava no interior, o marido ficava mais aqui(Salvador) trabalhando pra poder ajudar, eu morava com minha mãe lá, um filho pequeno, aí pra mim também já é demais...

Chorei muito também, fiquei muito triste, chorei, falei, aí meu Deus do céu, não tenho a chance porque eu tinha um sonho de ser profissional, mas minha mãe nunca tinha condições de me levar, mas aí quando teve essa oportunidade, eu descobri que eu estava grávida, aí eu falei, já foi a minha chance, aí eu não vou poder mais fazer nada, aí também eu não tentei mais...

Márcia também tinha o sonho de seguir carreira no futebol, que foi interrompido por conta do nascimento da filha, e que diferente dela, desde criança foi incentivada a praticar o futebol. Ambas jogaram a Copa Loreta em modalidades diferentes, no adulto e sub 17. A ausência de oportunidades no contexto baiano aliado à descoberta da gravidez representou para essas jogadoras os principais obstáculos para a continuidade dos sonhos de profissionalização no futebol.

(...) eu falo a minha filha, porque se eu tivesse oportunidade, eu acho que nem ela eu tinha. Porque eu só ia pensar na minha carreira, só no futebol e mais nada. Eu falo a ela hoje, estude, siga sua carreira no futebol, treine, faça o que tem que fazer. Mas, se você quer isso, vá em frente e deixe o preconceito para trás e prossiga. (...) **Esqueça esse negócio das pessoas botar limite no seu sonho!**

Entretanto, suas histórias no futebol não tiveram um ponto final. Nélia continuou se dedicando e participando em diversos campeonatos, entres estes, a Copa Loreta Valadares, pois nesse período, havia se mudado para a capital em busca de melhores oportunidades de trabalho e estudo.

Para essas jogadoras a participação neste evento representou a realização do sonho de jogar profissionalmente uma vez que a estrutura considerada de grande porte oportunizada pelo torneio contrastava com a realidade cotidiana dos jogos e campeonatos que geralmente disputavam na várzea.

Eu realmente não tinha jogado ainda no estádio Pituáçu, nem no Barradão. Já joguei em outros estádios, em outras cidades. Sempre são jogos da várzea mesmo, nos campos dos bairros mesmo, em outras cidades... Pra mim foi uma emoção... O dia que eu pisei no campo mesmo, meu filho foi, eu disse: você vai pra me filmar, que é uma emoção demais você estar... porque a gente sabe que é um campo profissional, já passou várias seleções, vários times(...) teve menina que chorou a primeira vez pisando no estádio de futebol porque foi emoção demais, muita gente nunca jogou, tinha menina que não tinha entrado nem no Pituáçu, nem no Barradão. Pra mim foi uma sensação maravilhosa. Eu já tinha esse sonho de jogar nesses dois estádios. Pra mim foi uma sensação de alegria, o sonho realizado.

A Copa Loreta, e eu fiquei muito feliz, fomos campeãs invictas, não perdemos nenhum jogo... foi uma felicidade enorme, a gente, na verdade, nunca tinha participado de uma competição no estádio, em gramado, no centro de disputa, a competição de várzea, de campeonato de barro, o barrão... a gente nunca disputou em gramado, então, para as meninas foi bom, para mim foi bom, foi uma experiência enorme (**Dani**).

Foi ótimo. Eu amei. Ainda mais assim, um campo que você sonha... É parecendo que era... Sei lá, não sei nem como explicar. Assim, você olha assim, poxa... Fulano, Beltrano, Ciclano, não está jogando em nenhum campo. Será que um dia nós do Terrão vai ter oportunidade de jogar ali? Eu falava. Toda vez que passava Pituáçu na televisão, a gente assistia no jogo e tal. E eu ficava com isso, nesse pensamento. Aí, o que aconteceu? Olha eu lá em Pituáçu jogando. Quando me disseram que eu ia jogar em Pituáçu, nem eu acreditei (**Márcia**).

A Copa também foi destaque na trajetória de jogadoras mais experientes profissionalmente como Dantas por ter sido uma competição relevante para desenvolvimento do futebol feminino, bem como, um espaço de visibilidade e projeção social que não existia no cenário baiano no período de sua iniciação no futebol.

É sempre bom. É bom ter competições, porque a gente tem mais visibilidade. A Loreta dá essa oportunidade de visibilidade para algumas jogadoras. Principalmente para as novinhas, né? Que na nossa época não tinha essa visibilidade, essa oportunidade que tem hoje (Dantas).

O futebol para Nélia significou o acesso ao lazer frente ao empobrecimento social imposto à população negra. Além disso, foi determinante para a elaboração e superação da perda de familiares, primeiro seu irmão, por afogamento com apenas 13 anos de idade e de sua mãe devido a um infarto, aos 54 anos. O futebol se constituiu enquanto uma “terapia”, um espaço de ressignificação do luto e das dificuldades diárias que enfrentou desde a infância, enquanto uma mulher, negra, da classe trabalhadora, mas também como jogadora.

Hoje o futebol pra mim é uma terapia ...eu por viver numa família muito pobre, no interior eu não tinha outra oportunidade de estar saindo por lugar, não tinha roupas lindas, não tinha aquela coisa que as meninas tinham então, assim, a única coisa que eu me via me apegar, que eu me sentia bem quando eu tava era no futebol, porque às vezes eu tava na rua, eu às vezes olhava de um lado pro outro, porra, eu não tenho a roupa que aquela menina tem, eu não tenho aquele calçado, mas, quando eu entrava em campo, que eu tava em campo eu me sentia bem, eu olhava de um lado pro outro, eu me sentia bem...

Da mesma forma, as jogadoras de sua geração percebem o futebol enquanto um ambiente de transformação individual, de afetos positivos a partir da fruição coletiva, do prazer do compartilhamento, no qual podem ser superadas muitas das dificuldades vivenciadas no trabalho, assim como, do âmbito privado, como preconceito e discriminação impostos às praticantes. O futebol dá sentido de existência para as praticantes, pois neste espaço, rompe-se com os processos de desumanização operados pelo padrão de poder colonial racista e cisheteronormativo, possibilitando sua autonomia e crescimento pessoal.

O futebol na minha vida hoje é tudo. Tirando Deus, que Deus é tudo na minha vida, o futebol pra mim é muito importante, porque se eu estou triste, já vou jogar bola, já fico alegre, se eu não estou bem, aconteceu alguma coisa no trabalho, bora bater um baba, vai passar, vou bater em gente, mas aí chega no campo e não bate em ninguém, você só se diverte. Então, o futebol pra mim é tudo. É minha primeira terapia, que a segunda é lutar boxe. **(Suzy)**

Futebol na minha vida significa resiliência, significa alegria, ou tem esse significado positivo, porque como futebol, eu também considerei uma pessoa mais sábia, uma pessoa mais alegre, uma pessoa mais determinada naquilo que eu quero. **(Dani)**

O futebol para mim sempre foi tudo, né? Desde criança até agora. Sempre foi tudo. Foi assim, é uma coisa assim... Eu não sei explicar geralmente o que é, o que significa. Porque é tudo de bom, é um alívio, sabe? Você está ali, parece que o tempo está passando e aquilo de ruim fica para trás. Parece que esquece tudo lá fora. Sabe, o futebol deixa você feliz. A pessoa pode me dizer o que for, se eu estiver jogando bola já era. Não me deixa ser levada pelo que quiser, o que fale, o preconceito, o que falar **(Márcia)**.

O significado do futebol na minha vida, é minha vida. A minha vida é... Quando eu fiquei um bom tempo sem jogar, eu fiquei praticamente dois anos sem jogar, eu chorava todos os dias. Vendo pessoas no meu sonho, que eu queria estar ali, mas eu não estava... mas hoje o futebol continua a ser minha vida... **(Dantas)**.

3.3.2 Trajetória de Ana

A trajetória de Ana no futebol começou quando tinha 7 anos e morava em São Paulo, no distrito de Tiradentes, no qual costumava jogar futsal na rua com os meninos.

Eu jogava na rua no meio dos homens, sempre joguei bola no meio dos homens, sempre. É tanto que o futsal era no meio dos meninos eu era a única menina que jogava no meio dos meninos.

Foi a partir dessas partidas que recebeu um convite para participar de um projeto no qual era ofertado os treinos de futebol de salão em parceria com a equipe do Corinthians. Um dos treinadores percebeu “sua desenvoltura” para o esporte e pediu a autorização de sua mãe.

Compartilhava muitas brincadeiras além do futebol com os irmãos mais velhos, por isso seus pais nunca a proibiram de jogar, pois viam mais como uma atividade recreativa. Nessa época, o pai veio a falecer e a mãe ficou sem condições de cuidar dos três filhos sozinha, tendo que enviá-los para a casa da irmã, na cidade de Tucano, no interior do estado da Bahia, local de nascimento de Ana. Chegando lá, buscou junto com a tia, locais onde pudesse continuar a treinar futsal ou futebol, mas não encontrou nenhum projeto ou escolinha voltada para meninas.

Foi morar em Salvador, pouco tempo depois que sua mãe retornou ao estado, onde continuou jogando na rua com os meninos até seus 14 anos, quando uma amiga lhe falou sobre um projeto social desenvolvido no bairro da paz, local distante da sua casa e conhecido por ser perigoso. Por esse motivo, demorou um tempo até receber o apoio da mãe para integrar o projeto:

Pedia muito, minha mãe meio que tinha um preconceito porque falavam que era um bairro muito perigoso. E eu insistia, insistia, e ela, de não aguentar mais eu encher o saco falou, tá bom vá. Aí eu entrei nesse projeto que é o projeto 2 de julho que tem até hoje no bairro da paz.

Quando já estava frequentando os treinos no projeto 2 de julho, conheceu as integrantes do Madre, num amistoso realizado entre as equipes. Foi a partir desse encontro que fez amizades com as jogadoras e com a técnica Rosana, com as quais mantém uma parceria de muitos anos.

Eu perguntei onde ela treinava e ela falou que treinava lá na Marback, no Imbuí. Eu perguntei se eu podia e ela me convidou. Aí depois disso, eu saí do 2 de julho e comecei a treinar no Madre. E assim, de time, de time de bairro, o Madre Salvador e eu nunca abri mão, é um time que se eu for disputar qualquer campeonato que tiver e outro time me chamar, se o Madre estiver participando eu sempre vou jogar pelo Madre.

A Rosana foi uma pessoa muito acolhedora comigo, na verdade, ela é bem acolhedora com qualquer atleta que chega lá. E é um time de coração que eu tenho um amor muito grande.

Antes de sair do projeto 2 de julho, e, por incentivo do professor Luciano, teve sua primeira chance de ingressar em uma equipe profissional. Tinha 15 anos quando fez o teste no time do Bahia, uma das principais equipes do estado. Nessa época, quem treinava o time feminino era André Beijoca, filho de Beijoca, um dos grandes ídolos da equipe do Bahia.

Aí eu cheguei lá tinha uns 50 atletas para fazer a peneira e tal. Aí fiz a peneira e dessas 50 atletas passou eu e mais três, na peneira. E eu peguei já entrei para o time principal do Bahia já nessa época, mas eu não era maior de idade, tinha que assinar um termo de responsabilidade. Minha mãe assinou e eu comecei a treinar no Bahia, a partir de então, eu já comecei a carreira no futebol mesmo.

Ficou muito feliz por ter sido uma das selecionadas para uma das maiores equipes do estado na modalidade, contudo, não recebeu nenhum auxílio financeiro nas competições e treinos realizados no estádio Pituaçu. Essa era a realidade da maior parte das equipes do estado que apesar de participarem do campeonato baiano, não contavam com investimentos financeiros que possibilitassem a profissionalização das atletas.

Eu passei muitos anos jogando bola no amador mesmo por amor porque o futebol feminino ele veio começar a ter realmente um investimento por agora. Uns dois anos atrás, porque antes, era muito assim realmente por amor, as meninas, a gente jogava bola por amor.

A gente não tinha ajuda de custo, nada, nem transporte, nada, era cada um tirava do seu bolso e ia. O Bahia, ele tinha o nome Bahia. Eles cediam o Pituaçu, na verdade eles pagavam o aluguel do Pituaçu que era 100 reais por treino para a gente treinar lá. A gente usava o nome do Bahia, mas assim, dizer que eles pagavam a gente, eles não pagavam.

Segundo Pisani (2012) o futebol de mulheres no Brasil não se constitui como profissional visto que as atletas não possuem todos os direitos trabalhistas assegurados. Por outro lado, não podem ser caracterizadas como amadoras uma vez que parte destas recebe alguma remuneração decorrente das atividades esportivas que desempenham no futebol. Por outro lado, estas jogadoras em sua maioria precisam exercer essa atividade com outras jornadas de trabalho a fim de garantirem uma renda digna.

Entretanto, este cenário destoa dos relatos das jogadoras que como Ana, atuaram no futebol baiano uma vez que para permanecerem na prática, tornava-se necessário arcar com praticamente todos os custos para a manutenção da modalidade. Além disso, via de regra, não recebiam nenhum auxílio financeiro que suprisse as necessidades básicas de alimentação e transporte, ou ainda, para aquisição de materiais esportivos como bolas, chuteiras, luvas, etc.

Sempre foi muito pela força de vontade, principalmente dentro da várzea, cada um juntava aqui um valor, e aí se o local do jogo fosse distante, a gente dividia os valores dos gastos do dia, muito na base do amor mesmo, a modalidade, e a gente corria atrás, tanto profissionalmente como a parte amadora (**Larissa, 28 anos**).

Na verdade é difícil, porque a gente tem que fazer várias vaquinhas para participar de jogos. No caso, a gente tira do nosso próprio bolso, né? Mas assim, a gente não mede esforço, né? A gente faz nas dificuldades mesmo, né? Para vencer mesmo na vida. E por amor ao futebol (**Daisy, 27 anos**).

Essa falta de estrutura, essa falta de valorização feminina. Ou a gente tira do nosso bolso, ou a gente tem que fazer vaquinha, ou a gente tem que fazer uma rifa, ou a gente tem que trabalhar e ajudar. É sempre assim, é sempre esse ciclo (**Fabiana, 33 anos**).

Assim que terminou o ensino médio, aos 18 anos, Ana recebeu uma proposta para jogar futebol e futsal por uma faculdade particular, na qual receberia uma bolsa de 50% da mensalidade para representar a instituição em campeonatos universitários regionais e nacionais. Foi a partir daí que teve acesso ao ensino superior quando começou o curso de Educação Física. Devido a esse vínculo, conheceu diversos lugares do país a partir dessas competições nos anos que esteve na faculdade. Contudo, lamenta por não ter conseguido concluir o curso devido à questões pessoais que a fizeram abandonar a graduação. As jogadoras Larissa e Fabiana também conseguiram bolsas de estudos em faculdades privadas devido a integrarem os times de futebol dessas instituições de ensino.

E eu ganhei essa bolsa pra estudar numa faculdade, ter meu primeiro nível superior da minha família. Aí eu entrei em 2016, fui pra fazer a faculdade só que tive alguns problemas e acabei saindo em 2016 mesmo. Mas em 2019, eles me deram uma bolsa novamente de 100 % de atleta e eu acabei concluindo esse ano, na verdade, o ano passado, o meu curso de Educação Física (**Fabiana, 33 anos**).

No conjunto das 14 entrevistadas, Ana e Dantas foram as únicas que atuaram no futebol a nível nacional quando participaram do campeonato brasileiro na série A1 pela mesma equipe. Além disso, Ana atuou no campeonato baiano por times como o Bahia,

Lusaka, Galícia e São Francisco do Conde. Neste último, o time mais consagrado do estado com 14 títulos, disputou o nacional, onde lembrou de sua primeira partida contra a equipe do Corinthians.

A gente conseguiu o acesso à série A1 do campeonato. A gente jogou brasileiro Série A1. Nosso primeiro jogo foi até lá na Arena Corinthians contra o Corinthians. Foi como se jogasse uma equipe muito boa, com investimento muito alto contra a gente que não tinha um investimento tão alto. Mas foi um jogo até equilibrado, foi 4 a 1, se eu não me engano para elas. Mas assim, foi um jogo bom, foi um jogo bem jogado. Bom de assistir. Mas assim, era nítido que elas tinham uma aptidão física melhor que a gente.

Esse jogo ocorreu no ano de 2019, mas, durante todos os anos que jogou futebol e futsal por diversas equipes, em campeonatos amadores e profissionais, somente recebeu algum retorno financeiro quando integrou a equipe do São Francisco do Conde, vindo a convite do seu antigo técnico, atuando em diversas posições do campo.

Eu sou meia atacante. Joguei o Baiano pelo São Francisco do Conde de volante. Joguei também outro, outro baiano, pelo São Francisco do Conde de zagueira, improvisada né? Porque a gente estava sem zagueira na época e o André me improvisou e até me saí muito bem. Na posição, mas eu sou bem, eu sou bem versátil. Minha posição de origem é meia atacante. Eu sou uma jogadora muito assim, habilidosa, eu vou muito para cima, parto muito para o ataque. Não gosto de ficar defendendo muito não. Mas, se exigir isso de mim eu tô lá para fazer o que o professor pedir né? A gente vai se adaptando.

Em sua trajetória passou por diversas situações de preconceito e discriminação de gênero e sexualidade por ser uma jogadora lésbica. Um dos episódios mais recorrentes vivenciados no futebol, ocorria devido às generalizações que muitas pessoas fizeram ao atribuir a lesbianidade como característica comum das jogadoras.

Eu gosto de futebol, sou apaixonada pelo futebol e me relaciono com mulher. Mas, existem pessoas que, mulheres que gostam de futebol, jogam futebol e não se relacionam com mulher. Entendeu? É muito relativo. Porém, o pessoal generaliza.

Da mesma forma, Fabiana e Larissa pontuaram nas suas trajetórias essa marca negativa, esse estigma social¹¹ atribuído às meninas e mulheres que como elas se inseriram em espaços de predominância masculina, tendo como consequência imediata, performances consideradas abjetas pois fugiam do padrão racialmente branco e cisheteronormativo.

¹¹ Termo utilizado em referência a conceito de Goffman (1982): uma relação entre atributo e estereótipo que tem um efeito profundamente depreciativo de descrédito para determinados indivíduos e grupos sociais.

Essa é a questão da sexualidade. A maioria, sim, são lésbicas, mas tem muita menina que joga futebol e não é lésbica. Tem muitas meninas que jogam bola e são da igreja. Tem muitas meninas que jogam bola e são casadas com homens. Então, eles não mesclam, fazem um compilado de algumas em todas, e não é assim (Fabiana, 33 anos).

(...)mas, de uma forma geral da minha família que achava que por eu estar jogando bola, eu viria a ser lésbica. Então, eu viria a fazer coisas erradas, ter posturas erradas. Então, tinha esse preconceito de toda a minha família ou quase toda (Larissa, 28 anos).

O futebol, sobretudo no contexto baiano, se caracteriza por ser amplamente praticado por mulheres negras e lésbicas, ainda que existam praticantes que destoam desse perfil. Contudo, a representação social hegemônica desta prática se constitui como “um lugar de sapatão”, ou seja, é um lugar socialmente atribuído para esse grupo numa sociedade racista e LGBTfóbica que busca a partir das discriminações regular as motivações e aspirações das praticantes ao internalizarem uma imagem inferiorizada e estigmatizada. Esse cenário se repete e se potencializa quando aludimos às situações recorrentes de assédio e exploração sexual de jogadoras¹² que aspiram a profissionalização e que são submetidas por homens membros de comissões técnicas, bem como, de supostos empresários.

Tanto Ana quanto Fabiana expressaram seus incômodos com as generalizações que ocorriam nos espaços de prática do futebol e conseqüentemente com a representação social do esporte, pois afirmar que só existiam lésbicas no futebol era reforçada a norma que estigmatiza a modalidade, afastando desta forma, as jogadoras que não assumiam essa identidade de gênero racializada. Segundo Ana, em alguns dos times do estado que jogou, havia a proibição expressa por parte de técnicos sobre a vivência da sexualidade nas dependências do clube e nos torneios disputados.

Já teve situações de treinadores chegar dentro do vestiário e falar que ah... para não dar pinta...Se quiser ficar, se pegar e tal, deixa para fora do campo, depois do jogo, depois que sair para não sujar a imagem do time e tal. Se tiver com a roupa do clube não pode ficar de mão dada. Essas coisas todas sempre tem.

Essa exigência era imposta não apenas nos espaços públicos onde as jogadoras disputavam os campeonatos, mas também, quando eram mobilizadas manifestações sutis de afeto entre casais nos espaços privados dos treinos.

¹² Todas as jogadoras desta geração relataram ter conhecimento de situações de assédio sexual praticados por homens membros de comissões técnicas e empresários, utilizando de narrativas enganosas, envolvendo promessas de jogar em equipes renomadas como titular e ganhos financeiros, mas, nenhuma destas afirmou ter sido diretamente uma das vítimas.

Foi uma colega de clube, de eu ver ela, não foi se beijando, mais de... acariciando, carinho com a namorada, né? A cômjuge dela. E eu ouvi, ah, não quero esse tipo de comportamento aqui no clube. Não foi em jogo, não foi nada transmitido, foi apenas um treino que ela levou a cômjuge dela na época. E aconteceu a situação. Eu não falei nada, ela ficou muito chateada, rebateu, aconteceu uma situação desgastante, creio eu. Mas existe muito.

Assim, constituía-se um cenário no qual, para se reconhecer como profissional ou mesmo ser reconhecida como uma pelo clube que estivesse representando, bem como, pelo público presente nos jogos, era exigido o cumprimento, por parte das jogadoras, de um padrão de comportamento que negava sua sexualidade, no caso das atletas lésbicas como Ana.

Em consonância com esta, Fabiana internalizou essa conduta nas experiências que vivenciou, bem como, na autovigilância compartilhada pelas jogadoras que se reconheciam como “educadas”, sendo por isso, motivo de distinção da equipe soteropolitana.

A nossa escolha sexual não tem nada a ver com o nosso profissionalismo **(Ana)**.

Chegou a estar em um lugar que todo mundo se comporta. Não tem beijo, não tem pegação de mão. Tem que se comportar. Então, a gente está ali, no caso, fornecendo a imagem de uma faculdade. Então, a gente tem que manter o padrão. Então, a gente sempre prezou pelo menos para esse lado. A gente mesmo tem, pelo menos, o nosso grupo tem essa percepção. Poxa, a gente está em um estado diferente, vamos se comportar, né? Então, bora ser educadas. Bora mostrar para o pessoal daqui que em Salvador tem meninas educadas, são comportadas e tal. Então, a gente sempre se policia nessas coisas **(Fabiana)**.

Nos estudos sobre futebol amador e profissional¹³ as performances consideradas femininas, ancoradas em comportamentos de higiene, beleza e estética, adotadas dentro e fora do campo foram pontuadas pelos autores como requisitos que se expressavam como obrigatórios e naturalizados nas relações a serem desempenhados pelas atletas, bem como, exigidos pelas equipes técnicas e fator internalizado de vigilância mútua entre as jogadoras. Podemos evidenciar as regulações impostas pela colonialidade de poder e de gênero que violentam os corpos das praticantes uma vez que as obriga a reproduzir um padrão de feminilidade de destoa com as exigências físicas das performances e resultados esperados do jogo competitivo.

¹³ (PISANI, 2012; KESSLER, 2015; KOPANAKIS, SOUZA, CAPRARO E SILVA, 2017; SILVA E AIELLO-VAISBERG, 2021; VIEIRA, 2022).

Relatos de cobrança por parte dos clubes e de técnicos, bem como, a autocobrança em relação a apresentação de performances consideradas femininas como o uso de unhas pintadas, cabelos longos e lisos, uniformes justos aos corpos, mas sobretudo, a negação e/ou silenciamento sobre a vivência de sexualidades dissidentes ou lésbicas foram destacados como obstáculos para as atletas, bem como, apontados como impeditivos para o aumento da demanda mercadológica e de investimentos financeiros ao futebol de mulheres no país.

Nesse contexto, se consolidou o imaginário social no qual o futebol praticado por mulheres precisaria ir de encontro, enfrentar a cristalização desses estereótipos de gênero e sexualidade apenas afirmando seu contrário, ou seja, uma feminilidade normativa regulada pelo padrão colonial que polariza as vivências, excluindo assim, as existências que não reproduzem essa lógica.

Desta forma, o “problema a ser combatido” passou a ser as expressões de feminilidade dissidentes que não se adequavam às essas normas e que serão alvos de correções, negações e silenciamentos com vistas à manutenção das opressões e das desigualdades reproduzidas hegemonicamente pelos discursos das instituições esportivas nacionais, dos clubes, equipes técnicas, atletas e torcidas.

No episódio destacado por Ana no qual uma das colegas de clube foi advertida pelo técnico por demonstrar afeto por sua companheira na ocasião de um treino, ela relatou sua postura frente ao ocorrido: “Eu não falei nada”, avaliando a situação como “desgastante”. A estratégia adotada por Ana a fim de evitar ser alvo dessas agressões foi a de ser uma pessoa “fechada”, uma forma de se proteger e buscar sobreviver num contexto extremamente violento que de forma recorrente, desgastava e desmotivava as jogadoras a permanecerem na prática. Jane e Daisy adotaram a mesma estratégia em muitos momentos de sua trajetória no esporte.

Porém, falando sobre mim, eu nunca tive essa dificuldade, porque eu sou fechada. Eu sou muito fechada, como eu disse. Eu não costumo me abrir. Me abrir, que eu falo assim, dar abertura para outra pessoa falar. Graças a Deus, como eu disse, eu tenho uma orientação, eu tenho minha linha e jamais permito que uma pessoa ultrapasse isso. Porque meu limite é aqui, então a pessoa só vem até aqui. Como eu te disse, tem duas escolhas. Eu escolhi seguir meu objetivo justamente para crescer como pessoa **(Ana)**.

Em relação a mim também, não, porque eu era mais fechada, meu negócio era mais jogar e pronto. E me divertir com as pessoas que realmente dava pra confiar **(Jane)**.

Mas em relação a mim, eu não sou muito de escutar. Mas geralmente vai, passa, entra em ouvido e sai por outro, entendeu? **(Daisy)**.

Larissa e Hellen relataram que desde as primeiras experiências, sofreram com as agressões por parte de familiares e pessoas próximas que afirmavam que por jogarem futebol se tornariam lésbicas. Esse “destino” ou mesmo “condenação” que muitas jogadoras vivenciaram em seus itinerários, culminou no abandono da prática, bem como, no “temor” de se tornarem pessoas de indignas moralmente. Freire (2023) nos alertava para essa insegurança imposta por uma sociedade opressora para os indivíduos que sofrem com as ações violentas a estes dirigidas.

Mas de uma forma geral da minha família, que achava que por eu estar jogando bola, eu viria a ser lésbica. Então eu viria a fazer coisas erradas, ter posturas erradas. Então, tinha esse preconceito de toda a minha família, ou quase toda. E aí... eu acabei não jogando, acabei engordando, perdendo o ritmo. Então eu fiquei um bom tempo parada. Mas, depois de muita luta eu voltei a treinar em um clube lá do bairro mesmo...**(Larissa)**.

Bom, quando eu era... Criança sempre tem, né? Moleque macho. Ah, isso. Ah, vai dar para isso. Tem toda essa questão. Ah, parece um homem. Isso e aquilo. Tem toda essa questão. Eu sou, vamos dizer assim, eu sou muito cabeça no lugar. Eu sou muito tranquila. Se eu fosse parar para rebater, talvez eu não iria crescer como pessoa. Eu não rebati. Fiz o que eu gosto, nunca deixei de fazer o que eu gostava pelo que os outros achavam **(Helen)**.

“Fechar-se”, “não rebater”, “não escutar” para essas jogadoras funcionava como uma barreira de proteção individual, impedindo a internalização dos lugares de abjeção impostos socialmente para aquelas que não se adequavam às normas de feminilidade hegemônicas. Assim, “depois de muita luta”, resistiram, forjando caminhos de crescimento pessoal.

No ano de 2022, Ana participou da primeira edição da Copa Loreta Valadares, com a equipe do Madre, na qual relembra que mesmo possuindo muita experiência em várias competições, esta foi marcante por ter sido um evento construído e voltado para mulheres, desde a comissão organizadora até a arbitragem.

O que eu achei mais legal da Loreta foi porque é uma comissão toda de mulheres, sabe? Da produção, tudo foi construído e pensado por mulheres. E não é à toa que foi uma das melhores Copas que eu participei. A Loreta que existe de organização, de tudo. Para mim foi muito marcante porque a gente que tem essa caminhada já longa no futebol, já passou por muita coisa, muito preconceito. E é muito importante a gente ver hoje as atletas que vem chegando.

Nesse sentido, Larissa, Hellen Jane e Daisy destacaram a importância do torneio no cenário baiano considerando o pouco investimento em competições voltadas ao

futebol feminino, assim como, a infraestrutura utilizada, a qualidade técnica das jogadoras e os impactos sociais do evento em prol do desenvolvimento do esporte e no horizonte de profissionalização das participantes.

No primeiro ano eu achei muito bom a iniciativa de fazer uma competição oficial. A gente já havia há algum tempo sem fazer, tirando a competição do Campeonato Baiano e o Brasileiro, não tinha muitas competições oficiais em um local ou em um campo oficial, então a iniciativa foi muito boa, gostei muito (**Larissa, 28 anos**).

Era um campeonato que estava apagado, né, que era um campeonato feminino, assim. E aí, depois da Taça Salvador, foi o único campeonato que eu vi que chamou realmente o público para ele e conseguiu reunir realmente as meninas com potencial, as meninas realmente que queria. Pra mim, estava, vamos dizer assim, silencioso o futebol feminino, e a Copa Loreta Valadares foi o auge que gritou o futebol feminino e hoje está repercutindo (**Hellen, 26 anos**).

Foi muito bom. É tipo assim, experiência, né? Aí a gente pega experiências. E a experiência foi boa, porque a gente é acostumada a jogar só em um lugar, só de participar de uma Copa boa. Com oportunidade também, a visibilidade também de lá é boa. Então foi muito bom (**Jane, 30 anos**).

Mas assim, o que mais me marcou foi na Copa Loreta. Porque foi uma grande proporção, né? Foi participar do campeonato, no caso no estádio, que eu nunca tinha pisado no estádio. Só mesmo lá em cima pra tá assistindo né? Mas, só pra levar minha família para me assistir, foi muito gratificante e ficou na memória (**Daisy, 27 anos**).

Em 2023, não teve como participar por conta de uma lesão no joelho que a afastou do campo, mas, ainda assim, fez questão de estar junto do Madre, na comissão técnica. No momento da entrevista, no ano de 2024, Ana ainda se recuperava dessa lesão que condicionava seu retorno aos campeonatos na Bahia e em outros estados do país.

Aí agora eu estou trabalhando com futebol sou professora de futebol. Dou aula de futebol para iniciações. Iniciação infantil. Trabalho também com sub 17, sub 20, dependendo da. Com várias categorias mas, hoje eu trabalho com esporte eu estou me tratando para poder retornar ao futebol não sei se profissional mas eu quero continuar jogando ainda.

Relatou que durante sua trajetória no esporte recebeu diversas propostas, principalmente na época que jogou o campeonato brasileiro. Uma destas, a nível internacional, para jogar na China. Por ser apegada à família, mas, sobretudo para não preocupar sua mãe, não deu prosseguimento à esta proposta.

Esse foi o seu auge, onde chegou a contar com uma empresária para agenciar as melhores propostas. Atualmente, ainda recebe diversos convites para compor equipes e disputar campeonatos.

Eu tenho muitos contatos no meio do futebol e geralmente eles entram em contato comigo porque tem muitos que não sabem que eu estou lesionada. Então vira e mexe eles entram em contato... até semana passada mesmo um entrou em contato comigo me perguntando se eu estava jogando ainda que ele ia participar de um campeonato. Queria que eu jogasse pelo time dele para conversar com ele para ver valores.

Três pessoas foram determinantes na jornada de Ana no futebol. O primeiro foi o professor do projeto 2 de julho, Luciano, que a ajudou no início da carreira pois “tinha o futebol eu tinha já esse dom para jogar a bola, mas ele me lapidou muito em questão técnica, tática”. Outra pessoa que fez parte da sua trajetória no esporte foi a professora Rosana, que com sua experiência profissional e seu acolhimento na equipe do Madre Salvador, foram determinantes na sua formação.

É uma pessoa também muito importante nessa minha caminhada dentro do futebol feminino. Tanto que até hoje a gente está unida e sempre juntas em tudo. Quando não é eu como atleta dela, é como comissão junto com ela.

Destacou a participação imprescindível da mãe em todos os momentos de sua jornada no futebol, como suporte psicológico e inspiração para enfrentar as dificuldades e barreiras vivenciadas. Outras jogadoras como Fabiana, Daisy e Hellen também assinalaram o suporte emocional que os familiares, sobretudo as mães, tiveram nas suas trajetórias.

Minha mãe, eu digo assim, minha mãe no começo ela não gostava muito da ideia que eu jogasse bola. Mãe sempre quer algo a mais para o filho, principalmente na minha posição, por eu jogar bola, por eu ser lésbica. (...) Sofria por todo o medo e preconceito que ela sabia que eu iria passar. E ela achava que eu não ia ter condições psicológicas de passar por aquilo. **Ela me via como uma menininha, minha filha, a caçula, só tinha eu de mulher e de menina na vida dela. Mas, depois de um tempo, ela percebeu que eu era forte, que ela tinha me feito uma mulher guerreira, uma mulher forte (grifo nosso).** E ela é a minha maior inspiração como mulher.

O futebol para Ana, assim como para as demais jogadoras dessa geração adquire uma centralidade no desenvolvimento pessoal, pois é percebido como uma terapia, um escape dos problemas vivenciados, mas sobretudo, um meio de transformação das subjetividades, das feminilidades e das condições de vida precarizada a que são submetidas.

Nesse sentido, esta prática corporal constitui-se enquanto um lugar de comunhão, não somente reduto de mulheres negras e lésbicas, ainda que estejam em maior número de praticantes, mas, sobretudo um ambiente de transformação social. Assim, torna-se um local de mobilização e engajamento coletivo no qual são superadas as condições de

injustiça e desigualdades impostas a estas populações. Neste contexto, um outro mundo é construído, no qual as participantes são transformadas e transformam a sua realidade, alcançam entre si respeito, valorização, realização pessoal, paz de espírito, calma, bem como, a superação de preconceitos e iniquidades sociais.

Nossa, eu acho que a minha maior formação como ser humano foi o futebol que me proporcionou isso. Meu amadurecimento. Às vezes a gente acha que é só um esporte. Mas esporte envolve tanta coisa. A gente aprende a ter disciplina, a gente aprende a ter respeito pelo próximo. A gente aprende a vencer o preconceito. **Hoje eu sou mulher que eu sou forte independente. Eu tenho orgulho muito orgulho de mim. Não me menosprezo, não me diminuo em momento algum (grifo nosso).** Então eu acho que o futebol para mim é tudo.

Eu estou naquela onda de querer evoluir as meninas que não tiveram oportunidade, como eu. **Quero para elas o que eu não tive, vou me dar para elas como outra pessoa talvez não conseguiu me dar (grifo nosso).** E hoje, como eu disse, serei eternamente o braço delas sempre que ela precisar. E hoje, para mim, o futebol é isso. Futebol não é só apenas exercer uma profissão. É crescer como pessoa e profissional **(Helen).**

Hoje a minha visão é mais ajudar o futebol feminino como profissional da área. Hoje é uma terapia pra mim, jogar bola é uma terapia. Então... É terapêutico. **Eu tinha tudo pra... pra ser uma pessoa rebelde, pra... viver de mal com a vida, mas, assim, graças ao esporte, graças ao futebol feminino, eu... eu me tornei uma pessoa que corre atrás dos seus sonhos, batalha,** entende que a vida não é fácil **(Larissa).**

O futebol pra mim, contando tudo, é... É, tipo, é... É uma esperança, na verdade, né? De que daqui pra frente, continue melhorando mais e mais. **E que pra mim é muito bom, porque às vezes até me tira de coisas, de lugares que eu nem preciso estar ou ficar.** Então, no geral, o futebol pra mim é uma expectativa muito boa **(Jane).**

Futebol pra mim é tudo, né? É lazer, é tudo. Não dá nem pra explicar, porque futebol pra mim é tudo mesmo. **É o lugar onde dá pra pensar, dá pra eu me acalmar, né? Às vezes a gente não tá nem com um bom pensamento, né, no dia a dia, né? E ele me acalma, é um lugar de paz pra mim (Daisy).**

Hoje, na minha vida, significa resiliência, vontade, desejo de praticar que você gosta, de fazer aquilo que você gosta. Muitas meninas queriam e não podem, ou gostariam de estar jogando e não podem, porque infelizmente ainda tem certos preconceitos de não ter um time adequado ou uma competição com a idade da menina que deseja jogar. **(Fabiana).**

3.3.3 Trajetória de Taiane

Aos oito anos de idade começou a jogar futebol com os meninos nas ruas de Jiribatuba- BA, distrito do município de Vera Cruz, no litoral baiano. Como não havia

meninas, Taiane iniciou jogando numa escolinha de futebol para meninos a convite de um professor.

Tinha uma escolinha de futebol, que era o professor que me chamou pra jogar, na verdade, porque eu procurava lugar pra jogar, mas não tinha. Aí, um dia, eu vi os meninos treinando na escolinha, um dia eu fui pra essa escolinha, aí ele foi e me chamou pra ficar treinando. Aí eu fiquei treinando até agora.

Ainda que a maioria das jogadoras tenha tido suas primeiras experiências mediadas por figuras masculinas, esse cenário vem se modificando. Percebemos que jogadoras da mesma geração de Taiane, e que como esta, residiam em cidades distantes da capital Salvador, foram iniciadas no futebol por meninas. Identificamos nos relatos de Marielle e Emelli que tanto amigas quanto familiares (irmã) foram determinantes nas suas trajetórias nesse esporte.

Eu falo, rapaz, eu me identifiquei com o futebol. Foi uma história linda. Eu vi uma amiga minha jogando. Eu não praticava aquele esporte. Aí quando eu vi ela jogando, eu me apaixonei mais pelo futebol. Ela falou, rapaz, tem como você conseguir aprender. Aí eu continuei treinando. Aí me apaixonei (**Emelli, 22 anos, Camaçari**).

Minha história no futebol é meio doida, porque no começo eu não gostava de futebol. Aí, aqui no fundo daqui, a gente mora no interior, né? Aqui perto de minha casa tinha um campo que só jogava os meninos. Todos os meninos brincavam aqui. E eu só ia olhar, porque eu dizia que eu não gostava de futebol. Aí minha irmã que já jogava, já gostava, foi me incentivando, botando na minha cabeça pra começar a jogar (**Marielle, 18 anos, Santo Amaro**).

Taiane morava com a mãe, o pai e dois irmãos mais velhos que sempre a apoiaram na prática desde criança, uma vez que eles também jogavam futebol. Entretanto, apenas ela prosseguiu com o sonho de profissionalização.

Minha família sempre me apoiou, na verdade não tem recurso, porque se tivesse um recurso maior, eu acredito que eles me apoiariam em questão financeira, pra eu tentar fazer teste em uns times mais estruturados. Mas eles sempre me apoiaram, gravaram vídeo, sempre que tinham jogos eles estavam lá. Da maneira que eles podiam apoiar, eles apoiaram.

Aos 15 anos, jogou pela primeira vez o campeonato baiano, pela equipe da ilha, o Baiaco. Após essa estreia, decidiu deixar sua casa e a segurança familiar em Jiribatuba, vindo sozinha para a capital, Salvador, em busca de mais oportunidades no futebol.

Aí eu joguei nesse time, entendeu? Só que como não tinha verba e tal, acabou que esse time terminou. Aí eu fiquei um tempo só treinando com os meninos, continuei treinando até aparecer a oportunidade. Aí eu fui para Salvador, que comecei a ter mais oportunidades em outros times.

A mudança para a capital veio devido ao convite da equipe que representou nas edições da Copa Loreta, o time do Saracity, que lhe concedeu a vaga no alojamento, onde passou a compartilhar a rotina com outras jogadoras nos treinos e competições que disputaram.

Quando tem o Loreta, aí eu vou pro alojamento. Mas quando não tem, esse tempo, tem o Baiano, que a gente disputa, aí como tem parceria com o Saracity, aí a gente fica no alojamento também. E quando é outros times, no caso, eu fico em casa, eles entram em contato comigo, mandam transporte e tal, aí eu vou pra onde, para jogar, e volto pra minha casa.

Depois disso, participou de mais três edições do estadual representando as equipes do Cruzeiro, Lusaka e Grêmio Salvador. Taiane discorreu como ocorreram esses contatos que possibilitaram sua entrada nesses times.

Olha, assim.. Tem pessoas que olha... Aí procuram uma pessoa mais próxima, no caso, tá jogando no Saracity, as pessoas viram, e entraram em contato com o professor que te passou o meu número. Aí ele vai e entra e comunica tudo com a gente, e a gente vê se a proposta é boa... A gente analisa, aí eu vou.

No momento da entrevista, estava na casa dos pais que recentemente se mudaram para Barra do Gil, local onde trabalha como garçomete num bar administrado por sua mãe. Esse ano fez 23 anos e durante esses oito anos, desde a primeira vez que veio a capital, se desloca constantemente, entre idas e vindas, da casa dos pais para o alojamento.

Aí eu continuo jogando, sempre disputo a Copa Loreta Valadares, que começa, eu acho que é em agosto, dependendo do mês. E é isso, é um pouco difícil... Porque praticamente a gente não tem um suporte, que hoje é o essencial, é muito desvalorizado o futebol feminino ainda, e onde a gente mora ainda é pior. No caso, a gente tem que se locomover pra outro lugar, pra tentar ter uma chance, que aqui seria muito difícil.

Nos anos que jogou por diferentes equipes no campeonato baiano enfrentou muitas dificuldades devido à ausência de valorização e incentivos voltados ao futebol de mulheres. Esse cenário de precarização e falta de investimentos no contexto do futebol baiano foi trazido de forma recorrente nas narrativas das jogadoras entrevistadas, mas também, pelas equipes técnicas participantes da Copa Loreta. Taiane expressou sua indignação em relação a disparidade de tratamento dado às atletas quando comparado ao futebol masculino.

Assim, é muita coisa. Primeiro a questão de tipo estrutura. A estrutura do masculino, não é a mesma coisa do feminino, né? Tipo, eles têm lugar pra ficar fixo onde eles estão jogando. No caso, a gente tem que arrumar parceria. Eles arrumam parceria pra deixar a gente num lugar separado. Então, tipo, às vezes eles não dão alimentação. A gente tem que tirar do nosso bolso pra dar

alimentação. É... transporte, eles não dão. Às vezes, a gente tem que tirar do nosso bolso...

Recordou de um episódio recente, no qual sua equipe tinha um desempenho superior a masculina, sendo responsável pela retomada de investimentos no clube, mas que foi traduzido em ganhos apenas para os jogadores uma vez que as atletas tiveram que arcar com os custos para realizar seus jogos.

Tipo, da última vez que eu joguei, eles não queriam pagar transporte. Eles não queriam pagar ambulância. Eles não queriam pagar para marcar o campo. Então, a gente faz vaquinha pra gente mesmo jogar... Sendo que a gente tava levando o time deles a um patamar, né? Porque o time masculino dele sobressaiu mais depois que a gente começou a jogar o feminino. E várias outras coisas. Passar a hora de comer porque não tinha alimentação correta. De a gente treinar no sol, sendo que não tinha alimentação. Pra treinar no sol de 3 horas aqui em Salvador no verão é complicado. Fora o transporte, essas coisas. De valorizar mesmo. De ter um representante lá pra ver a gente jogar. Nunca foi de ter.

Essa ausência de responsabilidade, de compromisso e de envolvimento ético por parte de diversos personagens (proprietários de times, comissão técnica, arbitragem e torcida), compõem a narrativa de Taiane em relação às barreiras e preconceitos vivenciados no futebol. Episódios de assédio moral, sexual, racismo e LGBTfobia fizeram parte das suas vivências enquanto jogadora, bem como, fonte de sofrimentos intensos, impostos por uma estrutura racista e patriarcal que nega a humanidade e existência a grupos marginalizados socialmente.

Desde as primeiras experiências no futebol tem sido alvo de comentários machistas por ser uma das poucas meninas que desafiava os padrões de feminilidade por se inserir em práticas corporais consideradas de domínio masculino. Aqui também são reproduzidos os estereótipos que posicionam as meninas que como Taiane se identificam com a modalidade com uma expressão de gênero inferiorizada, pois fogem do padrão racialmente branco e cisheteronormativo exigido.

(...)como jogava lá com os meninos o povo falava... porque essa menina tá jogando com esses meninos, se ela é menina tem que jogar com meninas, Maria Macho, sapatão, essas coisas... Não era pra eu jogar porque era pros meninos tá jogando... em qualquer lugar, tem lugar que mesmo assim o povo fala né, grita que não é pra gente tá ali jogando e tal...

Outra dimensão da subalternização e da vigilância a estas normas, se expressa não apenas nos espaços públicos dos jogos e campeonatos, onde os casais de namoradas não podiam expressar afetos entre si, mas adentrava no privado dos alojamentos, locais que para muitas das jogadoras, se constituía um dos poucos espaços que poderiam vivenciar

sua intimidade visto que permaneciam longos períodos nas ocasiões dos campeonatos e torneios disputados durante o ano.

Não só eu como todo mundo né, porque tipo praticamente o time todo tem namoradas que é do mesmo time e várias pessoas falam, ah porque você tá treinando esse time de sapatona... Tem que pegar homem e tal, tipo desses comentários a gente escuta muito até hoje, não pode andar, brincar porque o povo já olha diferente, mesmo a gente treinando, que a gente não pode ter tipo, dentro, a gente não pode se relacionar mesmo sendo namorada, a gente não pode, só fora do alojamento, dentro, nenhum time eu acho que aceita...

Uma das ofensas mais comuns advindas do público presente nos jogos, relatada tanto por Ana quanto Taiane, evidencia como nesse contexto são mobilizadas as interações dos marcadores de raça, gênero e sexualidade em torno das experiências das jogadoras. A objetificação se revelava quando suas vivências se mostraram vinculadas a uma utilidade, um fim, que seria demarcado pela “maternidade”, ou melhor, heterossexualidade, e pela “beleza”, critério este, que se traduz na reprodução do racismo pela manutenção da branquitude. Duas jogadoras (uma racialmente lida como branca e outra como preta) sofreram essa violência, ou seja, ambas são percebidas como destituídas de valor num contexto social regulado pela colonialidade de poder e de gênero.

Eu já escutei o povo falar que desperdício, já joga bola e ainda gosta de mulher **(Taiane)**.

E, às vezes até heterossexual mesmo, tem heterossexual que ela joga bola e os caras enxergam ela como, vou até usar o nome que eles falam: a sapatão porque joga bola é sapatão. Sempre tem, sempre aquelas frases de que desperdício porque uma mulher com outra mulher é um desperdício... **(Ana)**

Em outro momento de sua trajetória no futebol, Taiane vivenciou um episódio de racismo direcionado às integrantes de sua equipe na forma de tratamento dada pela arbitragem num jogo no qual as adversárias eram brancas e “rodadas”. Termo usado para descrever as jogadoras que tinham mais experiência em competições/campeonatos fora do estado.

Porque tipo sempre tem né? branco é branco e negro é negro... o tratamento é diferente, o jeito de ser com uma pessoa é diferente, o jeito, tipo... teve um arbitro que pra gente ele tava apitando tipo, levantando a voz e para as meninas ele não tava... E a gente começou a perceber que ele estava com um tom a mais pra gente e o time da gente praticamente todo mundo é negro e as meninas branquinha padrão rodada....

Em mais uma situação de violência imposta às jogadoras de forma recorrente nos alojamentos e motivo de indignação de Taiane se referia aos episódios de assédio e exploração sexual protagonizados por membros das comissões técnicas. Uma parcela significativa de jogadoras do seu time permaneciam longos períodos nos alojamentos

devido a falta de recursos financeiros para se deslocar na cidade de Salvador, ou ainda, como no caso de Taiane, por morar em locais distantes da capital.

No alojamento com o professor, tipo ele, ele tipo, vendia as atletas, tipo assim, é pra tomar cerveja, uma caixa de cerveja e você pega tal pessoa... teve uma vez que a gente tava no alojamento e o cara dormiu do lado da gente, no caso, a gente dormiu de um lado só que duas meninas dormiu do lado de cá, ele dormiu do outro lado, só que ele tava fazendo um gesto obsceno... não foi a primeira vez que ele, já tinha feito antes...

Independente de você ser treinador ou não, não existe velho, de passar a mão, entendeu, de professor tá tendo um relacionamento com atleta dentro do clube e não aprovar que se você tem um relacionamento com sua namorada, você possa dormir junto... isso acontece muito...

A busca pelo sonho de jogar profissionalmente, de obter uma maior valorização nesse contexto, levou Taiane a disputar um campeonato em outro estado, o Sergipano, num torneio mais estruturado do que o Baiano. Entretanto, após ter sido escalada para entrar na partida mesmo não sendo a titular da equipe¹⁴, sofreu uma entrada no jogo que lesionou seu tornozelo.

Quando eu joguei o sergipano eu torci meu tornozelo e eu fui subir na bola e a menina pisou no meu tornozelo e ele dobrou só que tipo eu continuei jogando o campeonato todo... eu vou fazia gelo, tomava remédio e joguei o campeonato todo mas tipo assim, no momento doía, parecia que ele tava solto, mas eu não tive o auxílio de ir no médico, tomar uma injeção e ver o que o que podia fazer, a gente faz uma botinha, eu fazia uma botinha para segurar o tornozelo e calçava chuteira e jogava todos os jogos assim até terminar....

Toda a sua doação e desempenho como artilheira da competição não foram percebidos e valorizados pelo dirigente e pela comissão técnica do time que no término do campeonato não assumiram nenhum dos cuidados necessários para o tratamento da lesão.

Tipo assim, graças a Deus no momento que eu tava jogando eu tava ajudando um time muito, que do meu time eu fui a artilheira do campeonato sergipano, então eu tava ajudando muito meu time... Como o time precisava, aí eu eu continuei jogando, prejudicou muito porque até hoje ainda sinto tornozelo, e acredite, eu não tive suporte nenhum até hoje, nem antes para poder ir no médico ver se se teve alguma coisa muito grave, pelo que a dor que eu sentia e ainda sinto puxando foi muito grave, mas ninguém nunca me deu auxílio nenhum.

Os lugares de objetificação e subalternização determinados para as mulheres negras no Brasil assinalados por Gonzalez (2021) teriam como consequência a

¹⁴ Por questões do seu BID ser mais barato, foi escalada para jogar em detrimento de outras jogadoras que tinha o BID mais caro e aguardavam o pagamento para liberação nos jogos.

interiorização por parte destas, de um senso de inferiorização, sobretudo quando exerciam a função de empregada doméstica.

Da mesma forma seriam mobilizados os sentimentos de autocobrança e auto sacrifício de Taine quando participou do campeonato sergipano no qual se viu obrigada a permanecer em campo em todos os jogos após ter se machucado no primeiro jogo. Ao final da competição, tanto ela quanto outras jogadoras que não tinham condições financeiras foram “descartadas” nas dependências do clube, sem direito a alimentação e recursos para retornarem às suas cidades de origem. Apenas as que contavam com empresários deixaram o alojamento. Essa situação de crueldade imposta à população negra e pobre no país é cotidianamente reproduzida em diversos contextos que caracteriza o genocídio e apagamento da sua condição de dignidade e humanidade.

Nascimento (2016) assinala que no Brasil, se impõe a população negra uma condição de aprisionamento num círculo vicioso de discriminação que impede a ascensão social e a melhoria de suas condições de vida. Desta forma, a raça seria sinônimo de classe, ou seja, na sociedade brasileira ser negro/a se traduz em pobreza e vice-versa. Numa cultura estruturada em valores racistas e patriarcais, nos deparamos cada vez mais com indivíduos com práticas discriminatórias, que vão sendo naturalizadas visto que estão em sintonia com a ideologia dominante. O desfecho da sua participação no campeonato Sergipano revelou como o processo de racialização de gênero opera nas experiências de jogadoras negras e lésbicas como Taiane.

Eu fui artilheira do time, eu fiz três gols, em três jogos a gente perdeu no final de 1 a 0...Premiação, não sei se a gente ganhou, provavelmente deve ter ganho porque o campeonato sergipano é um campeonato conhecido, mas a gente não ganhou nada, nada, até para gente ir para casa, a gente teve que tirar do nosso bolso porque eles disseram que não tinha dinheiro. E teve gente que ficou lá... no caso, um mês esperando para ver se tinha o dinheiro e eles disseram que não tinha dinheiro. Eu tive que ligar para minha mãe para ela mandar dinheiro para arranjar dinheiro para eu vir para casa porque eles não deram dinheiro, nenhum nenhum...

Entretanto, esse processo de reafirmação da submissão de feminilidades se revelou mais pungente na trajetória de Taiane, quando discorreu sobre seu horizonte de profissionalização no futebol.

Eu acho que aqui na Bahia é muito difícil porque tipo assim, é padrão você tem que ter alguma coisa para oferecer, futebol não é suficiente entendeu, que tem uma aparência boa, você tem que ter um empresário bom, é tipo... eu posso, se eu sou um empresário eu posso te indicar pra time pelo fato de eu ser um empresário de nome você vai entrar, não importa se você tem futebol não, eu

acho que aqui na Bahia é assim, se você for fazer um teste em clubes e tem nomes, futebol só não vai adiantar ...

Esse cenário de restrição nas possibilidades de ascensão e de reconhecimento social pelo futebol na narrativa de Taiane mobilizou frustrações e desânimos por parte desta ao constatar que sua habilidade técnica, seu empenho como “profissional” tem sido repetidamente anulado pela estrutura racista e cisheteronormativa reproduzida nas instâncias institucionais responsáveis por viabilizar seu sonho de profissionalização, como os clubes de renome do estado da Bahia.

Eu já fiz teste em time que tinha nomes, mas tinha outras pessoas que tinha condições entendeu, tinha conhecido lá dentro e tipo passou e eu não passei, então, é muito difícil, eu acho difícil demais entendeu, para mim hoje você se tornar profissional você tem que ter uma agência, você tem que ter um empresário pra tentar te botar em um time porque caso contrário eu acho muito difícil você pode rodar entendeu jogar um baiano aqui jogar um baiano ali, sair para alguns lugares para jogar, mas se profissionalizar é muito difícil, muito difícil...

Destacamos nos estudos, em relação às dificuldades vivenciadas no futebol profissional¹⁵, sobretudo por jogadoras negras¹⁶: a instabilidade financeira por ausência de vínculos contratuais sólidos, como carteira assinada, diferenças salariais em relação às equipes de homens, irregularidades de pagamentos, falta de assistência e suporte dos clubes no caso de lesões, bem como, a constituição de "panelinhas", construídas a partir dos laços afetivos que determinariam as parcerias esportivas entre jogadoras, técnicos e dirigentes, reduzindo as oportunidades de profissionalização e ascensão profissional em detrimento das performances/habilidades técnicas apresentadas pelas atletas.

Neste cenário, os significados futebol que predominam nas narrativas das jogadoras de sua geração são os que autorizam a prática somente em termos individuais de caráter amador e/ou lazer. Marielle e Emeli expressaram os significados que o futebol ocupava em suas vidas, sublinhando os efeitos terapêuticos mobilizados.

O futebol é... Eu costumo dizer que ele é... Uma distração. Quando as coisas não estão dando certo, eu vou lá e jogo bola. Distrai a mente. Mas o futebol é um membro da família. Ele tá ali. Sempre tem que ter um lugar ali, um espaço para ele. Mas... Um dia eu pensar em desistir do futebol, eu tô doida. Mas ele vai estar sempre ali. Mas... Eu aprendi. Como eu não gostava... Do futebol, hoje eu amo **(Marielle, 18 anos)**.

Hoje faz parte da minha vida, né? Futebol pra mim é uma terapia ótima. É onde eu esqueço meus problemas. É botar a bola pra frente. E pra mim, aquilo ali...

¹⁵ (PISANI, 2012; KESSLER, 2015; SOUZA, CAPRARO E SILVA, 2017).

¹⁶ (KOPANAKIS, SILVA E AIELLO-VAISBERG, 2021; VIEIRA, 2022).

Pra mim, se eu não conhecesse futebol, pra mim é uma paixão. Eu não sei que esporte eu fazia, porque... Futebol pra mim é tudo (**Emelli, 22 anos**).

A participação na Copa Loreta nas duas edições foi um dos poucos momentos da sua trajetória que se sentiu valorizada e no qual seu sonho de alcançar alguma projeção social no futebol se tornou realidade. Ademais, evidenciamos no seu relato, a importância dos recursos do evento serem destinados à divulgação, bem como, acenamos para as expectativas construídas pelas participantes em torno da visibilidade social produzida pelas mídias digitais.

Muito importante, eu acho que valorizar, né? As pessoas olham a gente com outros olhos, porque sempre só tem masculino, né? Ninguém investe assim no futebol feminino, então, pra gente, até é uma coisa pra gente se divertir, se distrair, porque se a gente esperar alguém chamar, é muito difícil, entendeu? Se a gente não tem um empresário, a gente não tem uma pessoa que está ali tentando, é muito difícil pra gente. Então, o povo já conhece, aí chama a gente pra jogar, fica um pouco mais fácil. E dá uma visibilidade muito grande, né? Porque muitas pessoas vai assistir, aí comenta, aí grava, aí passa na televisão, em alguns canais, no YouTube, aí fica um pouco mais fácil.

A fim de participar de competições como a Copa Loreta, assim como, eventos de menor porte realizados como a Copa Arvoredo, Taça das favelas ou mesmo por lideranças comunitárias nos amistosos beneficentes realizados na capital e na região metropolitana do estado, contou com o apoio da equipe do Saracity, mas principalmente, com o incentivo dos familiares que se fizeram presentes ainda que não tivessem condições financeiras de viabilizar sua participação nas seletivas das regiões de maior desenvolvimento do futebol feminino no sul e no sudeste do país.

Minha família sempre me apoiou, na verdade não tem recurso, porque se tivesse um recurso maior, eu acredito que eles me apoiariam em questão financeira, pra eu tentar fazer teste em uns times mais estruturados. Mas eles sempre me apoiaram, gravaram vídeos, sempre que tinham jogos eles estavam lá. Da maneira que eles podiam apoiar, eles apoiaram.

Mesmo num cenário de impedimentos e violações de direitos humanos determinados por uma estrutura colonial que submete grupos a condições de vida precarizada e/ou extermínio, existe espaço para agência e ressignificação dessas relações. Desta forma, Freire (2023, p.195) aponta os caminhos para a reumanização dos grupos oprimidos: “Unificados e organizados, porém, farão de sua debilidade, força transformadora, com que poderão recriar o mundo, tornando-o mais humano”.

O futebol e suas relações com o lazer são assinalados por Gomes (2004) enquanto uma dimensão cultural na qual emoções e/ou experiências lúdicas são vivenciadas nos

indivíduos e grupos de forma dialética entre o que se estabelece enquanto necessidade em relação às normas sociais.

Nesse contexto, consideramos o lazer enquanto uma manifestação cultural, no qual são mobilizadas tensões e enfrentamentos às opressões de gênero, raça e sexualidade vivenciadas nesta modalidade. Em consequência destes processos socioculturais mobilizados, sobretudo na dimensão de lazer expressos nos relatos das jogadoras são operadas as ressignificações e transformações das racializações de gênero agenciadas a partir das narrativas construídas sobre seus itinerários no futebol, corroborando assim, com outros estudos sobre as relações de gênero e práticas corporais (GOELLNER; BOTELHO-GOMES; SILVA, 2012; CAVALCANTI ET AL, 2019).

Este constitui o futebol forjado por jogadoras como Taiane que continuam a resistir e lutar por caminhos mais dignos para as próximas gerações de meninas e mulheres que como ela sonham com outro futebol, e, que vem sendo concretizado nas relações comunitárias e comprometimento ético nos diversos grupos e projetos sociais desenvolvidos pelas equipes participantes da Copa Loreta.

Para mim é tudo. Porque tipo, futebol é de chance né?. Você pode ter uma chance de mudar a sua vida. Mudar a vida de quem está ao seu redor, ter reconhecimento né? E ajudar outras pessoas também que é o meu desejo. Se eu for jogadora de futebol, eu vou poder ajudar a minha família, poder ajudar outras pessoas, outras amigas minhas, colegas que eu conheço no futebol a subir na vida porque eu sei quanto é difícil...

A estrutura desigual e injusta da colonialidade impede que jogadoras negras e lésbicas ascendam socialmente enquanto grupo majoritário inserido na prática. A partir da reprodução do mito da democracia racial são produzidas narrativas ideológicas que falseiam a realidade ao atribuírem o futebol como um lugar social no qual a população negra poderia se destacar, ascendendo socialmente, contudo, essa condição apenas se materializa a nível individual (SANTOS, 2021). Taiane vislumbra que essa chance, ainda que mínima, pode ser concretizada. E, contrariando as expectativas, deseja não apenas seu crescimento, mas de todo um grupo de meninas e mulheres que como ela foram e continuam sendo oprimidas, invisibilizadas e desumanizadas: “(...) porque desde outro ano pra cá jogando bola, eu passei muitas situações, evitar o máximo que outras pessoas passem para mim já é gratificante demais”.

As jogadoras construíram nas suas trajetórias no futebol uma ética amorosa, na qual os valores de lealdade e os vínculos de solidariedade se sobrepuseram em relação às vantagens materiais, reproduzidas hegemonicamente numa sociedade capitalista

neoliberal. Em vários episódios de suas trajetórias recorriam à expressão: “por amor ao futebol”, para significarem sua dedicação e compromisso com o crescimento pessoal e coletivo no enfrentamento às relações de dominação e opressão a que eram submetidas na vivência da modalidade. Desta forma, amor, não restringia a um sentimento, mas se constituía enquanto uma prática e compromisso político assumidos na superação das desigualdades produzidas pela sociedade patriarcal, racista e cisheteronormativa (HOOKS, 2021).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo 3 evidenciamos a partir das trajetórias de jogadoras de distintas gerações como eram operadas as racializações de gênero a partir da vivência do futebol. Demarcamos as similaridades e as singularidades em seus itinerários a partir das narrativas construídas sobre suas experiências nesta prática corporal.

Sublinhamos as primeiras experiências mediadas pelos meninos para a maioria das participantes, bem como, as percepções de gênero racistas, as quais as praticantes eram submetidas desde sua entrada no futebol, mas também, recorrentemente vivenciada em diversos espaços da prática, como nos treinos, no comentários vindos das torcidas, nas exigências expressas de forma direta por parte das comissões técnicas e motivo de autovigilância entre as jogadoras. Os termos moleque macho, mulher macho e sapatão expressavam a forma como o racismo e a cisheteronormatividade operava nos espaços do futebol feminino buscando regular as motivações e aspirações das praticantes ao internalizar uma imagem inferiorizada e estigmatizada de si mesmas.

Nesse contexto extremamente violento e que de forma recorrente desgastava e desmotivava as jogadoras a permanecerem na prática, estas construíram como estratégia individual de superação dessas opressões, tornar-se uma pessoa “fechada”, uma forma de se proteger e buscar sobreviver no futebol vivenciado no estado baiano.

A participação nas edições da Copa Loreta significou para as jogadoras e para as comissões técnicas um espaço de ruptura frente à realidade de precarização e invisibilidade social impostas ao futebol feminino no estado. A partir dessa experiência puderam concretizar os sonhos de jogar em estádio com uma infraestrutura profissional, vislumbrar mulheres em posições de liderança na arbitragem e nas comissões técnicas, promovendo projeção social de suas performances, contatos profissionais, alcançando desta forma, investimentos materiais e simbólicos em prol da modalidade.

Em relação às singularidades de cada uma das histórias, assinalamos na trajetória de Nélia a interrupção dos sonhos de profissionalização devido a gravidez não planejada e ao racismo como fator determinante no empobrecimento familiar, bem como, na restrição do horizonte de oportunidades de ascensão pelo futebol.

Na história de Ana, por outro lado, evidenciamos no seu itinerário, diversas oportunidades de profissionalização desde sua adolescência. Teve acesso a contatos com personalidades do futebol masculino e equipes de renome do estado que passou a integrar, ou seja, uma trajetória marcada pelas vantagens estruturais e raciais herdadas pela branquitude enquanto lugar de merecimento e valorização de performances ainda que também tenha sido alvo de agressões e violências cotidianas por ser uma jogadora lésbica.

Na história de Taiane, demarcamos o processo de desumanização mais intenso e doloroso vivenciado nos episódios narrados sobre sua busca de profissionalização no futebol. Suas experiências evidenciaram o peso do racismo e da LGBTfobia nas trajetórias de jogadoras de sua geração que são preteridas nos testes e seleções dos clubes de renome do estado por não serem agenciadas por empresários, bem como, por não possuírem uma aparência que reafirme o padrão de feminilidade hegemônico. O perfil de jogadora mais recorrente na Copa Loreta se constituía por mulheres jovens, negras e lésbicas que assim como Taiane são impedidas de ascender socialmente a partir do futebol, bem como, vislumbrar esse horizonte em suas trajetórias.

Desta forma, o futebol para essas jogadoras torna-se predominantemente um espaço de lazer, de terapia, de expressão de emoções, de alívio para o estresse e problemas vivenciados em outros âmbitos. Ao mesmo tempo, são estabelecidas relações comunitárias e de comprometimento ético que possibilitaram ressignificações e transformações nos processos de racialização de gênero a partir da construção de feminilidades dissidentes, mobilizadas por processos educativos enquanto experiências geracionais de troca, nas quais as jogadoras se percebem enquanto sujeito coletivo (KRENAK, 2022).

A Copa Loreta Valadares representou um momento de ruptura frente a realidade de dificuldades e descasos de instituições públicas e privadas no que tange ao desenvolvimento do futebol feminino ao valorizar essas equipes, estimulando a continuidade destes projetos, bem como, contribuindo para a construção do horizonte de profissionalização nos itinerários das participantes.

O perfil de jogadora que constituía a maioria das participantes do evento evidenciou as desigualdades a que são submetidas a população de mulheres negras e

lésbicas no estado, bem como, a dedicação e o comprometimento destas ao futebol em suas trajetórias.

A educação formal assim como o futebol são fenômenos socioculturais considerados como as poucas ou mesmo únicas vias de mobilidade social das populações racializadas e inferiorizadas na sociedade brasileira (GONZALEZ E HASENBALG, 1982; FRANZINI, 2003; SANTOS, 2021). Entretanto, constatamos a capacidade cada vez mais reduzida dessas “rotas de fuga” na realidade vivida por estas populações, demonstrando que os processos de escravização/genocídio/exterminio vem sendo reatualizados na medida em que a estrutura racista e cisheteronormativa do capitalismo neoliberal enquanto ideologia dominante regula o nível de “sucesso” destas supostas oportunidades sociais.

4. CONCLUSÃO

Figura 27- jogo das veteranas na final da 2ª edição da Copa



Fonte: Ascom SUDESB

A figura 27 retrata a comemoração coletiva após a partida entre as jogadoras veteranas do estado da Bahia realizada na ocasião da final da 2ª edição da Copa Loreta Valadares no ano de 2023. Esta disputa antecedeu a final da competição na modalidade adulta, entre as equipes Revelação e Misturadas, na qual a primeira, a equipe da cidade de Santo Amaro se sagrou campeã.

O futebol de mulheres vivenciado no estado, bem como no país, foi marcado pelo esquecimento e silenciamento das trajetórias de jogadoras que se tornaram as principais agentes responsáveis pela manutenção e desenvolvimento da modalidade. A precariedade e o sucateamento desta prática, reproduzida nos diversos âmbitos sociais, políticos e institucionais foi constituindo o cenário de violências simbólicas e materiais instituídos pelo padrão colonial racista e patriarcal de dominação e exploração de grupos marginalizados.

Nesta tese, evidenciamos a partir da realização do torneio, bem como, recorrendo aos instrumentos de pesquisa afinados com os objetivos do estudo, os valores socioculturais que permearam a realização deste evento no contexto do estado da Bahia.

Ao mesmo tempo, demonstramos que o poder público constituiu um dos agentes promotores de iniciativas em prol do desenvolvimento da modalidade no estado, concretizado na realização das edições do evento, sobretudo na segunda com recursos próprios, bem como, na ampliação do número de equipes convidadas a cada edição realizada.

Todavia, o compromisso assumido pelos órgãos governamentais de combater o preconceito de gênero no esporte e homenagear as jogadoras pioneiras do futebol no estado mostrou seus limites, reproduzidos pelo racismo institucional expressos nos regulamentos da competição e na ausência de recursos voltados à divulgação do evento.

Nesse contexto, foram potencializadas as iniciativas da sociedade civil, sobretudo das equipes/projetos sociais, no enfrentamento dessas opressões, ao realizarem a divulgação em suas mídias digitais, organizarem rifas, sorteios, vaquinhas virtuais para viabilizarem sua participação na Copa, bem como, na manutenção e desenvolvimento do futebol nos diversos territórios do estado onde eram protagonizadas estas ações.

No capítulo 1 e 2, apresentamos os times participantes das duas edições da Copa, percorrendo sobre as dificuldades e desafios enfrentados cotidianamente nos projetos voltados ao crescimento da modalidade e nos horizontes profissionais das praticantes. Nesse sentido, a Copa se destacou por ter possibilitado um passo adiante desse sonho de valorização do futebol feminino que foi historicamente negligenciado e negado para todo um contingente de praticantes da modalidade.

No capítulo 3, nos debruçamos sobre as histórias de vida das jogadoras participantes das duas edições da Copa, sublinhando suas lutas, sofrimentos e conquistas nesta prática corporal, sobretudo, para as jogadoras negras e lésbicas que constituíram o perfil majoritário das participantes da competição. Apresentamos três histórias, permeadas por mais onze, organizadas em três gerações distintas, nas quais demarcamos as semelhanças e singularidades dos itinerários construídos a partir das narrativas elaboradas acerca das suas vivências no futebol.

As primeiras experiências foram marcadas pela mediação com figuras masculinas, sobretudo nos espaços das ruas, pois não havia meninas suficientes para compor um time e jogarem entre si. E, mesmo quando havia uma equipe feminina, como no caso de Nélia, Márcia, Suzy, jogadoras da primeira geração, não existia possibilidade de vivenciar essa atividade de forma integral uma vez que precisavam conciliar com o trabalho, mas principalmente, por não corresponder às expectativas de uma feminilidade hegemônica, reproduzidas socialmente por familiares em suas trajetórias. Esse processo, regulado pela

racialização de gênero, foi um fator que atravessou as experiências de todas as jogadoras, produzindo um senso de inferiorização e/ou afastamento da prática do futebol em alguns momentos nos episódios narrados.

Por outro lado, foram percebidas transformações nesses contextos socioculturais ao evidenciarmos que na geração das jogadoras mais jovens, a entrada no futebol está sendo realizada mais cedo, bem como, vem sendo mediada por figuras femininas, acenando para mudanças na representação social da modalidade enquanto uma prática de hegemonia masculina.

A participação na Copa Loreta Valadares se mostrou determinante nas trajetórias das jogadoras por se constituir como um espaço valorização, visibilidade e oportunidade de projeção social. Esta iniciativa inédita do estado representou um rompimento frente ao cenário de invisibilidade e apagamento das histórias individuais e coletivas escritas de forma pioneira pelas ex-jogadoras que foram homenageadas na competição, ressignificando seus desfechos de descaso e abandono, retratado pela professora Enny, na historiografia realizada com ex-atletas residentes nas cidades de Jequié e Feira de Santana na décadas de 1970 e 1980.

O horizonte de profissionalização das jogadoras participantes da Copa foi sendo exter “minado” por um contexto colonial, extremamente violento, no qual eram naturalizadas as situações de LGBTfobia, racismo e assédio sofridos pelas praticantes que se constituíam em sua maioria por mulheres negras, de classes populares, jovens e lésbicas. Desta forma, o futebol era significado como uma prática de lazer, de ludicidade, de expressão de emoções, mas sobretudo, de reumanização, no qual eram mobilizadas tensões e enfrentamentos às opressões de gênero, raça e sexualidade vivenciadas no contexto do futebol praticado na capital Salvador e regiões circunvizinhas.

Jogadoras como Taiane, Marielle e Helen expressaram a dimensão que o futebol ocupava em suas vidas, fazendo com que ressignificassem suas formas de ser e se relacionar socialmente, mas principalmente, no compromisso ético e político com a construção de outra realidade na qual as opressões de raça/classe, sexualidade e gênero fossem superadas. Respectivamente em suas falas: “Evitar o máximo que outras pessoas passem para mim já é gratificante demais”; “O futebol é um membro da família”; “Quero pra elas o que eu não tive, vou me dar como outra pessoa talvez não conseguiu me dar”, evidenciamos os processos educativos forjados na prática do futebol por essas jogadoras, nos quais eram compartilhadas relações de intimidade, apoio mútuo e pertencimento coletivo que reatualizavam o legado e a ancestralidade dos povos indígenas e africanos,

promovendo assim, uma “Educação Enquanto Prática de Liberdade”(FREIRE, 2023) e um “Futuro Ancestral”(KRENAK, 2022).

A Copa simbolizou o protagonismo e aliança de mulheres em diversos âmbitos, potencializando as ações e projetos sociais desenvolvidos por diversos agentes desde partidos políticos, governamentais e sociedade civil representados pelas equipes participantes, bem como, de ex- atletas do futebol que atuaram na comissão organizadora e se fizeram presentes em todos os jogos na ocasião da realização do torneio. As jogadoras pioneiras no futebol da Bahia como Dilma, Laura, Lívia, Rosana e Rosane, entre outras, foram igualmente protagonistas e co-responsáveis pela realização de um sonho compartilhado por elas, mas que apenas se tornou realidade a partir das edições do torneio.

Esta experiência significou “uma sementinha”, segundo a ex-jogadora Dilma Mendes, com potencial de tornar-se uma política pública voltada para o esporte e lazer ao dar voz e reconhecimento aos diversos setores envolvidos com o futebol, mas sobretudo, por estar afinada com as necessidades da população de mulheres negras e lésbicas na busca de superação das desigualdades e injustiças sociais a que são submetidas e que ainda persistem na realidade baiana e nacional.

Entretanto, ainda existem lacunas que precisam constituir esse horizonte de transformações almejadas no que tange ao compromisso assumido pelo governo do estado no enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte, principalmente em relação aos incentivos materiais disponibilizados. Nas próximas edições da Copa, poderiam ser alocados recursos e infraestrutura no intuito de garantir a alimentação e transporte das equipes participantes, bem como, alterar o regulamento da competição, permitindo a divulgação de empresas patrocinadoras nos uniformes das jogadoras. Ademais, a premiação poderia ser convertida em valores financeiros destinados à cidade/bairro do time campeão, com a concessão de bolsas de estudo, auxílios para fins de participação de jogadoras em seleções de times de renome do estado e em outros estados do país, intervindo mais diretamente na promoção da profissionalização das participantes do evento.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução: DE MARCO, Édna. **Estudos feministas**, 1º semestre, p. 229-236, 2000.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA. **Ata da 38ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia**, 27 de junho de 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Ludopédio**, São Paulo, 2021.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu**. v.42, p.249-274. 2014.

CAVALCANTI, Tássia. S. et al. “Eu sou Barbie e sou bruta”: o empoderamento no ciclismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 27(2): e54777 DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n254777. 2019.

COSTA, Luciano R.; SANTOS, Yumi G. O “relato de vida” como método das ciências sociais, **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 32, n. 1, pp. 319-346, jan-abr, 2020.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FEDERAÇÃO BAHIANA DE FUTEBOL. **Estatuto Federação Bahiana de Futebol**. 2017. Disponível em: < <https://fbf.org.br/ckfinder/userfiles/files/Estatuto%20Fbf.pdf> > . Acesso em 22 de fevereiro de 2024.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist., São Paulo**, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 56ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 87ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GAVIÃO, Paula Celina S.; FALCÃO, Clodomiro P.; ILHA, Phillip V. Adesão, permanência e barreiras percebidas na prática do futebol feminino. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v.10. n.40. Suplementar 1. p.550-556. Jan./Dez. ISSN 1984-4956. 2018.

GOELLNER, Silvana V.; BOTELHO-GOMES, Paula; SILVA, Paula. Sobre feminismos, o esporte e o potencial pedagógico dessa relação. **Labrys, études**

feministas/estudos feministas, Porto, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys22/education/silvana.htm>. Acesso em: 29 nov. 2019.

_____. A inserção da mulher no universo cultural do esporte. 2012. Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2012/01/28/a-insercao-da-mulher-no-universo-cultural-do-esporte/>. Acesso em 25/09/2024.

_____. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, vol. 19 n. 34, Jan. – Jun. 45-52. 2013.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer – Concepções**. In: _____. (Org). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375p. 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero. 1982.

HAAG, F. R. “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações de sexo no futebol feminino brasileiro. **Mosaico**, [S. l.], v. 9, n. 14, p. 141-160, 2018.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. Tradução: Vinicius Liberato. São Paulo: Editora Veneta, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102052>. Acesso em 23 de fev. de 2024.

KESSLER, C. S. Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. 375 f. **Tese (Doutorado em Antropologia Social)** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2015.

_____. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira De Estudos Do Lazer**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 45-62, 2020.

_____. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: KESSLER, C. S. (org.). Mulheres na área: gênero, diversidade e inserção no futebol. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, p. 21-42. 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOPANAKIS, Annie R.; SILVA, Gustavo R. A.; AIELLO-VAISBERG, Tânia M. Impedimentos no país do futebol. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 29(3): e73166 DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n373166. 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008.

MAFFEI, Wille S. VERARDI, Carlos Eduardo L.; CARVALHO, Bruno J. O interesse feminino pelo futebol na escola. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte. São Paulo. v.11. n.45. p.507-514. Jan./Dez. 2019.

MALVAR, Antônio Jorge M.; SOUZA JÚNIOR, Osmar M. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. Motricidades: **Rev. SPQMH**, v. 5, n. 1, seq. esp., p. 106-122, jan.-abr. 2021. | ISSN 2594-6463 | DOI: <http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463-2021-v5-n1-secesp-p106-122>.

MARTINEZ-MINA, Claudia Y. KESSLER, C. S.; COSTA, L. M.; PISANI, M. S. Escola, futebol e desigualdade de gênero. In: **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Fundação de Apoio a Tecnologia e Ciência- Editora UFSM. 2020.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**. (Porto Alegre), v. 27, e27006, jan./dez. 2021.

MORAES, Enny. V. **Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. 1. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2014.

MOREIRA, M. de F. S.; PRADO, V. M. do; CAVALEIRO, M. C. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 524-546, 2019.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo** / Clóvis Moura. – 5ª ed. - Teresina : EdUESPI, 2021.

MUYLAERT, Camila J.; JÚNIOR Vicente S.; GALLO, Paulo R.; NETO, Modesto L. R.; REIS, Alberto O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm USP**. n 48(Esp2):193-199. 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Anna Tharyne A.; ROCHA, Fátima N. A Inserção da Mulher no Futebol. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 12, n. 2, p. 69-77, mai./ago. 2021.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021

PERES, Wiliam Siqueira; SOUZA, Leonardo Lemos de Souza. **Transfobias, lesbofobias e homofobias invisíveis: problematizações para a psicologia e a educação**. In: Direitos humanos, diversidade, gênero e sexualidade: reflexões, diagnósticos e intervenções na pesquisa em educação / Matheus Estevão Ferreira da Silva, Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo (Org.). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

PIRES, Bárbara A. B.; NOVAIS, Mariana C. B.; TORGA, Monique. MOURÃO, Ludmila N. “Sou mulher e jogo bola”: Questões sobre feminilidades e sexualidades de atletas de futsal. **Arquivos em Movimento**, v.15, n.1, p.114-128, Jan-Jul. 2019.

PISANI, M. S. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. **“Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia social) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

POIT, Davi Rodrigues. **Organização de Eventos Esportivos**. 2.ed. Londrina: D.R. Poit, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina** In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.

RIBEIRO, Edla F; VASCONCELOS, Sandra M. F. A entrevista de narrativa de vida: uma abordagem que revela um gênero. **Macabéa** – Revista Eletrônica do Netlli | V.9., N.4., OUT.-DEZ., p. 209-224.2020.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo), Abr-Jun; 30(2):303-11. 2016.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos. **Nem mulheres, nem negrxs, nem queer of colour (QOC) na liderança do futebol brasileiro!: a interseccionalidade no esporte**. Tese de Doutorado - Universidade federal da Bahia, Salvador, 2021.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SECRETARIA DO TRABALHO, EMPREGO, RENDA E ESPORTE, SUPERINTENDÊNCIA DOS DESPORTOS DO ESTADO DA BAHIA. **Regulamento da Copa Loreta Valadares 2023**. Salvador, 2023.

SECRETARIA DO TRABALHO, EMPREGO, RENDA E ESPORTE. **Regulamento da Copa Loreta Valadares 2022**. Salvador, 2022.

SOUZA, Maria Theresa O.; CAPRARO, André M.; SILVA, Marcelo M. Habilidosas e bonitas: As considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3., p. 883-894, jul./set. 2017.

VIEIRA, Talita V.; JUSTO, José S.; MANSANO, Sônia Regina. Corpo e gênero na experiência inicial de jogadoras de futebol. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 29(2): e79309 DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n279309. 2021.

VIEIRA, Talita M. Futebol e mulheres no Brasil: um jogo possível? **Tese de Doutorado(Psicologia)**. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. 226p. Assis, 2022.

VERGUEIRO, Viviane. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial**. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978-85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>

SITES CONSULTADOS

SEI BA. Bahia é o estado mais negro do Brasil, com 80,8% da população preta ou parda.

Disponível

em:<[GELEDÉS. Desigualdade de gênero e raça na educação brasileira. Disponível](https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4013:bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-80-8-da-populacao-preparda&catid=8&Itemid=565&lang=pt#:~:text=Em%202022%2C%20do%20contingente%20populacional,Nordeste%20(73%2C9%25)>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

em:<[PORTAL DA TRANSPARÊNCIA DA BAHIA. Disponível em:](https://www.geledes.org.br/boletim-seta-01-desigualdade-de-genero-e-raca-naeducacao-brasileira>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

<https://www.transparencia.ba.gov.br/>. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

APENAS 37% dos baianos praticam esporte ou atividade física, diz IBGE. Correio 24h. 17 Mai 2017. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apenas-37-dos-baianos-praticam-esporte-ou-atividade-fisica-diz-ibge/>. Acesso em 20 dez. 2022.

IBGE aponta BA como estado brasileiro com maior nº absoluto de pessoas extremamente pobres. Globo.com. 12. Nov 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/11/12/ibge-aponta-que-ba-e-o-estado-brasileiro-com-maior-no-absoluto-de-pessoas-extremamente-pobres.ghtml>. Acesso em 20 dez. 2022.

GOVERNO do Estado lança Copa de Futebol Feminino Loreta Valadares. Sudesb. 13 jun 2022. Disponível em: <http://www.sudesb.ba.gov.br/2022/06/2029/Governo-do-Estado-lanca-Copa-de-Futebol-Feminino-Loreta-Valadares.html>. Acesso em 20 dez. 2022.

COPA de Futebol Feminino reúne 20 equipes de 4 cidades na Bahia. Leia mais Ba. 01. Jul 2022. <https://leiamaisba.com.br/2022/07/01/copa-de-futebol-feminino-reune-20-equipes-de-4-cidades-na-bahia>. Acesso em 20 dez. 2022.

DEFINIDAS as campeãs da Copa Loreta Valadares 2022. Notícia livre. 30 ago. 2022. Disponível em: <https://noticialivre.com.br/definidas-as-campeas-da-copa-loreta-valadares-2022/>. Acesso em 20 dez. 2022.

LORETA Kiefer Valadares: 1943-2004. Mulher 500. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/loreta-kiefer-valadares-1943-2004/>. Acesso em 20 dez. 2022.

FEDERAÇÃO Bahiana de Futebol. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/pelos-estados/federacao-bahiana-de-futebol-abre-inscricoes-para-o-intermunicipal-202>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

VALENÇA, Marcos; GÓIS, Marcello. Sudesb anuncia segunda edição da Copa Loreta Valadares. A tarde. 2023. Disponível em: <https://atarde.com.br/esportes/sudesb-anuncia-segunda-edicao-da-copa-loreta-valadares-1237360>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

GOVERNO do Estado lança Copa de Futebol Feminino Loreta Valadares. Psnoticias. 2022. Disponível em <https://www.portalsalvadorfm.com.br/noticias/96591,governo-do-estado-lanca-copa-de-futebol-feminino-loreta-valadares#!>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

BAHIA: ‘Copa Loreta Valadares de Futebol Feminino’ começa em julho de 2022. Jornal Grande Bahia. 2022. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2022/07/bahia-copa-loreta-valadares-de-futebol-feminino-comeca-em-julho-de-2022/>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

COPA Loreta Valadares governo da Bahia lança Copa feminina de futebol. Ibahia. 2022. Disponível em: <https://www.ibahia.com/esportes/copa-loreta-valadares-governo-da-bahia-lanca-copa-feminina-de-futebol-veja-detalhes>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

SUDESB anuncia ações para público feminino em evento: Mulheres no Esporte. 2023. Disponível em: <http://www.sudesb.ba.gov.br/2023/03/2187/Sudesb-anuncia-acoes-para-publico-feminino-em-evento-Mulheres-no-Esporte.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

COPA Loreta Valadares de futebol feminino segue com partidas neste final de semana. Criativa online. 2022. <https://criativaonline.com.br/copa-loreta-valadares-de-futebol-feminino-segue-com-partidas-neste-final-de-semana/>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

GOVERNO do Estado lança copa feminina de futebol. Alberto Lopes News. 2022. Disponível em: <https://albertolopesnews.com.br/governo-do-estado-lanca-copa-feminina-de-futebol/>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

COPA de futebol feminino reúne 20 equipes de 4 cidades na Bahia. Leias mais BA. 2022. Disponível em: <https://leiamaisba.com.br/2022/07/01/copa-de-futebol-feminino-reune-20-equipes-de-4-cidades-na-bahia>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

COPA Loreta Valadares de futebol feminino começa neste domingo. Bahia. 2022. Disponível em: <https://www.bahia.ba.gov.br/2022/06/noticias/copa-loreta-valadares-de-futebol-feminino-comeca-neste-domingo/>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

FINAIS Copa Loreta Valadares. Bahia Esportiva. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=422APbY2tGU>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

COPA Loreta Valadares vai fortalecer o futebol feminino. Canal Garra. 2022. Disponível em: <https://www.canalgarra.com.br/copa-loreta-valadares-vai-fortalecer-futebol-feminino/>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

COPA de futebol feminino na Bahia terá o nome de Loreta Valadares. PC do B BA. 2022. Disponível em: <https://www.pcdobba.org.br/noticias-pcdobba/copa-de-futebol-feminino-na-bahia-tera-o-nome-de-loreta-valadares/>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS JOGADORAS

1. Apresentação

Nome:

Idade:

Cor/raça:

Orientação sexual:

Estado civil:

Possui Filhos/as:

Naturalidade:

Crença Religiosa:

Localidade/bairro que reside:

Formação acadêmica:

Quanto tempo de prática:

Equipe(s) que atuou/atua:

2. Me fala da tua história no futebol, desde a primeira vez que começou a jogar até hoje
3. Perceber a influência da família/familiares na entrada e permanência no futebol.
4. Explorar/Mapear o contexto das vivências narradas (cidade onde iniciou no futebol, os incentivos ou obstáculos para o engajamento no futebol.
5. Explorar as vivências nos jogos/campeonatos locais/ regionais/nacionais;
6. Obstáculos/barreiras (buscar explorar nos relatos a questão da sexualidade das atletas e o preconceito de gênero);
7. Profissionalização/ retorno financeiro
8. Pessoas que se inspirou/inspira no futebol que influenciaram/influenciam sua trajetória.

9. Falar das relações entre as jogadoras (brancas, negras, pardas, etc.) e entre as lideranças (capitã da equipe/ técnico/a, bem como, explorar as interações mobilizadas nas partidas disputadas nas edições da Copa Loreta Valadares.

10. Como avalia/percebe/significa o futebol na sua vida hoje?

APÊNDICE B
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MEMBRO DA COMISSÃO
ORGANIZADORA DA COPA

1) Como surgiu a iniciativa de fazer a Copa Loreta Valadares? Qual seu objetivo? Vimos que a 1ª edição foi organizada pela SETRE com apoio da SUDESB e a segunda edição, foi a SUDESB, o principal órgão responsável. Na primeira também teve um recurso da emenda da parlamentar Alice Portugal, mas, na segunda não houve esse incentivo financeiro.

Queria que falasse sobre esse processo de organizar esse evento, como conseguir recursos financeiros e pessoas para organizar, divulgar, apoiar o evento.

2) Percebi que estavam presentes e junto com você na organização e apoio nos jogos em Pituaçu, outras ex-jogadoras (Rosana Vigas, Laura Rodrigues, Lívia), pioneiras do futebol na Bahia, como se deu essa participação na organização do evento?

3) Sobre o processo de “convite” (já que não havia pagamento de inscrição) às equipes participantes da Copa, como foi organizada essa etapa? Vimos que aumentou a quantidade de equipes da primeira pra segunda edição tanto no sub17 como no adulto.

4) Outro ponto importante foi a divulgação do evento. Vimos que desde 2019 (no primeiro semestre) haviam notícias sobre a realização da Copa que só foi concretizada em 2022, quais os fatores que adiaram a realização?

5) Ainda sobre a divulgação, como se deu esse processo? Vimos que havia um perfil no instagram tanto na primeira como na segunda edição, além de sites da região que divulgaram algumas notícias sobre a realização do evento como os resultados das etapas classificatórias e sobre as finais... Os sites entravam contato com a organização do evento para fazerem as notícias?

6) Sobre a cobertura do evento, vimos que na primeira edição foram transmitidas pelo *youtube*, as finais do evento, mas na segunda não foi feita a mesma cobertura.

7) Sobre a torcida, vimos que não havia muito público presente no jogos da segunda edição, o que atribui a pouca participação da torcida e população em geral de Salvador e outras cidades participantes (como Lauro de Freitas, Camaçari, Dias D'ávila, Santo Amaro)?

8) Sobre os horários das partidas e locais dos jogos (no Barradão, o sub17), vimos que algumas jogadoras reclamaram dos horários de muito sol, pois, por se tratar de mulheres em sua maioria com pouco condicionamento físico ficava mais difícil ter um melhor desempenho, além de dificultar a participação da torcida nos jogos...como a organização viu essa questão?

9) Além dessas dificuldades, quais os maiores obstáculos/barreiras enfrentadas para a realização da Copa (nas duas edições 2022 e 2023)?

10) Como a Copa Loreta pretende se concretizar enquanto uma política pública do governo do estado no enfrentamento às desigualdades de gênero no futebol? quais os principais desafios?

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO -MEMBROS DAS EQUIPES TÉCNICAS DOS TIMES

Este questionário faz parte da pesquisa de doutorado da discente Tássia de Souza Cavalcanti, (email:tassia.cavalcanti@gmail.com; 87- 991929650(whats), vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação(DINTER) pela Universidade Federal da Bahia(UFBA) e que tem como objetivo: Analisar as questões de gênero a partir das histórias e vida de jogadoras de futebol mobilizadas pela participação na Copa Loreta Valadares.

Pedimos a todos/as os/as integrantes das comissões técnicas das equipes participantes da Copa que respondam as perguntas, não é obrigatório se identificar, só aqueles/as que quiserem.

Agradecemos a participação de todos/as e solicitamos que nos indiquem jogadoras que tenham interesse de participar das entrevistas que serão realizadas ao final da pesquisa.

QUESTIONÁRIO

- 1) Quando começou a atuar na equipe como técnico/a. Contar sua história nesse time, se já passou por outras equipes que participaram da Copa Loreta Valadares.
- 2) Qual foi sua motivação para atuar no futebol feminino?
- 3) Local que treinam: campo gramado, terra batida, quadra, estádio, etc.
Bairro: _____
Cidade: _____
- 4) Quais modalidades de futebol vocês praticam? (futebol de campo, futsal, futebol de 7, de várzea, etc.)
- 5) Quantas vezes por semana ocorrem os treinos: _____
- 6) Como fazem para participar dos eventos esportivos: tem patrocínio? Tem incentivo de algum órgão público?
- 7) Quais foram/são os maiores obstáculos/barreiras no seu trabalho como técnico/técnica de futebol feminino?
- 8) Como foi a experiência de participar da Copa Loreta Valadares? Participaram das 2 edições (2022 e 2023)?
- 9) Sua percepção do futebol de mulheres no cenário baiano e nacional.

APÊNDICE D
QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Questionário sociodemográfico - Copa Loreta Valadares - 2ª Edição

Este questionário faz parte da pesquisa de doutorado da discente Tássia de Souza Cavalcanti, (email:tassia.cavalcanti@gmail.com; 87- 991929650(whats), vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação (DINTER) pela Universidade Federal da Bahia(UFBA) e que tem como objetivo: Analisar as questões de gênero a partir das histórias e vida de jogadoras de futebol mobilizadas pela participação na Copa Loreta Valadares.

Pedimos a todas as jogadoras participantes da Copa que respondam as perguntas, não é obrigatório se identificar, só aquelas que quiserem.

Agradecemos a participação de todas e convidamos, as que se sentirem à vontade, para participar das entrevistas que serão realizadas ao final da pesquisa.

- 1.Nome(opcional):_____
- 2.Equipe que está representando na Copa Loreta Valadares:_____
- 3.Idade:_____
- 4.Cor/raça:_____
- 5.Orientação sexual:_____
- 6.Estado civil:_____
- 7.Possui Filhos/as: () Sim Não()
- 8.Naturalidade (onde nasceu):_____
- 9.Crença Religiosa:_____
- 10.Localidade/bairro que reside:_____
- 11.Ocupação(informar qual trabalho, mesmo que seja informal):

- 12.Renda Familiar: () 1 Salário Mínimo () 2 Salários Mínimos () 3 Salários Mínimos
() 3 a 4 Salários Mínimos () Acima de 5 SM
- 13.Pratica alguma religião? qual?

14. Escolaridade: () Médio () Superior Incompleto () Superior Completo () Mestrado
() Doutorado

15.Quanto tempo de prática no futebol (futsal, fut 7, várzea, etc.):

16.Quais equipes que jogou (Informar os nomes e a cidade das equipes)?

17.Participou da 1ª Edição da Copa Loreta Valadares em 2022? () Sim () Não

18.Tem interesse em participar de uma entrevista (sobre a história de vida no futebol de mulheres e sobre a Copa Loreta) que será realizada em outro momento? Se sim, favor informar seu contato do whats para agendarmos.

19.Comentário e/ou avaliação da sua participação nesse evento (Copa Loreta Valadares)

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO(TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - DINTER EM
EDUCAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa “AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS JOGADORAS DE FUTEBOL DA COPA LORETA VALADARES” que está sob a responsabilidade da pesquisadora Tássia de Souza Cavalcanti– Contato: (87) 991929650, E-mail: tassia.cavalcanti@gmail.com, e está sob orientação do Profº. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, Faced/UFBA, E-mail: bruno.abrahao@ufba.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável. Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

Nesta pesquisa pretendemos: **Analisar as questões de gênero a partir das histórias e vida de jogadoras de futebol mobilizadas pela participação na Copa Loreta Valadares.** Nos interessa estudar as questões de gênero no futebol de mulheres, pois, buscamos investigar os processos raciais nas histórias de vidas das participantes da Copa Loreta Valadares. Por outro lado, buscaremos conhecer de forma mais aprofundada a influência dos valores culturais nas diversas formas de acesso e permanência das praticantes ao futebol de mulheres.

Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar. Envolvimento na pesquisa: Ao aceitar colaborar com este estudo você participará de uma entrevista narrativa, moderada pela pesquisadora responsável, com duração média de 30 a 60 minutos; a ser realizada presencialmente em local previamente definido de acordo com a disponibilidade da entrevistada. Este encontro será gravado em formato de áudio a fim de serem transcritas com fidedignidade as falas das entrevistadas. A adesão a esta etapa ocorrerá de forma voluntária. Você possui a liberdade de se recusar a participar, e/ou ainda se recusar a continuar participando em qualquer momento da coleta, sem qualquer prejuízo. Possui ainda plena autonomia para não responder quaisquer perguntas que de algum modo possa lhe constranger, causar-lhe desconforto ou que possa expô-la de forma indevida, se assim considerar. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com

Seres Humanos conforme a Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Fica garantida a manutenção do sigilo e da privacidade das participantes, mesmo após o término da pesquisa. Nos comprometemos a manter sua identidade em sigilo ao publicar os resultados. Os dados coletados nesta pesquisa, relatos transcritos em formato de áudio, ficarão armazenados numa pasta de arquivos no computador pessoal sob a responsabilidade da pesquisadora - os mesmos serão submetidos a processo de encriptação para garantir a segurança e sigilos dos dados -, pelo período de no mínimo 05 anos.

Riscos: Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o presente estudo pode apresentar riscos. Poderão ocorrer alguns riscos de caráter psicológico, como algum desconforto emocional e/ou constrangimento ao responder entrevistas e na inserção da pesquisadora nas equipes de futebol e/ou nos grupos familiares das jogadoras; Para tanto, algumas medidas serão tomadas por parte da pesquisadora para tentar minimizar estes riscos. A pesquisadora tentará, favorecendo e garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras, ficar sempre atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto e assegurar às participantes a confidencialidade e a privacidade, a proteção dos dados a serem fornecidos pelas mesmas. Outro ponto a ser levado em consideração é garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes por se tratar de uma pesquisa que envolve comunidades. Caberá à pesquisadora responsável, que atua como psicóloga, identificar as condições aversivas e os possíveis danos causados às participantes e realizar os encaminhamentos necessários. As participantes que porventura se sentirem desconfortáveis poderão ser encaminhadas para rede socioassistencial e/ou de saúde mais próxima da sua residência, CAPS, CRAS, Unidade de saúde, hospital, Universidade, etc.

Benefícios: Temos como benefício desta pesquisa poderá contribuir com reflexões no campo dos estudos de gênero na educação, bem como, na construção de conhecimentos sobre as opressões de gênero e suas estratégias de resistência visando o fortalecimento individual e coletivo frente à essas problemáticas vivenciadas nos contextos esportivos e de lazer. Portanto, espera-se que a pesquisa possa gerar ações, debates e problematizações acerca do lazer e esporte além das aulas de educação física visando que esse campo de estudo ganhe mais espaço social e acadêmico. As participantes da pesquisa serão beneficiadas individualmente com esse estudo ao terem oportunidade de dar visibilidade no campo acadêmico às questões vivenciadas no futebol de mulheres no que tange às suas experiências pessoais (de realização com o futebol, enfrentamento ao preconceito de gênero) e profissionais (aspirações de se profissionalizar e ganhos financeiros e sociais advindos, entre outras questões relevantes que serão pautadas individualmente pelas jogadoras).

Garantias éticas: Garantias éticas: Será garantido à participante total compromisso ético. Você não pagará nada para participar desta pesquisa. Todas as despesas da participante e seu(s) acompanhante(s) que venham a ocorrer com a pesquisa poderão ser ressarcidas pela pesquisadora responsável. É garantido ainda o seu direito à busca por indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, nos termos da Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNE). Fica assegurada a garantia de acesso aos resultados deste estudo. Sempre que quiser poderá solicitar aos

pesquisadores mais informações sobre o estudo e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo. Reiteramos que você tem liberdade de retirar sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas, uma das quais ficará com a participante e a outra com a pesquisadora. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, entrevistas, fotos, filmagens), ficarão armazenados em (pastas de arquivo no computador pessoal da pesquisadora) e passarão por um processo de encriptação dos dados, sob a responsabilidade da (pesquisadora Tássia de Souza Cavalcanti), no endereço (acima informado), pelo período de no mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Assinatura da pesquisadora responsável pela aplicação do TCLE

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo, assinado, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo “AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS JOGADORAS DE FUTEBOL DA COPA LORETA VALADARES”, como voluntária. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e Data

Assinatura da participante

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar.

(02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:

Assinatura:

Nome:

Assinatura:

Pesquisadora Responsável: Tássia de Souza Cavalcanti

Endereço: residente da Rua 12, Cohab 6, Petrolina-PE – Pernambuco

Contatos: (87) 991929650

E-mail: tassia.cavalcanti@gmail.com

Pesquisador Participante: Prof^o. Dr. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão Faced/UFBA

Endereço: Vale do, Av. Reitor Miguel Calmon, s/n - Canela, Salvador - BA, 40110-100

E-mail: bruno.abrahao@ufba.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do IF SertãoPE no endereço: Reitoria: Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal,2364,<http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa,cep@ifsertao-pe.edu.br>; ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, conep.cep@saude.gov.br.